



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAELE MOREIRA SANDES CAVALCANTI

**POTÊNCIAS DO FEMININO NO EMPREENDEDORISMO DO
SERTÃO ALAGOANO – DELMIRO GOUVEIA**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

MAELE MOREIRA SANDES CAVALCANTI

**POTÊNCIAS DO FEMININO NO EMPREENDEDORISMO DO
SERTÃO ALAGOANO – DELMIRO GOUVEIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de História, apresentado a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão.

Orientadora: Profa. Ma. Sergiana Vieira dos Santos

DELMIRO GOUVEIA –AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

C376p Cavalcanti, Maele Moreira Sandes

Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano
- Delmiro Gouveia / Maele Moreira Sandes Cavalcanti. – 2019.
103 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Sergiana Vieira dos Santos.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de
Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019.

1. História – Alagoas. 2. História oral. 3. Mulher. 4. Empreendedorismo. 4. Delmiro Gouveia – Alagoas. 5. Alto sertão. I. Título.

CDU: 981(813.5)

FOLHA DE APROVAÇÃO

MAELE MOREIRA SANDES CAVALCANTI

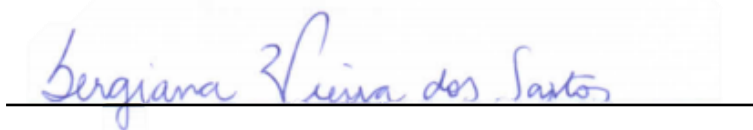
POTÊNCIAS DO FEMININO NO EMPREENDEDORISMO DO SERTÃO ALAGOANO – DELMIRO GOUVEIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de História, apresentado a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão.

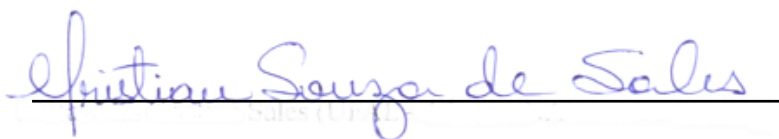
Orientadora: Prof^a Ma. Sergiana Vieira dos Santos

Aprovado em 03 de Setembro 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Ma. Sergiana Vieira dos Santos (Orientadora)
História – Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão



Prof^a Ma. Cristian Souza de Sales (coorientadora)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Prof^o Me. Samuel Barbosa Silva (Avaliador externo)
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Dedico a Deus por ser misericordioso e grandioso na minha vida entre altos e baixos que me proporcionou, a traçar mais uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que tem estado em minha vida e me ensina a melhorar cada dia;

A minha mãe em memória de alguns conselhos valiosos, apesar das indiferenças foi mãe e pai;

Ao meu companheiro Jailson por sempre se preocupar com os detalhes da minha jornada acadêmica;

Aos meus familiares, meu tio/pai Antônio que desde a minha infância compreende a importância educacional, minhas avós dona Dalva que sempre foi minha mamãe, a dona Lurdes, uma guerreira que me inspira todos os dias, tias Maciene, Edna, Cristiane, Hélia, Quitéria, mulheres fortes além da minha prima irmã Tayse;

Aos amigos, de infância Annyedja; que a vida aproximou, Rakel, no qual contribuiu imensamente na minha pesquisa, além de Ricardo, apesar de pouco tempo já mora em meu coração também;

Aos meus companheir@s de trabalho, que se fez presente em diversos pontos na minha pesquisa, mesmo que indiretamente, pois força a gente não dar, se transmite;

Ao meu pastor e pai de coração Antônio Sebastião que sempre orou para meus estudos;

A minha orientadora Professora Ma. Cristian Souza de Sales, que motivou outros olhares e me desafiar mesmo que não compreenda os caminhos que trilho.

A professora Sergiana, que me deu mais do que auxílios historiográficos, me ajudou a enxergar o feminismo forte em cada mulher (mesmo que ela não saiba em suas falas em encontros e palestras e rodas feministas), além de Professoras que passam em nossas vidas indiretamente amigas de sempre espíritos de luz,

A Beatriz Araújo sempre Bia, que sempre mandava positividade em encontros pelos corredores da Universidade e fora dela;

A Adriana Deodato, minha professora plena, mais que positiva única; o qual partilho de variáveis descobertas, aceitações, amizade e muitos cafés;

Aos os professores que contribuíram na minha formação acadêmica durante curso; A todos, muito obrigada!

*A mulher sábia edifica a sua casa,
mas com as próprias mãos
a insensata derruba a sua.*

(Bíblia- Provérbios 14:1)

RESUMO

A presente pesquisa aqui apresentada parte das questões que envolvem empreendedorismo feminino no Alto Sertão delmirense. Este trabalho teve por objetivo refletir a respeito do empreendedorismo feminino no Sertão alagoano, especificamente em Delmiro Gouveia, cidade a qual estão arraigadas práticas empreendedoras desde as primícias do seu surgimento e mesmo vertentes patriarcais, que marcam um cenário forte de mulheres, que construíram ou motivaram a construções do negócios que atuam. Partem à luz das práticas teóricas e metodológica na qual focalizam no perfil das nossas mulheres empreendedoras delmirenses dos diversificados ramos formais e informais. Desta maneira, a pesquisa tem por relevância responder as lacunas de uma história de empreendedoras no Alto Sertão e seus perfis distintos, para além da classe trabalhadora. Utilizou-se dos métodos como entrevista juntamente com a teorização da História Oral, também uso da pesquisa de campo com base em um questionário pré-estruturado entregue as nossas cinco entrevistadas, e a análise dos conteúdos. Mas antes de tudo, tivemos que percorrer o silenciamento histórico dado as nossas mulheres por muito tempo (historiograficamente), pois só assim percorrer a voz que muitas vezes nos fora negligenciada, ajudando na compreensão e na importância de tal problema de invisibilidade de nossas mulheres e o espaço percorrido. Utilizo de uma sucessão de linhas teóricas e múltiplos campos das ciências sociais historiadores, sociólogas, filósofas, psicóloga e antropólogos, afim de compreender por diferentes olhares nossa marginalização, delimitando do século XIX aos dias atuais, no qual abordam as relações de poderes conflituosos, o lugar de não fala, além do espaço de trabalho. Utilizo de historiadoras como Perrot (2005; 2012); Vaquinhas (1997); Soihet (1997); Pinsky (2013); Pedro (2003; 2013), Napuceno (2013), Alberti (1996;2004), Correia (1998) das sociólogas como Saffioti (2015); Davis (2016); a filósofa Carneiro (2009); a psicóloga Jonathan (2011); além dos filósofos Pollak (1989); Foucault (1996); de historiadores Barros (2011); Le Goff (1990); Roger Chartier (1997); entre outros autores. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que há variás percepções da concepção de mercado de trabalho, demonstrando através dos perfis empreendedores cada dia mais aperfeiçoamento de seu trabalho; além das reflexões notáveis sobre reconhecimento do espaço conquistado, dos conflitos ainda recorrentes na esfera pública e privada das nossas mulheres sertanejas e como resistência é a palavra chave que resumem nossas empresárias.

Palavras-chave: Mulheres. Empreendorismo. Trabalho. Delmiro Gouveia- AL.

ABSTRACT

The present research presents here part of the issues involving female entrepreneurship in Alto Sertão delmireense. This work aimed to reflect on female entrepreneurship in the Alagoas Sertão, specifically in Delmiro Gouveia, a city which is rooted entrepreneurial practices since the beginning of its emergence and even patriarchal strands, which mark a strong scenario of women, who built or motivated to the business constructions that act. They depart in the light of the theoretical and methodological practices in which they focus on the profile of our Delirean women entrepreneurs from diverse formal and informal branches. Thus, the research has the relevance to answer the gaps of a history of entrepreneurs in Alto Sertão and their distinct profiles, besides the working class. We used the methods as an interview along with the oral history theorization, also use of field research based on a pre-structured questionnaire delivered to our five interviewees, and content analysis. But first of all, we had to go through the historical silencing given to our women for a long time (historiographically), because only then do we go through the voice that we have often been neglected, helping to understand and importance of such a problem of invisibility of our women and the space traveled. I use a succession of theoretical lines and multiple fields of the social sciences historians, sociologists, philosophers, psychologists and anthropologists, in order to understand through different perspectives our marginalization, delimiting from the nineteenth century to the present day, in which they deal with the relations of conflicting powers. place of not speaking, beyond the workspace. Use of historians such as Perrot (2005; 2012); Kitties (1997); Soihet (1997); Pinsky (2013); Pedro (2003; 2013), Napuceno (2013), Alberti (1996; 2004), Correia (1998) of sociologists such as Saffioti (2015); Davis (2016); the philosopher Carneiro (2009); the psychologist Jonathan (2011); besides the philosophers Pollak (1989); Foucault (1996); by historians Barros (2011); Le Goff (1990); Roger Chartier (1997); among other authors. According to the results obtained, we find that there are various perceptions of the conception of the labor market, demonstrating through entrepreneurial profiles more and more improvement of their work; In addition to the remarkable reflections on the recognition of the conquered space, the still recurring conflicts in the public and private sphere of our country women and as resistance is the key word that summarize our businesswomen.

Keywords: Women. Entrepreneurship. Job. Delmiro Gouveia- AL.

LISTAS DE ABREVIATURA

BM - Brasil Mulher

CMC - Centro de Mulheres do Cabo

CMN - Casa da Mulher do Nordeste

CSM - Centros de Saúde da Mulher

NEM - Núcleos de Estudos sobre a Mulher

NEIM - Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher

ONGS - Organizações Não Governamentais

PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEMULHER - Secretaria Especializada da Mulher no Estado de Alagoas

SPM - Secretaria de Políticas para Mulher

UFBA - Universidade Federal da Bahia

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. DA INVISIBILIDADE A VISIBILIDADE DAS MULHERES NO FAZER HISTÓRIOGRÁFICO	15
2.1. Um longo silêncio	15
2.2. Silenciamentos e exclusões históricas.....	21
2.3. Corpos femininos (in)visíveis	24
2.4. Opressão no espaço doméstico.....	28
2.5. A pele que habita	32
3. INSUBMISSÃO DA VOZ E RECONQUISTA DO ESPAÇO PÚBLICO: RESISTÊNCIAS E FEMINISMOS	40
3.1. Mais do que um apêndice.....	40
3.2. Insurgências femininas no Sertão.....	44
4. NARRATIVAS DE SI COMO FONTES HISTÓRICAS EM DELMIRO GOUVEIA: VOZES QUE RECONTAM.....	51
4.1. Empreendedorismo(s): uma nova pauta.....	51
4.2. Metodologias da pesquisa: ao encontro das vozes-mulheres empreendedoras delmirenses 53	
Delmiro Gouveia.....	55
4.3. O feminino em questão	57
4.4. “Eu não sou Feminista”	59
4.5. Agora que são elas!	63
5. Considerações finais	72
6. REFERÊNCIAS	74
ANEXOS.....	78

1. INTRODUÇÃO

Conceber o empreendedorismo feminino delmirensense como objeto tem por motivação refletir sobre tal prática no Sertão alagoano, em particular, na cidade de Delmiro Gouveia. Esta investigação busca realizar entrevistas com mulheres empreendedoras de diferentes clivagens do mercado de trabalho. Para tal, foram selecionadas cinco mulheres, cujas vozes e narrativas contribuíram para pensar a presença feminina como empreendedora no mercado de trabalho em Delmiro Gouveia.

Ao considerar suas práticas empresariais diversificadas em um amplo mercado de trabalho enfrentados por nossas mulheres, mas que não são expressos na história delmirensense até então, a desigualdade tenta ser driblada. É necessário refletir sobre suas vozes no mercado de trabalho devendo levar em consideração todos os variados perfis e compreensão sobre o que atuam. Devemos pensar na importância social de cada uma, e nas novas narrativas para uma história de mulheres no alto sertão delmirensense e sua influência nos setores do mercado de trabalho específico.

Ao tentarmos nos lançar enquanto mulheres que têm sua própria história e modificam o espaço político e público, consideramos fatores sobre as visões empreendedoras ou não, se compreendem e interligam-se ao feminismo de apropriada maneira. Evocamos o feminismo e suas equivalências essenciais. As escritas de nossas vidas produzem vozes e resistências, além de empoderamento, consciência de trabalho como uma reflexão dos variados perfis empresariais de nossas sertanejas. É, portanto, importante falar sobre empreendedorismo feminino porque é em função desta história de subjugação que a mulher combate tantos obstáculos na qualidade de empreendedora.

Esta pesquisa está estruturada da seguinte forma: Introdução do trabalho; o segundo capítulo, “Da invisibilidade a visibilidade das mulheres no fazer historiográfico”, traz destaque da ordem da invisibilidade e suas principais ponderações em formas discursivas e hegemônicas, excluindo nossas mulheres nas ciências sociais, na escrita e dos seus corpos. Nesse capítulo, utilizamos o aporte teórico dos cientistas sociais que enfatizam mulheres na história e as relações de poder a exemplo de Perrot (2005; 2012), Pollak (1989), Foucault (1996), Soihet (1997), Vaquinhas (1997), Davis (2016), Carneiro (2009), Wernek (2010), Nepomuceno (2003), Moreira (2007). No terceiro capítulo, concebo a perspectiva da “Insubmissão da voz e reconquista do espaço público: resistências e feminismos” e tem por abordagens centrais trazer a visibilidade e o feminismo enquanto resistência e ferramenta de luta das mulheres entre XX-XXI, para além de ações de resistências em um todo, mas que também abordam a cena

nordestina das insurgências das nossas mulheres. Para tais concepções utilizo Rachel Soihet (2013), Maria Ligia Prado (2013) e Stella Scatena (2013), Bebel Napuceno (2013) e Cristina Scheihe (2013), Joana Maria Pedro (2003), Mirian Knox (2010), Durval Muniz (1999), Esmeraldo (2006), Cordeiro (2006), Buarque; Lopes; Medeiros e Wright (2006), Torres; Ferreira; Batista (2006), Cruz (2006), Costa (2006), Chaves; Severien (2006). O quarto capítulo, “Narrativas de si como fontes históricas em Delmiro Gouveia: vozes que recontam”, traz a parte primordial da pesquisa, pois, neste capítulo, estão contidas o objeto de estudo: mulheres empreendedoras delmirenses, seus perfis, as reflexões sobre os papéis femininos e o mercado de trabalho e suas compreensões, sobre tal cena no Alto Sertão de Alagoas. Os papéis sociais resultaram em repensar empoderamento, feminismo e trabalho na região aqui compreendida, mas só foi possível chegar por meio do aporte teórico-metodológico das técnicas de Pesquisa e uso da História Oral e entrevistas pré-estruturadas, além da análise qualitativa das vozes e narrativas das nossas empresárias. Embasamos nossa pesquisa em Verena Alberti (2004), Marconi e Lakatos (2011), José Carlos Sebe e Fabiola Holanda (2011), Correia (1998), Pericles (2016), Bassanezi (2013), Perrot (2005;2007), Soihet (2002), Matos (2013), Eva Jonathan (2011), Saffioti (1981) Grzybovski (2002).

A presente pesquisa traz a importante reflexão sobre o empreendedorismo de mulheres delmirenses se há o reconhecimento da existência ou não das suas práticas por si mesmas, em suas narrativas de vidas. Foi também possível constatar que, apesar das diferenças de mundo (classe), idade e perspectiva sobre as demandas empreendedoras, o objetivo de todas, podemos afirmar, em essência é a mesma. Trata-se da luta constante em seus variados espaços de trabalho quando aprofundados e alinhados aos diversificados aportes teóricos trazem a luz do trabalho feminino em debate, trabalhos de dupla jornada em sua maioria, entre o público e o privado e o dinamismo feminino empresarial.

Ficam claras que nossas sertanejas sofrem também com a marginalização, mas, através de apontamento teórico/metodológico aqui realizado, começamos a criar novas pontes entre o singular e coletivo da cada uma (ideias compartilhadas nas narrativas) pontos principais a serem reconhecidos como importante, inclusive ‘a minha’ enquanto futura historiadora. Através da pesquisa de campo foi possível observar variadas formas de resistência feminina no alto sertão que possibilitam um cenário para além da sujeição que muito fora pregrada as nossas sertanejas, são resultados de tais fatos que contribuíram para ampliação do novo campo de empresárias que são ou não oriundas de Delmiro mas aqui se estabeleceram, mulheres delmirenses de coração, sejam pela forma do empreendedorismo como afirma Eva G. Jonathan (2011) quando nos mulheres buscamos empoderar-se, eleva-nos contra a subjugação

do seu papel social e cultural.

2. DA INVISIBILIDADE A VISIBILIDADE DAS MULHERES NO FAZER HISTÓRICOGRÁFICO

2.1. Um longo silêncio

Ser Mulher

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada para os gozos da vida; a liberdade e o amor; tentar da glória a etérea e altívola escalada, na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada para poder, com ela, o infinito transpor; sentir a vida triste, insípida, isolada, buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto para a larga expansão do desejado surto, no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza! ficar na vida qual uma águia inerte, presa nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

GILKA MACHADO
(Cristais partidos, 1915).

O ser de quem se fala no poema é um ser que parece nascer com o destino traçado. Tal destino se constitui de anseios, procuras e buscas consideradas inalcançáveis por uma realidade triste e moderadora. Esse Ser, movido pelo desejo de voar, tenta fortalecer as asas machucadas pelas palavras, pelos olhares e pelas dores físicas acumuladas durante vidas inteiras, ou vidas pela metade. “Águia inerte”, o ser mulher continuamente se remexe nas correntes sociais desestruturando a prisão em que foi posta.

O soneto de autoria de Gilka Machado, tem por finalidade discutir o silenciamento/apagamento da mulher durante o século XIX- XX, sem oferecer um esgotamento da reflexão temática. O presente período demarca transformações sensíveis na sociedade que elencam do social ao político. No entanto, assim como um período de transformações, há uma forte resistência à afirmação da mulher autora e sujeito de sua própria história, para além do lar e da construção familiar, elencando pontos principais do recorte temporal.

Assim como Gilka Machado, que teve seu trabalho marginalizado, enquanto negra,

brasileira, ousou na escrita mesmo sendo uma tarefa delegada aos homens¹. A poetisa não é apenas simbolizada pela sua escrita desafiadora, mas, sim, pela coragem de alçar voo e colocar sua voz contra o modelo social de patriarcado, que tentou nos oprimir e estabelecer padrões do que é ser mulher.

Machado foi considerada uma brilhante escritora e não se deixou abalar, nem de escrever por sua condição sexual, posta como inferior na sociedade da época, pois era vista como uma pioneira que contraria o pragmatismo do masculino dominante².

A autora não foi à única entre as mulheres que lutou contra as desigualdades, mas teve uma participação simbólica para que outras entre nós mulheres lutemos pelo que é nosso de direito; contribuiu para a voz, seja pela escrita, pela luta (resistência), se fazer desilenciada, o que ultrapassou séculos e repercutiu na atualidade³.

Gilka traz consigo críticas e denúncias enquanto mulher, escritora, intelectual, não sendo mais vista como objeto, mas sim, uma das muitas vozes femininas produtoras de discurso (intelectualidade/saber/escrita). Mesmo sendo criticada e trazida como uma ‘matrona imoral’ (DIAS, 2013, p. 3) por muitos autores da época, o eu-lírico que a autora expressava era comparado a sua vivência; assim, foram criados rótulos para a disparidade e a marginalidade contida em Gilka.

Mas o questionamento que abro sobre a escritora, em suas decisões do rumo da escrita é: Gilka ofendeu a quem? O fato de somente homens ocuparem um lugar de prazer imutável e de se sentirem intocados por uma mulher levantou-se contra os padrões morais de quem? Apenas a mulher deve sentir pudor?

Nós, mulheres, fomos posicionadas na história oficial como apêndice. História esta que nega, silencia e, muitas vezes, obscurecem nossa existência, em uma linguagem simbólica que trouxe consigo as correntes/amarras, que são expostas na escrita da Machado e de muitas outras espalhadas pelo mundo, como Delmira Agostini (1890-1914), no Uruguai, e Florbela Espanca (1894-1930), em Portugal (produtoras de literatura erótica, criticadas pelo gênero que

¹ O patriarcado pode ser entendido como a diferença sexual que se converte em diferença política, expressada em liberdade ou em sujeição afirma, a Heleieth Saffioti (2015), como algo que começa do homem- mulher, ordenado de dominação-exploração e muitas vezes se intensificam com a violência; um ato ideológico; In: *Gênero, Patriarcado e Violência*;

² Meu objetivo neste capítulo não é debater sobre as questões raciais nem as desigualdades impostas por este viés, trago a temática racial no tópico 1.6, mas saliento que autora Gilka Machado estava inserida em uma sociedade discriminatória por ser mulher e negra em pleno Rio de Janeiro no fim do século XIX, temática racial e discutida por Angela Davis (2016) e o sistema escravista no Estados Unidos e sua influencia no apagamento das mulheres negras e escravas e a luta por direitos.

³ O que trago como desilenciamento é algo arraigado à negação do silêncio, fazendo-se negação e oposição de se manter oculta/distante da história, termo que utilizo em várias partes desta monografia para negar e afasta-se de formas de negação da voz das mulheres.

escolheram, exemplificam a misoginia de poder⁴).

Nesse processo de lutas e opressões, nosso apagamento enquanto mulher tem uma carga extra, seja nas conotações ou na construção cultural de uma sociedade em que o homem é o centro. Por mais que existam os ‘sujeitos excluídos na história’ (PERROT, 2005, p.11), que incluem tanto homens quanto nós, mulheres, nosso apagamento/silenciamento é mais profundo, seja pelo gênero, disparidade étnico racial, classe ou nas bases ideológicas patriarcais inseridas na maioria das sociedades.

Nossos corpos e vidas foram consideradas por muito tempo como propriedades dos homens, antes de seu pai/irmãos que se delega para o esposo/filhos, diferente do homem excluído que ainda se delega como a centralidade do modelo de lar com lugares intocados no eixo da família; padrões que não deixam de ser hierárquicos, mesmo para o sujeito que não tem centralidade no âmbito econômico e em lares populares das zonas pobres (proletários, negros, ou comerciantes populares).

Uma das principais autoras que trazemos para essa discussão da temática sobre mulheres excluídas é a historiadora Michelle Perrot (1988). A autora, em seu livro *Os Excluídos da história*, salienta que a mulher, principalmente no lar, e sobre o sistema industrial no qual está inserida na Europa, principalmente na França, não obteve rumos de liberdade e maior autonomia. As desigualdades eram bem visíveis, pois transformaram a mulher proletária para funções inferiores e triplicadas entre lar e labor (quando eram controladas por seus esposos).

De acordo com Perrot, ainda há outras obras que remontam a misoginia existente no século XIX e se estendem aos séculos posteriores, a exemplo de *Mulheres ou silêncios na história* (2005) ou obras organizadas juntamente com Georges Duby e Geneviève Fraisse, no qual esboçam a *História das Mulheres no século XIX* (1991). Essa obra possui artigos que influenciam a contrapor o papel que nos designam de inferioridade, e o apagamento historiográfico e social que fora feito.

A teoria da autora é proposta sobre a ótica da história social e marxista. Perrot foca nas bases divergentes através do sistema capitalista, ao trazer questões que desconstroem um papel imposto pelas bases patriarcais, dialogando sobre os silêncios que são relegados à nossa vida, se não fôssemos excluídas totalmente. Porém, estamos para além dos rótulos: fomos e somos a força motriz das fábricas, trabalhando triplamente fora e dentro do lar.

⁴ Por mais que seja a opressão e a inferiorização da mulher para muitos teóricos a exemplo de Michellet, Stuart Mill e Nietzsche e outros, sejam algo comum. O termo misoginia que utilizo abarca o preconceito ‘contra a mulher e sua transformação em inferior, não tomando o termo na utilização no período do século XIX, pois seria anacrônico, mas enfocam nas desigualdades enfrentadas por nós em meio a produções de um campo desigual; Vê mais In: Poesia erótica e construção identitária: a obra de Gilka Machado /Anuário de Literatura 7, 1999, p. 241-272. Acessado: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5305/4733>

Para conceituar marxismo trazemos José D'Assunção Barros (2011), que delimita como uma estrutura dos estudos história econômica e também do meio material, ou melhor dizendo, um materialismo histórico. Nomeado como marxismo em muitos das ocasiões, por seus historiadores, tendo ou não ligação direta com os estudos do Marx. Mas de forma geral, analisam todos os aspectos também tomando a projeção da análise social e bases o sistema produtivo⁵.

É importante também delimitar o que chamo de silêncio, para isso utilizo a síntese das obras de Perrot (2012). A autora afirma que o silêncio é uma formação e movimento dos sentidos (discursos ideológicos/ hierarquização sexual e econômica); também, na ligação do não-dizer, este que pressupõem como os excluídos da história, ideologia adotada e pregada por não falar dos sujeitos.

Para Perrot o não-dizer é algo que afirma e põe o patriarcado sobre o discurso de superioridade e reafirmação de lugar de direito, ou seja, nós mulheres sofremos fragmentações enquanto excluídas, para além das clivagens socioeconômicas, pois pouco nos é evidenciada a participação nos setores públicos, os quais são tidos como a principal temática do século na escrita.

Perrot destaca também o silêncio como algo simbólico da sociedade deste período:

[...] O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem aos seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor, da qual segundo Michellet, elas 'detêm o sacerdócio'. (PERROT, 2005, p. 9).

Segundo Perrot o silêncio é também uma ordem disciplinar, no sentido de que este é capaz de regulamentar aspecto da vida socioeconômica, familiar, política, principalmente quando se refere à mulher. Ele (o silêncio), não somente atua sobre a fala, se expressa também nos gestos e na escrita.

Além de silenciada, também foi prejudgada como histérica e fofoqueira, isso é o que condiz na escrita oficial. O que chamo de escrita oficial é posto como uma escrita positivista, uma escrita influenciada por correntes antropológicas, sociológicas, filosóficas e históricas, fundamentadas na ocidentalização⁶.

⁵ As formas de entender marxismo neste trabalho divergem entre os pesquisadores citados a exemplo da própria Perrot, que tem um cunho de historiadora social e parte da 3ª geração dos Annales, afastando do materialismo de Marx, e tinham sobre si a influência maior de Labrousse parte da 2ª geração dos Annales; Para explicar os meios e uma história desigual entre mulheres e homens se tornando anacrônico a perspectiva materialista de Marx; É possível ver em obras de Perrot pesquisas voltadas para as filhas de Marx mas sua escrita não pode ter um pressuposto em cima disso. Já na formação de um Marxismo na linha sociológico lidamos com o conflito de classes e marxismo como linha política perspectiva incitada pela escrita de Davis mas através da desigualdade sexual e trabalhista das mulheres negras ver tópico 2.5;

⁶ O positivismo é uma correntes filosófica que trazem suas concepções ciências sociais centralizadas. E, que afirmam o

Mesmo que renegavam nossas participações em revoluções, greves e muitas mudanças sociais, a exemplo da própria Revolução francesa (1789), como uma forma de feminismo e resistência, ou até por aberturas de jornais em movimentos sufragistas citados por Perrot (1991), nossas mulheres só se evidenciam em um linha histórica ativa em gerações posteriores mesmo que tenham rompido com linhas positivistas a terceira geração do “*Annales*” (1997) evidencia tal alegoria tímida as mulheres ⁷.

Por outro lado, além do conceito de silêncio por Perrot (2012), é importante conceituar ainda o silenciamento do discurso. Para isso, utilizamos o sociólogo Michael Pollak (1989), que faz a síntese do silenciamento discursivo, o qual enfoca em silenciamento discursivo, que tange como algo que não é nada mais que uma ação ideológica, a exemplo das fontes sua seleção (algo que traz uma história oficial); sua formação e perpetuação geram um apagamento das falas, também conotam o sentido do que deve ser pertencente à história, ou seja, uma história/memória oficial.

O Michael Pollak pressupõe que a escrita/memória conduz a seletividade, não deixando de ser uma forma de silenciamento, que obedece e possui intenções de quem é colocado como locutor e para quem é o receptor. Por isso, ao ter uma omissão de sujeitos na escrita oficial, temos o nosso apagamento e esquecimento evidenciado como proposital.

[...] O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p. 5)

Então, partindo dos pressupostos evidenciados por Pollak, podemos afirmar que nossa condição enquanto mulheres não foi só marginalizada no século XIX, mas em todo tempo. Porém, somos resistência, nos reinventamos com a tal narrativa, “estafamos” o que é chamado de direito (de quem?), e, produzimos nossa própria história, ou melhor, somos juntamente com eles (homens), os mesmos que nos apagam e silenciam, parte de algo maior.

conhecimento humano baseado em fatores de predisposição metafísica, teológicas e comtistas, principais autores que abordam esse meio é August Comte e Stuart Mill no século XIX. Criticadas pela linha dos *Annales* (1997) e pela História Cultural, no qual ambas se opunham as linhas misóginas de preconceitos raciais para delimitar o centro científico.

⁷ A escrita filosófica e histórica do século XIX em variáveis publicações, trazidas por Perrot (1991) relatam tais usos da escrita em que determinam as mulheres como inferiores, e que não ser dotada de intelecto utilizada das notícias corriqueiras para fazer parte social; Os *Annales* criticavam a forma que a histórias e as ciências sociais a exemplo da antropologia e sociologia definiam o que era objeto de estudo e o que era retirado; ver mais In: *Escolas do Annales*, Petter Burke (1997)

Tal construção discursiva (lugar de não fala), obedecem a fatores diferentes de Pollak (1989), que traz os fatores históricos e ideológicos como as primícias do silenciamento discursivo, trago outro conceito através do filósofo Foucault na obra *História da Sexualidade 3* (1985), e também no artigo *A ordem do discurso* (1996).

O filósofo afirma que as inter-relações históricas também dependem da construção dos papéis diante do Estado e seu poder (medicina, estado, religião) e saber, construindo barreiras através da diferenciação sexual (biológico/construção social) como algo que condiz aos homens, e vai contra a moralidade discursiva ocidental em torno da mulher.

O que é tido como pudor e moralidade, o discurso entende-se por possuir e dar voz (ao masculino).

[...] poderíamos procurar analisar um sistema de interdição de linguagem: o que concerne à sexualidade desde o 'século XVI até o século XIX; tratar-se-ia de ver não , sem dúvida, como ele progressivamente e felizmente se apagou; mas como se deslocou e se rearticulou a partir de uma prática da confissão em que as condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, e da maneira a mais explícita, até a aparição inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX; não são estes senão marcos um pouco simbólicos, ainda, mas se pode desde já apostar que as escansões não são aquelas que se crê, e que as interdições não ocuparam sempre o lugar que se imagina. (FOUCAULT, 1996, p. 61)

Foucault sintetiza também que as bases ideológicas positivistas, juntamente ao Estado não apenas querem o poder, mas que delimita o lugar do discurso, ou seja, ele não é apenas algo dado a quem ou o quer, ele obedece a uma forma catalisadora de discurso. Seja primeiramente discutido desde o século XVI através da ordem sexual (homem e o domínio do saber) e o poder sobre ele investido, e quem ele (discurso de poder) objetifica (nós mulheres).

Outro complemento para minha fundamentação teórica fala da marginalização da mulher no tempo, feito pela historiadora Rachel Soihet no artigo *História das Mulheres* (1997). A autora destaca a exclusão e seu aprofundamento, não somente o feminino é silenciado ou apagado, mas há uma tendência desse silenciamento na ordem de classe, raça e gênero.

A teoria debatida por Soihet possui discussões no âmbito da história cultural, ou seja, a autora vai além das bases econômicas e setores privados, ou seja, confere sua pesquisa que analisam as relações de poder praticadas em cada clivagem (econômico, social, gênero) no qual refutam como a sociedade tem parcelas para nossa exclusão; logo, o discurso de exclusão e aprofundamento das desigualdades (socioeconômicos e as disparidades dos papéis homem/mulher) sobre os quais se criam discursos e lugares de fala de não pertencimento e voz. A nossa construção enquanto mulher é carregada de opressões, mas também de reviravoltas de desconstruir e ressignificar. Ser mulher, na produção e nos direitos conquistados, mas

também na nossa formação/afirmação identitária, no nosso espaço de memória/história para além dos cárceres da moral e da inferiorização que muitas vezes nos eram designadas. O silêncio foi tomado de sobremaneira de todas as clivagens.

Cabe destacar no período os sentidos demográficos também foram meios para nosso apagamento enquanto mulheres, assim como na Europa não divulgamos muitas vezes o sexo feminino como ativo que mantinham a casa, segundo O historiador Eni de Mesquita Samara (1992) nós mulheres não fomos levadas como parte populacional ativa economicamente (possuir trabalho para além do lar), ou seja, mesmo que não se existissem homens em dado lar não tínhamos uma contagem expressiva enquanto gestoras de um lar.

Ainda para o autor, isso é um composto para reforço do papel misógino e a função viril (homem como mentor) no qual só é possível a manutenção do lar através deles, mesmo em países que a presença masculina se fazia ausente, seja pela guerra ou pela própria inexistência da figura nos lares do homem, essa inexpressividade da mulher também existia nas cidades grandes.

Sabemos que as relações de poder, a formação do Estado, o patriarcado, exerce influências e fatores que tentam a todo o momento tomar o que nos pertence por direito, a voz, seja na escrita, na intelectualidade ou na história. Para além de um discurso de militância, trago aqui os fatores históricos, que foram tendenciosos e ainda continuam nos colocando um lugar de coadjuvante para nossa existência e os conceitos principais que vão tomando sentido ao longo do capítulo.

No tópico seguinte faremos uma reflexão sobre a condição sociocultural das mulheres nos campos científicos, historiográficos e religioso, no qual enfatizo sobre a misoginia existente e tentando ter um lugar renegado por direito nas bases patriarcais. O silenciamento transformou-se em formas de resistência, que sobrepôs a muitas desigualdades sobre nós.

2.2. Silenciamentos e exclusões históricas

Tranque suas bibliotecas, se quiser,
mas não há portão, nem fechadura,
nem trinco que você consiga
colocar na liberdade de minha mente.

(VIRGINIA WOOLF In: *Um teto todo seu*, 1928, p. 93).

Ao expormos o processo de silenciamento das mulheres no fazer historiográfico, com base em estudos teóricos de historiadoras como Michelle Perrot (2012), que exemplificam as

tentativas da inferiorização da mulher em tarefas fora do lar, sendo rotuladas assim, como masculinas e comumente, caminhamos em vários campos da ciência, como antropologia, literatura, história e filosofia, em estudos e pesquisas do século XIX.

Falar de exclusão é uma tarefa árdua e necessária. Woolf (1928), na epígrafe acima, nos mostra de forma sublime as amarras dessa repressão sobre as mulheres, que encurralam nos e tentam consumir o nosso fôlego de luta, seja pela imposição que a historiografia ocupa em nossas vidas como personagem do apagamento, ou, como alude Woolf, sobre as mulheres serem espelhos dos homens, pois muitas vezes estão sob suas sombras. O avanço/modernidade é sutil para nossa condição feminina, a centralidade do poder do macho ainda é pregado.

[...] Elas têm ou não têm alma? Alguns selvagens afirmam que não. Outros, ao contrário, sustentam que as mulheres são semidivinas e adoram-nas em função disso. Alguns sábios asseguram que elas são mais vazias de cabeça; outros, que têm uma consciência mais profunda. Goethe exaltou-as; Mussolini despreza-as. Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam nas mulheres, e pensavam diferentemente. (WOOLF, 1928, p. 37-8)

Essa sutileza que assegura o papel masculino como base social, pode ser visto em temas que aludem ao econômico, político e social. Centram-se em figuras dos homens públicos e privados, das lutas de classes, o niilismo, o nacionalismo e as revoluções, sempre fundamentadas com sujeitos masculinos desempenhando os papéis visíveis e públicos.

Trago esses eixos temáticos para exemplificar na escrita histórica, apesar de que, nenhum explicita a participação ativa das mulheres; é notável como esse silêncio obedece a um discurso, de maneira que ele foi absorvido diferentemente dos homens para as mulheres. O discurso por si só não é compreendido no fazer historiográfico, mas é idealizado como atividades viris. De acordo com Perrot as mulheres são invisibilizadas na escrita das ciências que a acompanham como inexistente ou incoerente, pois:

[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenomes, têm apenas um nome. Aparecem na penumbra dos grupos obscuros[...]. No começo de *Tristes Tropiques*, Claude Lévi-Strauss descreve uma aldeia depois da partida dos homens para caçar: não havia mais ninguém, diz ele, exceto as mulheres e as crianças (PERROT, 2012, p. 17).

A inexistência abordada por Perrot ao dilema do silenciamento criados desde a antiguidade, ainda permanecem elementos como preconceitos de gênero, a subalternização naturalizada, o pudor dos seus corpos e a sujeição como objeto pertencente ao homem que se sujeitam, são características presentes que representam aquelas que foram educadas para permanecerem alheias e estáticas.

A sujeição feminina, também falada por Perrot, é assumida através da subordinação no

sistema socioeconômico inicial, sua inserção tardia no mercado de trabalho capitalista incentivou a pregação de não trabalho.

Por outro lado, a autora diz que o silenciamento é feito não só através da fala, escrita e voz, como também, por vias que engendram e nutrem de forma simbólica toda forma de silenciar-se, a oposição ao poder está do lado dominado.

[...] O silêncio imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também da expressão, gestual ou escriturária [...]. E o acesso aos livros e a escrita, modo de comunicação distanciada e serpentina, capaz de enganar as clausuras e penetrar na intimidade mais bem guardada, de perturbar o imaginário sempre disposto a tentações do sonho, foi-lhes por muito tempo recusado, ou parcimoniosamente cedido, como uma porta entreaberta para o infinito desejo (PERROT, 2005, p. 10).

Partindo da simbologia destacada por Perrot, é algo para além de tarefas triviais e que nos façam sujeitas iguais na história, tornamo-nos ameaças ou incoerências sociais. O conhecimento e a escrita viram nossas armas, mas sabemos que uma arma para os homens que estão além do que podemos portar cientificamente é uma ameaça astronômica, pois, isso descaracteriza o papel da mulher, o de escutar, e não o de discutir.

Outro autor que aborda as mulheres e seu apagamento na história é Roger Chartier (1997). O teórico traz como foco, o nosso apagamento em contrapartida do letramento tardio e posições sempre como apoio:

[...] esta mulher, que durante a sua vida não lera nem aprendera nada senão muito sumariamente, encontrando-se no centro de uma ou de outra sociedade [dos artistas e dos letrados], não lhes era na verdade estranha; evidenciava até bastante à vontade; mas possuía o bom senso de nunca falar senão do que conhecia bem, e de dar em tudo o resto, a palavra a pessoas instruídas, sempre sentada com cortesia, sem sequer dar mostras de enfado em relação àquilo que não entendia (CHARTIER, 1997, p. 130).

Com isso, Chartier nos possibilita um recorte sobre o pensamento intelectual entre o século XIX, entre historiadores, antropólogos e filósofos, que detinham o comportamento antifeminista, misóginos que classificam a mulher como inferior no discurso, contudo, são heranças que rastejam no campo das relações para além do sexo. É a formação das mentalidades.

Através da escrita positivista, é possível afirmar que a mulher que luta por liberdade e por direitos igualitários, seja pelo sufrágio ou por educação, pode ser entendido como a frente de seu tempo, algo que configurou para muitos autores como anacrônico, e presunçoso. Não podemos supor também que foi algo isolado ao seu período, nem universalizar todos os sujeitos masculinos, mas uma maioria de homens que deram a suas esposas e filhas um papel

de subjulgo⁸.

O historiador Le Goff (2003), nos traz outro viés, fala que a História remonta o imaginário das construções do homem sob o homem no tempo, no qual, prediz a conferência da escrita como um direito, obedecendo a um jogo de poder. O homem escreve e delimita quem o representa.

Por isso, os apagamentos na escrita expõem um espaço simbólico, esse que determina as circunstâncias de direitos, mas de quem é o real direito de se fazer existente e ativo? Trazemos um espaço simbólico filosófico como exemplo, sua escrita remete a superação do homem a si mesmo na história do ser e das ideias, todavia, o homem aqui também não é universal, ele fala do intelecto para quem?

O nosso apagamento é notado com eloquência no cenário das ideias, do pensar, campo ocupado no fazer historiográfico. Ao tentar explicar sua própria crise e suas divergências dentro

do fazer historiográfico, frisa também que a história é feita dos interesses, cada um remete ao que se escreve e à sua exclusão, no qual o historiador não permanece alheio, ele influencia e é influenciado pelo sociocultural⁹.

Deixando de lado por um momento as inúmeras diferenças metodológicas e temáticas trabalhadas aqui, que particularizam cada ponto abordado neste tópico. Destaco aspectos em comum, que é a fomentação do simbolismo para as relações dos papéis, conferindo-lhes uma forma de enxergar o poder, e a forma como criam agentes para sujeitar e submeter-se.

Entretanto, não podemos apenas afirmar que as relações de apagamento e silenciamento historiográficos são dadas por aceitação espontânea. Desta maneira, observo neste tópico que o poder não é só externo, começa com o silenciamento.

2.3. Corpos femininos (in)visíveis

Nos rudes tempos d' um passado estranho
 À luz d' um círio pela dor erguido,
 Lampejam inda as ilusões ditosas
 D' um tempo estranho que lá vai sumido!

⁸ O termo misoginia que uso está ligado à escrita de autoras como Fraisse e Perrot (1991). Contudo, faço ressalvas, para não ser anacrônica sobre o papel da mulher e sua naturalização de submissa e inferior no século XIX. Considerada inferior e submissa, mas que na escrita atual conceitua como padrões de antifeminismo e misoginias. Nessa escrita atendo-me ao termo para trazer essa desigualdade e sujeição que nos é imposto frequentemente

⁹ O exemplo da escrita do Filósofo Nietzsche traduz sua misoginia ao colocar a mulher como boa companhia em festas e ser uma boa dançarina, já o homem seu parceiro, se destaca pelo intelecto dotado para as ideias, ou seja, a autoafirmação da mulher como inferior e carregada de traços que tornem a intelectualidade e as ideias algo utópico. Stuart Mill também possuiu ideias que colocam a mulher e seus direitos conquistados como algo muito além do que se possa esperar, uma incerteza próxima da realidade feminina.

Assim, ó sombra, na minh'alma vives
 Sem cor, nem luz, a divagar perdida...
 Em vão te chamo! minha voz se perde
 Por este espaço que chamamos vida!
 (JÚLIA DA COSTA, 2001, p. 75)

Neste tópico, partiremos do silêncio desses corpos, e de como são idealizados através de padrões na escrita inclusa na doutrinação religiosa e médica. A dor proveniente da luta demonstrada nessa epígrafe reflete diretamente com o silenciamento nos corpos femininos. A poetisa e escritora Júlia Maria da Costa (2001), imprime em suas produções a vida/luta de mulheres que têm suas vozes ocultadas e perdidas no espaço chamado de vida através da repressão e opressão resultantes do machismo patriarcal.

A exemplo de Yvone Knibiehler (1991), o corpo feminino é descrito como um seguimento padronizado de beleza, gestos e ações. O que não pertence aos padrões é tido como anômalo, de tal maneira que não descrevem o real corpo, o corpo em sua matéria e espírito mais diversificado. Sendo assim, uma ação não é apenas matéria, é ideológico, transformando e alienando tudo que prejulga sua moral como afirma a autora:

[...] Tudo o que traduz a sensibilidade e a delicadeza é valorizado: uma pele fina onde a floram as ramificações nervosas, carnes aveludadas para embalar a criança ou o doente, um esqueleto pouco desenvolvido, mãos e pés pequenos. Mas também tudo o que traduz as funções naturais da reprodutora: ancas redondas seios generosos, tecidos bem nutridos. Tudo o que a pode assemelhar ao homem torna-se uma anomalia inquietante (KNIBIEHLER, 1991, p. 352).

Este mesmo corpo feminino é considerado um tabu e volúpia, onipresente nos discursos médicos, religiosos, antropológicos e literários. A compleição física da mulher é dotada de estereótipos, se diz muito sobre o desejo do sexo oposto. O pecado, a demasia de emoções, os impulsos e a fragilidade, são traços marcantes quando se fala em tarefas que exijam mais do seu corpo fora do lar, a exemplo ¹⁰.

A princípio, trazemos o corpo na esfera da escrita literária, na qual existe um enaltecimento da beleza e ao mesmo tempo a objetificação. Afirma-se que a mulher não conhece seu próprio corpo, e deve permanecer com esse tabu sem nenhuma mácula. Vários tabus foram disseminados ao longo do tempo sobre sua própria natureza, tendo o desejo como algo proveniente apenas aos homens. Assim, tendo o prazer sexual negado, transforma-se em objeto, uma moeda de troca.

¹⁰ Meu objetivo neste tópico não é aprofundar nenhum dos temas que demonstrem a invisibilidade, mas pincelar os principais fatores, que contribuem na compreensão da invisibilidade, e como elas se destacam com fatores de apagamento/silenciamento feminino dentro dos campos socioculturais.

Voltando-se para a epígrafe que abro essa discussão, é de extrema importância falar sobre o perfil da poetisa Júlia Maria (2001). Como já mencionado anteriormente, mas com riqueza nos detalhes, a poetisa do século XIX, brasileira, negra, gorda e ligeiramente estrábica, que trouxe em sua escrita a tristeza do apagamento feminino, desdobrando o quanto a vida se tornara sem sentido, dado por estereótipos. Para sua época, era vista como modelo não recomendável para se casar, e sua aparência era conflitante com os padrões ¹¹.

Michaud (1991) traz uma das falas do poeta Goethe, que se posiciona sobre as mulheres em escritos literários, evocando discursos precoces contra nós mulheres: “As mulheres são taças de prata onde depomos maçãs. A minha ideia das mulheres não se abstrai dos fenômenos da realidade, trago-a comigo desde a origem, a menos que ela seja inata”. (MICHAUD apud GOETHE, 1991, p. 153)

Entretanto, para um homem como Goethe, o que é uma mulher inata? Será uma mulher que não sede aos seus caprichos? A efêmera imagem da mulher distorcida é sustentada por muitos poetas como um corpo casto, e a evocação da imagem de honra e poucas palavras. A aceitação demasiada fez com que as várias formas da poesia romantizada destacassem o fenômeno do apagamento.

Em contrapartida, Fraisse (1991) compara a escrita feita sobre seus corpos por muitos autores homens, carregada com intuitos pejorativos nas ideias que objetificaram. Referindo-se à noção do que é um corpo e seus traços prematuros, pois, significaria uma invenção de mais um cânon ou um ponto de referência obrigatório e incoerente, que quando passa a ter uma ação própria é apagada da cena ¹².

Visando a mulher e seu corpo como imagem, não só parte da literatura a deturpou, mas também a religião, que traçou valores e cultos nesse período, falando sobre a castidade e pureza que as tornariam pertencentes aos futuros esposos, não tendo propriedade pelo seu corpo.

Outro ponto foi relacionado aos documentos médicos, poucos sabiam sobre os corpos femininos quando colocados de forma genérica nos discursos médicos/científicos, em que corpo/estrutura feminina aparecem de forma tímida e distorcida. A generalização da corpulência física da mulher está na ausência de estudos, ou, até mesmo, nos estereótipos

¹¹ O texto e a pesquisa realizada por Roberto Gomes sobre a vida da autora, traduz os anseios e os padrões estéticos que eram pré-julgados por sua intelectualidade, como defeito e não como qualidade. Além do seu corpo não estar no padrão de beleza e não obedecer às características para ser uma boa esposa. Disponível em: <<http://www.bpp.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=535>>. Acesso em: 01 de Nov. de 2018.

¹² Por mais da metade do século XIX, a postura pejorativa de muitos autores sobre nós mulheres é naturalizada e assumem novos papéis. De imagem para além da ficção, tomam a fio comparações para depreciação das mulheres como seres intelectuais, vendem uma imagem inerte de corpos que aludem ao prazer, quando estão dentro dos padrões estéticos e religiosos que ainda tinham grande respaldo na sociedade.

traçados por dados inautênticos quando se fala do corpo e fecundação humana.

[...] Baseando-se na teoria evolucionista, a embriologia desenvolve-se a ideia de que o sexo das crianças depende do momento da fecundação [...]. Ora precisamente este desenvolvimento incompleto do embrião-fêmea que estaria na origem da hipersensibilidade feminina, da instabilidade, da incapacidade de reprimir emoções e, conseqüentemente de uma inteligência inferior à do homem (VAQUINHAS, 1997, p.40).

Por mais da metade do século XIX, estes padrões expostos por Vaquinhas (1997) eram comumente utilizados por médicos para explicar a fragilidade sexual embrionária. Os discursos médicos facilitaram para a concretização de tabus sobre nossos corpos, e a crucificação das nossas ações. A sexualidade feminina condiz com uma limitação na perspectiva do outro, o sujeito masculino ¹³.

Na ótica do corpo e do prazer sexual feminino, os discursos trazidos por Perrot (2003) consideram que, os homens foram privilegiados em experiências tanto sexuais quanto sociais, primeiramente traçadas nos estudos ocidentais da Europa, que foram dos primeiros a trazer a imposição ao feminino e a sua subjetividade.

As mulheres que conhecem seus corpos e os deflagram, são rotuladas de meretrizes. O nosso apagamento pode ser visto nas condições e apresentações ao homem quanto à perda da virilidade, não generalizando a todos o papel vilão.

Em dadas circunstâncias, a construção do papel das mulheres projeta-as como reprodutoras, sem uma função central, mas sempre como a que deve ser guiada. Inferindo na sua formação e nas mentalidades que a acompanham, seja na escrita ou em discursos sob o privado e o público em torno do corpo da mulher.

Em primeira instância, temos o corpo feminino como figura metafórica de uma monarquia, em que o corpo privado é oculto, idealizado pela figura conservadora e intacta dos padrões sociais. O corpo público é simbólico, o público pode ser estabelecido por ritos estéticos, uma moeda de troca para parâmetros/códigos sociais, como um futuro casamento, a exemplo.

Representações e publicidades fazem o molde desse corpo feminino que vai sobrepor à virilidade do homem que a possuir. Estas devem manter seus corpos castos e censurados, símbolos da boa sociedade. Um padrão universalizado seja na construção do que é ser bela ou na construção da bondade.

Conforme refuta Fraisse e Perrot (1991).

[...] O corpo e o coração de uma mulher descrevem-se por comparação com o homem;

¹³ Moralidade é conceituada através dos padrões religiosos, como a mulher deve se portar no qual a pureza, ser contida, calma e obediente refutar como moralidade; conceito abordado através de Michela de Giorgio; "O modelo católico" In: História das Mulheres no Ocidente século XIX (1991), Afrontamento. Lisboa.

o direito e a filosofia pensam necessariamente a representação sexual. Os códigos religiosos e as representações literárias e iconográficas são igualmente interrogados sobre o ângulo da diferença entre os sexos. É – o também o discurso da economia política, particularmente sintomático entre a ordem natural e a ordem social (FRAISSE E PERROT, 1991, p. 14).

Esta afirmação classifica a mulher ao papel das boas obras, como deve se portar e se doar para os sacrifícios, ou seja, o servir ao outro, na condição de serva e não na de intelectual. São estereotipadas e dadas à mulher atribuições a exemplo da compaixão, gratidão e fragilidade, estas que não fazem parte do campo social e intelectual: a disseminação cultural.

Neste tópico, tivemos como objetivo destacar de forma sucinta a invisibilidade contida no ato de nossa subserviência ao outro e ao nosso corpo, que também obedecem às alienações. É construído um corpo imagético carregado de sentidos prejudgados e balizados, colocando a todo o momento sua inferioridade e disfunção para além do privado, com ideais não só antifeministas, mas também, com bases europeias e universais do ser mulher.

No próximo tópico, realizamos a análise/discussão sobre o silêncio no lar. A mulher traçada no privado como o espaço em que destoa do que realmente é trazido em uma linha historiográfica, que a torna ainda mais marginal. Será que o privado é realmente um lugar de pertencimento em que nossa voz pode ser resgatada de alguma maneira?

2.4. Opressão no espaço doméstico

O que pretendes mulher?
Independência, igualdade
de condições...
Empregos fora do lar?
És superior aqueles

Quem procuras imitar.
Tens o dom divino de ser mãe.
Em ti está presente a humanidade!
(CORA CORALINA, 1976)

Ao falarmos sobre o silenciamento das mulheres no lar e o desmerecimento das atividades realizadas no meio privado, desencadeamos discursos muitas vezes subjugados. Trazendo o pai como a figura central da família, o dono da casa, o poder pertence a ele, o termo que se tornou em desuso no final do século XVIII transcende como termo a dona de casa, que tem como simbologia a mulher servente ao lar não a que se equipara como o termo

em uso no século anterior para o homem casado.

A epígrafe que impulsiona a nossa discussão neste tópico, é a produção de uma poetisa que nasceu no fim do século XIX, e que através dos seus anseios tentou compreender sua realidade. Coralina expõe a família ao centro e a maternidade como um dom. Evocando para a mulher a não necessidade de manusear, de não fazer tarefas masculinas, pois já tem o maior dom da humanidade, ser mãe. A poetisa Cora Coralina também remonta características do seu tempo, em que o lar é o lugar sagrado e a família seu aporte, tudo que está para além do lar é masculino e imitação.

Cora Coralina (1976) em sua escrita poética descreve o espaço do lar como templo sagrado, o que a diferencia de outras poetisas, como Gilka Machado e Virginia Woolf, destacadas em outros tópicos do trabalho, que encontram no lar peculiaridades de uma prisão e a amargura dos algozes.

A exemplo da própria literatura que ao observar no percurso histórico é bastante comum encontrarmos as escritas femininas com identificação de pseudônimos masculinos; essa peculiaridade ocorre com frequência devido à rejeição e marginalização das mulheres na sociedade da escrita literária e da sua vida fora do lar ou até mesmo para nós pensamos além-família¹⁴.

Cora Coralina com o falecimento de seu esposo voltou-se inteiramente para escrita e a sustentação da família. Sua escrita flui e vai além das paredes do lar. Traz em seus poemas um eu-lírico indefinido que demarca a mulher como desejosa em imitar o gênero masculino, demonstrando assim, sua tentativa interna em aceitar as imposições patriarcais.

Diferentemente de Coralina, a autora Rachel Soihet cita Simone de Beauvoir, mostrando a realidade da mulher como consequência por viver em prol do homem. Na obra *O Segundo Sexo* (1970), Beauvoir fala que “[...] ao viver em função do outro, não tem projeto de vida própria; atuando a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao protagonista e agente da história: o homem”. (SOIHET APUD BEAUVOIR, 1997, p. 278).

Segundo Soihet, as condições que nos desmerecem enquanto mulheres mesmo quando exercemos atividades fora do ambiente doméstico:

[...] enfatizam as variedades de trabalhos essenciais e não remunerados pelas mulheres, tais como o trabalho doméstico, a atividade no campo, costura, cozinha e a criação dos filhos. Muitas adaptaram ao novo contexto urbano estratégias rurais de acréscimo à renda familiar, criando e vendendo galinhas, ovos e vegetais (SOIHET, 1997, p. 285).

¹⁴ Ana Lins Guimarães, seu nome verdadeiro, a poetisa goiana retratou em suas poesias a realidade feminina no fim de XIX ao início de XX. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/cora_coralina/>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

A autora fala também sobre trabalhos domésticos realizados por mulheres de classes populares, que diferenciam das atividades realizadas pelas mulheres burguesas, evidenciando o que é ocultado na maioria das escritas tradicionais. Os bens muitas vezes não evocavam maior liberdade “[...] num movimento inverso ao das mulheres da burguesia muitas trabalhadoras preferiram manter-se no lar, perdendo o controle sobre as finanças do casal; ocorrendo, portanto, um retrocesso em relação à sua situação anterior”. (SOIHET, 1997, p. 290)

A equiparação das tarefas domésticas e os complementos na renda evocam a ideia central da mulher ser colocada a escanteio na sua produção. Até mesmo quando nossa renda veio do meio industrial, a mulher que exercia múltipla funcionalidade, lar e indústria, era subjugada como inferior e fraca. Nesse contexto, muitas mulheres continuaram silenciadas no processo historiográfico por ter papéis desiguais nas atividades do lar, considerado trabalho pelas relações conservadoras como dever e não trabalho.

Outro fator dentro dos lares é a violência. As agressões psicológicas e físicas são invisibilizadas pela sociedade hegemônica, que naturaliza essas ações dos homens, ludibriando os fatos a ponto de nos colocar como culpadas. Estamos a séculos sendo sujeitadas a aceitar determinados comportamentos dos nossos companheiros e, dificilmente, uma de nós consegue libertar-se desse cárcere repressor e, mesmo assim, somos expostas a julgamentos sobre o nosso papel de objeto e manutenção de hierarquização no discurso, como afirma Saffioti (2015)¹⁵.

A violência sofrida pelas mulheres é algo tornada invisível pelos próprios familiares, desde estupros a espancamentos, mas são silenciados e encobertos. É notório que as autoridades e leis eram brandas ou nem existiam para essa problemática, Vaquinhas (1997) mostra as formas mais explícitas dos documentos do século XIX

Para além de não reconhecer à mulher quaisquer direitos políticos, proibia-se de administrar os seus próprios bens ou os de família, só consentindo que o fizesse no caso de impedimento do marido. As principais interdições dizem, contudo, a respeito à mulher casada que, perante a lei, não passava de uma menor: não podia ser testemunha, contrair dívidas, assinar um contrato escrever para público e publicar livros ou exercer uma profissão, sem autorização do marido. Se acaso a exercia, o salário pertencia a este por inteiro que o podia reivindicar caso quisesse (VAQUINHAS, 1997, p. 41).

A mulher romantizada na literatura não foge dos padrões sociais, e há um esquecimento proposital baseado nas ramificações sociais. Vaquinhas afirma que essa literatura evoca a visão de mulheres que não são dos lares, como prostitutas, desenha-se os

¹⁵ Não tenho a intenção de adentrar na temática violência dentro do lar, mas quero salientar o quanto é notório os quadros de espancamentos e violências psicológicas às mulheres sobre o meio da subjugação.

extremos da ambivalência da nossa vida, e constitui como mulher:

[...] o culto romântico não extingue o Código Civil e a própria literatura se corresponde a alguma realidade sentimental das classes favorecidas, esquece as mulheres de condição humilde cujo destino era por vezes, miserável. À empregada doméstica ou à operária esperava-as frequentemente a prostituição, como tantos estudos demonstrados (VAQUINHAS, 1997, p. 43).

As tendências trazidas por Vaquinhas foram tão ambivalentes que a imagem de miserável e gloriosa variam. Não são apenas as entonações revolucionárias e feministas alcançadas na segunda metade do século XIX que delimitam e traçam uma das primeiras formas de feminismo, a luta pelo sufrágio e por melhorias trabalhistas nos polos industriais e pelos direitos sob seus filhos.

Todavia, a repercussão das miseráveis se perdurou apesar de terem várias conquistas por séculos posteriores, como a difamação do modelo construído como tradicional, a formação do que é família, e a mulher como que esteve seu papel reconhecido enquanto mãe (a que dá a vida), cuidar dos filhos, mas não os ensinar, pois esta de sobremodo intefere os pais que se fazem presentes uma tarefa tida como masculina e as mães se incumbiam de reproduzir para as meninas os que lhe fora posto como certo.

Greves e revoltas organizadas pelas mulheres muitas vezes eram destacadas pela classe social a qual essas pertenciam. Desta maneira tudo que fora feita por clivagens populares eram assemelhadas a cópia dos comportamentos das mulheres de classe média alta, tidos como os meios de produção e reprodução, ou seja as mulheres populares vão muitas vezes ser colocadas como reprodutoras do comportamento de mulheres da alta sociedade, caracterizando, assim, como universais os desejos e anseios do feminino denominado como a formação da família e um lar.

Para complementar o que traz Vaquinhas, a escrita de Perrot (2005) também coloca essa ambivalência nas dadas circunstâncias para a mulher da cidade e dona do lar. Evoca sua presença para controlar a economia, (muitas vezes não se tinha uma presença patriarcal) e faziam tarefas para auxiliar e/ou até mesmo manterem a casa.

As pesquisas do governo negavam nos sentidos as mulheres que mantinham o lar. Colocavam a característica sem denominação sexual feminino nos sentidos, silenciando ainda mais essas mulheres que não seguiam um modelo de sistema de lar patriarcal. Analisando essas pesquisas, deve-se então dizer que um lar evoca apenas a presença de um homem para se classificar como lar?

Perrot (2005) desmistificou em sua escrita os trabalhos realizados por muitas mulheres nos lares,

Ela tem acesso ao dinheiro apenas por meio de trabalhos complementares que se esforça sempre em colocar nos interstícios de tempo deixados pela família: atividades mercantis – venda em barraca ou com uma cesta, à maneira das camponesas, persistente apesar de todas as regulamentações que exigiam cada vez mais patentes e autorizações[...] ainda mais horas de limpeza, de lavagem de roupas, trabalhos de costura, cuidado das crianças, compras e entregas domésticas ; a carregadora do pão silhueta familiar, é quase sempre uma mulher casada (PERROT, 2005, p. 202).

A citação indica como nossa postura se mostra contraditória na escrita historiográfica. O lar não deixou de ser um labor, pelo contrário, foi o que sustentou e deixou bem explícito nosso apagamento, trazendo o homem e o receio de perder seu papel de chefe, e usar a violência para testemunhar a impotência de tentar manter a ordem e manutenção pela força.

O objetivo deste tópico foi, portanto, explicitar se se fizeram malogradas nossas vozes e ações dentro e fora do que achamos e/ou chamamos de lar. O abuso, o pudor, são postos como vocação para cuidar e enaltecer o outro (homem). São equiparados com a manutenção de apagamento na história, carregada de muitos sentidos, como por exemplo, as extremidades dentro de ser mulher de esforço/subalternização ao outro¹⁶.

No tópico seguinte, trarei como as reações de silêncio, raça e classe conseguem piorar a mulher no fazer historiográfico, tornando ainda mais visível o discurso de raça hierarquizada. Pontuarei também como os papéis sociais do século XIX evocam o racismo e o silenciamento da mulher negra, mais marginal do que todas as outras.

2.5 A pele que habita

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava
Livros para ler
Quantas coisas eu quis fazer

Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto...
(CAROLINA MARIA DE JESUS, 1996)

¹⁶ Não evoco aqui nenhum ódio, nem generalizo o matrimônio como ato de total agressividade dada por homens em determinadas sociedades do século XIX, mas sim, como a priori os estudos voltados por Perrot (2005) e Vaquinhas (1997) demonstra os extremos de ser mulher no lar, de muitos lares patriarcais que denotam ao homem o papel de chefe, e quando contrariado utilizam artifícios de desmerecimento, que em documentos e queixas policiais não se levam a seriedade dos casos.

Neste tópico, analiso a invisibilidade das mulheres negras do século XIX, e, como isso, sobrepõe as clivagens sobre a ordem de classe, raça e gênero na luta por direitos abolicionistas e pelo sufrágio de mulheres brancas, tendo a raça entendida como um racismo pertinente contra a condição da negra ¹⁷.

O trecho do poema *Muitas fugiam ao me ver* (1996) de Carolina Maria de Jesus traz um eu-lírico sobrecarregado de representações, que reflete o racismo e marginalização por sua cor e classe social. As evidências da sua história em trechos dos seus poemas fazem Carolina transpor o preconceito enquanto autora pobre e negra; trazemos, então, uma questão: Mulheres negras e pobres não podem escrever? Já se é difícil ser mulher, mas o tom da pele fala mais alto e a pobreza estigmatizam.

O embranquecimento nos campos sociopolíticos é notório e não passa despercebido, pois deve ser entendido como o fio condutor de um país em que predominam pretos, mas os que se delimitam como poder são brancos. Mesmo que seja de clivagens populares, as segregações traçam a vida de muitas mulheres que se enxergam em Carolina Maria, e seu apagamento enquanto mulher, negra, poeta e pobre.

Usamos como base do nosso debate neste tópico, sobre as mulheres negras e seu apagamento, a filósofa Angela Davis (2016). A autora afro-americana tem um viés marxista, mas com foco na condição das mulheres negras em específico, sua interseccionalidade abandona o ortodoxo para a compreensão da raça, classe e das mulheres negras estadunidenses ¹⁸.

Ao contrário de Perrot (2012), apesar de também seguir uma linha marxista, focar no sistema industrial, as mulheres operárias e de classe média no ocidente, a estudiosa Ângela Davis destacou mulheres de classe média branca e as negras na condição de escravas, do mesmo século nos Estados Unidos.

Quando falamos em mulheres que tentaram se opor ao sistema da época, e a resistência nas lutas abolicionistas ao lado dos homens nos EUA, temos como exemplos as irmãs Grimké

¹⁷ O conceito de raça que trago não está relacionado ao do uso do racismo científico e da divisão do homem em várias raças distintas utilizados no século XIX para as ideias de supremacia dos brancos sobre os negros no pós-colonialismo. A ideia de raça que trago se configura como racismo dentro das próprias políticas segregacionistas baseadas no positivismo a mulher negra escrita como inferior à mulher branca, políticas que tratam a mulher negra hierarquicamente em desvantagem as mulheres consideradas brancas não só nos Estados Unidos, mas na cultura baseada na ocidentalização, inclusive no Brasil se veem destacados o racismo e a segregação racial, na divisão socioeconômica e historicamente silenciada.

¹⁸ O ortodoxo que delimito é o formato social do olhar da mulher branca para vir a mulher negra, neste caso, Davis (2016), com o anticonformismo enquanto negra, e as lutas que tentam desentrelaçar para além do capitalismo. Visão essa, tida como utópica, mas, que para Davis (2016), as mulheres negras foram as mais atingidas com esse modelo de classe que se abate como um grupo em específico.

na sociedade do século XIX. As irmãs brancas são o primeiro exemplo que a autora traça para destacar mulheres que fizeram a diferença, enxergando através dessa bandeira sua própria liberdade¹⁹.

Somos excluídas e vistas como usurpadoras de um papel que fora delimitado aos homens, o poder é relativo aos discursos. Na escrita de uma carta pastoral, na repercussão e manutenção do poder dos homens, autores e atores principais, as mulheres sempre estão como coadjuvantes da luta por direitos abolicionistas da época.

Como exemplo disto, trago um trecho da carta da pastoral de *Ministers*²⁰,

Estimamos as orações sem ostentação da mulher na promoção da causa religiosa. [...] Mas quando ela ocupa o lugar e o tom de voz do homem como reformista política [...], ela abre mão do poder que Deus lhe concedeu para sua proteção, e seu caráter se torna artificial. Se a videira, cuja força e beleza estão em se adaptar à treliça e esconder parcialmente seus cachos, pensasse em assumir a independência e a natureza dominadora do olmo, ela não apenas deixaria de dar frutos, mas cairia em vergonha e desonra, reduzindo-se a pó... (DAVIS apud JUDITH PAPACHRISTOU, 2016, p. 53).

Davis aponta outra omissão grave dentro destas fontes, que por mais crítico que seja a falta das mulheres negras nos escritos, o fator que o próprio livro *Mulher, raça e classe* (2016) aborda, é a questão da cor. A cor negra não é fomentada como “resistência” da opressão, mesmo que mulheres brancas sofram por opressão e desqualificação, o apagamento da mulher negra e escrava, consegue ultrapassar todas as possibilidades de sujeições, a mais que açoites, ao estupro.

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituídos durante a escravidão como uma expressão dos impulsos dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir, e nesse processo desmoralizar os companheiros (DAVIS, 2016, p. 34).

Esses fatores são trazidos por Davis como apontamentos minimizados na historiografia, sendo que a escravidão por si só já é inumana.

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência e açoitamentos e estupros – as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas. (DAVIS, 2016, p. 39).

A banalização do estupro aos corpos negros femininos é a pior das ações praticadas para além da escravidão. A moral do escravo é abalada, mas, são nossos corpos e mentes aterrorizadas nesse processo de violação. São poucos os escritos da época que relatam e

¹⁹As Irmãs Grimké foram mulheres brancas de classe média que lutaram junto aos homens nas campanhas abolicionistas, e que viram na liberdade negra uma das bandeiras para o início da sua própria liberdade.

²⁰ Ministers - Conselho de Pastores da Igreja Congregacional de Massachusetts divulgou uma carta pastoral.

assumem as práticas maléficas de muitos senhores brancos às suas escravas, o corpo é algo privado; no caso da mulher negra ele foi muitas vezes corrompido e considerado propriedade de outro. Mesmo que ocorressem tais atrocidades aos corpos de mulheres brancas, quando colocado em pauta na sociedade, o corpo da mulher negra associa-se ao objeto não ao ser.

Os fatores historiográficos sobre o sistema antiescravista dos Estados Unidos e em diversos países como no Brasil que mantinham esse regime, nos mostram dados sobre mulheres de classe média, que comparavam seus casamentos muitas vezes à escravidão. Essas senhoras são remontadas como loucas e rebeldes.

Algumas mulheres que participavam com seus esposos de assembleias antiescravistas, assumiam o papel de esposa não militante. A exemplo da “Elizabeth Candy” (DAVIS, 2016, p. 58), esse fator é muito importante e também destaca o lugar de não fala da esposa, pois, mesmo sendo militante se torna inata ao lado do esposo.

Todavia, quando os escravos foram emancipados, essas mulheres viram que as lutas feministas brancas defensoras do abolicionismo não trouxeram os direitos atendidos pelos republicanos. Viram-se usadas nos campos políticos, um tipo de acordo em ganhar o direito ao voto, afirma Davis. E que mesmo as mulheres negras continuando em silêncio, sem direito ao voto, não se podem afirmar/delimitar que todas fizeram por interesses pessoais e econômicos, mas em suma maioria, suas participações participações se fizeram importante independente do interesse pessoal por trás .

[...] Na medida em que o confronto militar entre o Norte e o Sul foi uma guerra para derrotar a classe escravocrata do Sul, foi também uma guerra conduzida basicamente nos interesses da burguesia do norte, [...] sua luta contra a escravocracia do Sul não significava, portanto que apoiassem a libertação de mulheres negras e homens negros enquanto seres humanos. [...] quando chegou os republicanos ortodoxos contestaram a reivindicação pelo sufrágio feminino no pós guerra[...]dispostos a estender aos homens negros todos os privilégios da supremacia masculina. (DAVIS, 2016, p. 82-3)

No ocidente, o sufrágio e lutas por melhorias trabalhistas, saíram das manufaturas das casas para as fábricas, por direito à educação, e revisão do seio patriarcal das mulheres escravas nos Estados Unidos, desvinculando da função reprodutora apenas, comparada a um animal. Trata-se de contexto bem diferente do homem negro escravo, que equivale, na comparativa, por mulheres brancas e algumas escritas sobre o sufrágio das mulheres brancas.

A situação das mulheres negras continua precária e apagada nas lutas por igualdade, além do racismo enfrentado por nossa cor, há também supremacia da masculinidade, tanto do homem branco quanto do negro sobre nossas vidas. Com o direito aos votos conquistados pelos homens negros, as sufragistas mulheres brancas eram consideradas um assunto que poderá ser discutido logo mais, sem tanta gravidade. Davis (2016, p.86) fala sobre a posição política

tomada por muitos republicanos, pois o “apoio dos negros para coligação somaria dois milhões de votos”.

Assim como salienta também a filósofa e doutora em educação Sueli Carneiro (2009) em seu artigo *Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência*, ela afirma o lugar de apagamento e a precarização dos meios principalmente político:

O racismo é assim, cruel. Ao instituir a superioridade de um grupo racial e a inferioridade de outro, gera diversas perversidades. A excelência e a competência passam a serem percebidas como atributos naturais do grupo racialmente dominante, o que naturaliza sua hegemonia em postos de mando e poder. Nunca ouvimos alguém se levantar, além da minoria de mulheres feministas ou militantes negros, quando o secretariado é composto em sua totalidade por homens brancos. Encara-se como natural. Não se coloca em questão se a competência ou a qualificação técnica foram devidamente contemplada nas nomeações. (CARNEIRO, 2009, p. 5)

É crucial entender o que a autora chama de ‘dobrar o delito’ através de Foucault. O termo está associado não por se referir à mulher, mas às condições criadas e naturalizadas que iniciam esses preceitos (ausência feminina negra), que servem como uma humilhação pública e ameaça a que ocupa o poder majoritariamente. Mesmo que existam outros grupos, a mulher negra, para autora, toma a ausência preponderante no cenário político e de poder.

Um dos pontos que também é importante refletir é sobre a mulher negra enquanto resistência. Tal termo por muito fora esquecido no tempo, ou até mesmo não cogitada, é quase nula e escrito como propriedade mesmo que infame a denotação para a construção de resistência da mulher negra: trabalhou igualmente ou mais que o homem nada lhe foi escrito ou articulado. Pois, além de não existir diferenciação de tarefas escravas do sistema do período, esse acúmulo de atividades começava mais cedo com o lar, marido e filhos, mas sempre foi dada a sombra do esquecimento por isso a fragilidade de trabalhar mulher negra e resistência para Davis como uma das problemáticas centrais.

Outro fator que permitiu ainda mais o nosso apagamento enquanto negras foram as assembleias de mulheres negras lançadas cinco anos posteriores ao das mulheres brancas, lutavam pela igualdade e sufrágio e, nas pautas, por liberdade econômica.

As pautas relatavam uma forma segregacionista, e não englobavam a melhoria dos direitos das mulheres de classes populares. Em sua maioria elitistas, produzidas nos discursos das negras de classe média que viam por agremiações as pautas de diferenciação racial, e não a condição histórica de opressões que estavam dentro. “As agremiações se destacavam das classes populares”. (DAVIS, 2016, p. 140).

A evocação da supremacia masculina, sob nossa invisibilidade enquanto mantedoras dos trabalhos equivalentes aos dos escravos negros ou maiores, bem como, os espancamentos e

estupros, não passaram dos interesses do capitalismo, que demonstra o quanto somos marginais e invisibilizadas na nossa condição de cidadãs, que enquanto mulheres negras foram despercebidas e ainda se fazem presentes.

Contudo, ao fomentarmos neste tópico uma escrita desigual também, junto ao sistema que por muito fora vilão e nos remete ao lado obscuro econômico não somente do sul dos Estados Unidos e no Brasil, mas como esta caracterização e desigualdade nos papéis ao longo da história se fazem presentes nas divisões dos papéis das mulheres negras o quanto essa marginalização e as relações com o poder ainda se fazem distantes. Como afirma Jurema Wernek:

A diferença que os processos de singularização das mulheres negras produziu implica uma diferenciação entre sujeitos e grupos com base na raça e no gênero: homens e mulheres, branc@s e negr@s. Diferenciação que denuncia e recusa as condições de privilégio e de poder de violência como atributo do pólo racial branco, independentemente das condições biológicas do sexo ou dos desnivelamentos secundários às políticas de gênero. O que quer dizer também que reconhece, nas mulheres brancas de diferentes épocas também um pólo de poder e de violência. (WENERK, 2010, p.77)

Apesar de tentarmos compreender e destacar a violência contra feminino, é notório e não somente denominado por cor da pele, mas que, ressalta outros fatores de análise mais profundo que não iremos nos ater para aprofundar nenhuma discussão. De todo modo, ainda nos resta a tarefa inacabada, ou que pouco é valorizada, traçar sua voz própria.

Trazemos à busca de outras formas possíveis ou desejáveis de expressão e representação do que fomos, do que poderíamos ter sido, do que desejamos ser, antes e além do eurocentrismo, ou da sua dominação econômica. Ainda que nos reconheçamos múltiplas e inacabadas enquanto ser, devemos sempre permanecer lutando e tentando mudar esse sistema racista e misógino que recusa as militâncias e a voz da nossa condição enquanto mulheres e negras donas de si.

Assim como trouxe Davis sobre as questões que norteiam a formação de um pensamento americano escravista, os pontos comuns entre as duas sociedades quanto do ponto de vista sociopolítico, pois a ambivalência escravista trouxe e marcou as desigualdades perante o corpo e a vida da mulher negra escrava ou livre.

O feminismo em si já é um grito pelo direito de projetar-se como igual em um sistema que por muito nos renega. O feminismo negro vai lutar triplicadamente por essas vozes que ecoam a cultura de segregação ainda clara nos nossos dias atuais, criando não um vitimismo, nem algo do tipo, mas fomentando, assim como nos países exteriores, a exemplo dos Estados Unidos, a criação de identidades distintas. Dessa forma foi caracterizada a luta do feminismo negro.

No final de 1980, num universo de quatro milhões de mulheres negras economicamente ativas, somente cerca de 1.700 ganhavam mais de 20 salários mínimos. Esse cenário de desigualdades persiste pelo século XIX. Os avanços obtidos nesse período na sociedade brasileira não ocorreram em uma proporção capaz de tirar a mulher negra da base da pirâmide socioeconômica. A maioria do segmento feminino negro permanece em último lugar numa fila em que os homens brancos despontam em primeiro, seguido das mulheres brancas e mais atrás, dos homens negros. Mesmo nos casos em que ostentam um tempo de estudo maior do que os homens negros [...] (NEPOMUCENO, 2013, p. 395)

O feminismo negro no Brasil é exposto não só pela historiadora Bebel Nepomuceno em seu artigo *Mulheres Negras Protagonismo ignorado* (2013), mas por outras historiadoras não só negras, como a própria Maria Odila Leite em sua obra *Cotidiano e Poder: em São Paulo do século XIX* (1995). A historiadora fez abordagens sobre mulheres de classes populares e alforriadas de São Paulo e as formas de resistência no século XIX. Mulheres não mais em condições de escravas ocupavam profissões que muitas vezes não a desassemelhassem da própria escravidão, mas que calcam resistência em um país miscigenado, no qual ao mesmo tempo sempre o nega²¹.

Outra visão pode ser analisada na tese de mestrado da socióloga Nubia Moreira (2007) sobre o feminismo negro. Nubia discute a equivalência da identidade criada em cada forma de feminismo e aprofunda o debate sobre o movimento das mulheres negras, margeando sua representatividade nos setores políticos, dependendo da sua classe econômica, seja em todas as vertentes da sua vida,

No caso das mulheres negras, a luta contra a dominação não se focaliza na ruptura com o patriarcado. É preciso considerar as particularidades delineadoras de suas experiências. Mesmo antes da travessia para as Américas, as africanas tiveram trajetórias vinculadas ao domínio público' (MOREIRA apud CÔRTEZ, 2005, p.78).

Moreira explicita que o embate das discussões raciais e de gênero no Brasil, tardiamente, foram o que impediu melhor enfoque dentro das políticas raciais e da reinvenção do sujeito. Partindo então do olhar que Moreira esboça em sua tese, podemos dizer que o feminismo negro tem uma busca identitária relutando a ideia de mulher universal, criada por um feminismo tradicional que muito se exclui e segrega mesmo que não visto, nem percebido.

Em relação à discussão do feminismo racial, este ainda é visto como uma subcategoria não aprofundada na história do feminismo brasileiro, mas escrita em muitos trabalhos à parte que crescem e englobam cada dia mais, e em novas pesquisas principalmente no âmbito da

²¹ Meu objetivo ainda não é falar do trabalho de forma mais aprofundada mas exemplificar as principais lutas, tanto do feminismo de classe média e das classes populares quanto do feminismo negro no Brasil; e de como se assemelharam mas ao mesmo tempo tiveram maneiras diferentes na luta por igualdade de direitos.

história social.

Então a partir da projeção de étnico racial, temos que considerar como não foi ambígua as relações que se deram entre as mulheres negras de classe média, de mulheres negras pós-escravistas, carregavam em si um falso ar de elitismo. Isso porque, dadas às circunstâncias, essa classe média de mulheres negras não evocava os seus direitos enquanto classe, mas sim, se fizeram surdas e mudas equiparando-se aos homens brancos, que as mantiveram em menosprezo e terror nos tempos escravistas.

A denúncia na escrita, sobre a invisibilidade na ordem de mulheres, raças e classes, podem ser mais que desiguais, são intolerantes na escrita histórica, exclui seus semelhantes e delimita por hierarquizações baseadas no patriarcal, inclinando-se para o silêncio e olhos vendados das raízes desiguais. Olhando para o papel servil de desigualdades, podemos enxergar, também, nas lutas feministas portas que colaboram para diminuir formas das desigualdades, tanto salarial quanto postos de trabalho ocupados desta maneira. Expomos mais a diante as discussões sobre mulher, feminismo e o mercado de trabalho.

3. INSUBMISSÃO DA VOZ E RECONQUISTA DO ESPAÇO PÚBLICO: RESISTÊNCIAS E FEMINISMOS

3.1. Mais do que um apêndice

Este capítulo tem como escopo principal abordar, através da historiografia, os caminhos calcados para um feminismo no Brasil e discorrer sobre como suas lutas refletiram na formação sociopolítica dos direitos das mulheres, no cenário do e dos outros setores que tangem nossas vidas, a exemplo do ativismo sociopolítico.

Uma das principais obras que trago para a discussão desse capítulo é *A nova história das mulheres no Brasil* (2013) organizada por historiadoras de renome no campo da temática feminista, Carla Pinsky e a Joana Maria Pedro. Além de autoras como a Rachel Soihet (2013), Maria Ligia Prado (2013) e Stella Scatena (2013), Bebel Napuceno (2013) e Cristina Scheihe (2013) que compõem artigos que traçam a trajetória da mulher no espaço público e suas conquistas por espaço de poder.

O movimento feminista moderno principiou como um movimento que tentava estabelecer a similaridade com os homens. Porém, há uma série de razões para que tenhamos cuidado ao deliberar o feminismo como um movimento para chegar à ponto de luta por igualitarismo. Se previrmos que o feminismo tem em vista tal fator para principais pautas entre as mulheres e os homens, surge a demanda: quais homens? Com quem as mulheres querem ter igualdades ?

As feministas não estão lutando para serem iguais aos homens explorados, sem direitos ou em circunstância de inferioridade. É implícita a ideia de que as feministas devem batalhar pela igualdade com os homens, sendo estes de privilégio. Já que o privilégio se desdobra de modos que tipicamente favorecem identidades brancas, de clivagens média e heterossexual.

No Brasil, o feminismo tem processos que reforçam sua diversidade, particularidades e correntes. Sua história possui representações a partir das feministas que vivenciaram múltiplas práticas políticas em ações e mediações que favoreceram conquistas e obstáculos. Ao relembra fatos dessa história, descortinamos um passado que se projeta no presente, fatos que antes pareciam inalcançáveis começam a tomar formas.

[...] as aspirações das mulheres brasileiras mudaram significativamente a partir de fins do século XIX, com o advento da República, ao lado de mulheres pobres, desde sempre inseridas no mercado de trabalho, passaram a busca-lo também aquelas dos segmentos e mais elevados [...] igualmente desejosas de realização profissional e autossuficiência econômica. Acesso pleno a educação de qualidade, direito de voto e de elegibilidade. nas lutas se inspiraram no fim do século XIX no qual, as mulheres pobres já inseridas no mercado de trabalho. (SOIHET, 2013, p. 218)

A República inicial do Brasil não evidencia poder de voto, nem de igualdades as mulheres, mas fomentam as brechas iniciais para a luta no alistamento do voto, assim como trouxe Soihet sobre o espaço conquistado na República. Diferente da historiadora Maria Ligia Prado (2013) que trouxe exemplos de mulheres como Maria Augusta Meira formada em Direito no Recife e da baiana Isabel Dillon que teve seus pedidos negados por voto.

O feminismo sufragista evidenciado na virada do século XIX, casos e mais casos evocando o espaço público não somente no eixo São Paulo e Rio de Janeiro, mas em parte significativa do país. Os frutos das lutas não se deram de modo imediato, mas foram viabilizando cada vez mais mulheres, seja em forma de grupos não ligados diretamente à política partidária ou até mesmo com a formação do partido Republicano Feminina (1910).

As demandas do feminismo no Brasil tiveram como um dos principais rostos o de Bertha Lutz, o qual ocupou um dos primeiros cargos públicos, estudou fora do país e teve um reconhecimento notório na luta por emancipação feminina, luta tanto por melhorias trabalhistas das clivagens populares, quanto pela educação e a igualdade em remuneração.

Em trecho da Carta escrita por Bertha Lutz à *Revista da Semana* (1918), citada por Soihet, são vistas as pretensões claras da luta encabeçada por Bertha e outras mulheres contra a opressão. Observa-se o trabalho como uma ferramenta determinante contra a opressão e a independência econômica das mulheres, além da educação também ser colocada em pauta para a emancipação. Tais aspectos forjaram a luta feminista no Brasil.

tes. A essas larelas, até agora ignoradas ou julgadas impossíveis para a mulher, ella trouxe uma intelligencia viva e uma energia indomavel. E o que todos os argumentos sociaes e politicos não puderam fazer, esse exemplo heroico de abnegação e força de vontade o conseguiu. Hoje colhem ellas o fructo da sua dedicação. Nós, felizmente para nosso paiz e para nós proprias, não fomos chamadas a dar as mesmas provas. Mas assim mesmo sentimos que somos dignas de occupar a mesma posição. Como, porem, obtel a? Não devemos resignar-nos a ser as unicas subalternas num mundo ao qual a liberdade sorri. Devemos tornar-nos dignas da posição que ambicionamos e dar provas do nosso valor para merecel-a. E' certo que muito, que quissi tudo, no estado actual, depende do homem. Mas uma das maiores forças de emancipação e de progresso está em nosso poder: a educação da mulher e do homem.

Figura 1- Trecho da Carta de Bertha Lutz à Revista da Semana, 1918; Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira;

Como estratégia política, Bertha Lutz ocupava os espaços na imprensa para construir o consenso em torno das teses feministas que ela defendia. Na carta publicada à Revista da Semana, Lutz compara o feminismo brasileiro ao do exterior, pois a organização e aceitação significativa de mulheres trouxe visibilidade às mulheres por muito tempo silenciadas no espaço público.

O feminismo de Lutz estava longe do feminismo das “sufragetes”, termo que empregou para os manifestos de ruas feitos por outras vertentes feministas, a exemplo da Leolinda Dalto, a fundadora do partido Republicano Feminino (1910), feminista e ativista que antecedeu uma militância com poucas mulheres.

Daltro foi evocada e também motivo de escárnio na mesma imprensa que, anos depois, Lutz se valia para a promoção de um feminismo moderado para “não assustar os conservadores” com sua escrita, afirma Soihet (2013, p. 220). Dalto organizou pequenas marchas contra a opressão do não direito à legenda e ao voto.

Vale salientar que, com sucessivos golpes políticos instaurados em 1937, o golpe civil militar, chamado Estado Novo, fez com que os movimentos sociais, inclusive o das mulheres fossem abafados, pelo menos na liberdade civil até meados de 1945, em que ocorre a deposição e a democracia começa a tomar lugar.

Outras lutas de mulheres tomaram lugar com os homens na Segunda Guerra Mundial. A mobilização por arrecadação e envio de donativos fez com que as lutas e o enfrentamento das desigualdades das mulheres no meio social ainda fossem visíveis, mas foi deixada para segundo plano, em vista das questões em meio ao cenário caótico.

O cenário pós-guerra formou, para as mulheres, uma conotação de muitos movimentos ligados a “esquerdizantes” (SOIHET, 2003, p. 233) inspirados entre 1940 e 1960. Suas críticas pautavam contra os desequilíbrios sócio-capitalistas, nos quais as mulheres que estavam inseridas partiam da classe média a baixa a favor da emancipação.

A emancipação foi uma questão secundária e, frequentemente, colocada para escanteio, enxergada primordialmente para opressão das mulheres. Foi resultado do sistema capitalista, de acordo com a teoria de Saffiotti (1969), para expressar a falta de notoriedade emancipatória da mulher no espaço público.

Soihet salienta que ao deixar de lado uma mulher que trabalhou assalariadamente, dando ênfase às questões de mulheres donas de casa e mães, a luta trabalhista não pode ser um traço fundamental para que nós, mulheres, não fôssemos “sujeitos da sua [nossa] própria história” (SOIHET apud SAFFIOTTI, 2013. p. 234). No entanto, não podemos ser anacrônicos sobre as lutas feministas de cada período, pois elas seguiam pressupostos diferentes em cada militância.

A militância feminista já trazida por Joana Maria Pedro (2013) considerou que por muito tempo o feminismo foi visto como o oposto do feminino. Afirma a historiadora que, até meados de 1980, evocam as mulheres militantes como “masculinizadas, feias, lésbicas, mal-amadas ressentidas e anti-homens” (PEDRO, 2013, p. 238). A ótica da Pedro tem condições que mostram a segunda leva do feminismo, diferente do evocado por Soihet.

Para Pedro o processo de urbanização foi um dos fatores evidenciados para a organização das mulheres em espaços públicos, além do aumento de clubes, grupos organizados por intelectuais para movimento das ‘liberadas’ (PEDRO, 2013, p. 241), como também para a construção e movimentação dos periódicos e dos Centros da Mulher (CMB).

Era problemática e muito arriscada a utilização do termo feminismo no Brasil. Houve, frequentemente, na segunda onda da leva feminista no Brasil, formas diferentes ao exterior, mais especificamente da França e os Estados Unidos, pois a conjuntura política da ditadura militar foram motivações, mas politizadas, o que se iniciou com a reivindicação e com os problemas sobre as mulheres trabalhadoras. Também nosso corpo, nossa sexualidade e a violência obtiveram destaques nas lutas.

O ano de 1975 trouxe diferentes ocorridos para nós, mulheres, que destacam conquistas para os movimentos das mulheres. O primeiro vem o Rio de Janeiro como o marco do feminismo no Brasil e com a conquista dos Centros da Saúde da Mulher (CMB), no qual tiveram monções para a conscientização e a coibição da violência contra as mulheres.

Os periódicos escritos por/para as mulheres também se dataram nesse período primeiramente no Paraná, criando assim, uma cultura da escrita intelectual brasileira voltada às temáticas sobre mulheres, além de propostas do feminismo que englobaram a luta pela democracia nos direitos políticos, abaixo ao regime censuravam os feitos e a propaganda feminista a exemplo do que foi trazido por Pedro.

3.2. Insurgências femininas no Sertão

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira de classes. Ao nascerem são chamadas de ‘mininu fêmea’. (KNOX, 2010, p. 241)

Será que podemos compreender o feminismo para além do eixo Rio de Janeiro - São Paulo? Não podemos desmerecer as lutas e marcos importantes travadas nesse eixo, mas tomando a parte que o Brasil tem diversas formas, tons e cores, as mais variadas vozes, inclusive, das nossas nordestinas e feministas.

Uma das principais obras que utilizo para abordar a temática da insurgência feminina nordestina são os *Cadernos feministas de Educação & Política* (2006), publicados pela Casa da Mulher no Nordeste. Este tópico tem como objetivo traçar artigos que fortaleçam e tragam voz as práticas do feminismo no nordeste além da articulação no cenário econômico e político em diversificados estados nordestinos, entre eles o Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Maranhão e Alagoas.

O artigo da Miridam Knox (2010) também é importante para entender a mulher nordestina do sertão. O trabalho surge para complemento historiográfico e está contido no livro *História das Mulheres no Brasil* (2010), do qual retiro o trecho que inicia este tópico, trazendo a construção e a produção dada à mulher nordestina.

As mulheres nordestinas tinham classes e categorias diferentes, mas todas têm algo em comum. O fato da misoginia ser bem presente em seu dia a dia, seja por casamentos arranjados ou no regime de bens, afirma Knox, com o passar do século XIX mesmo que mulheres buscassem por igualdade o nordeste tinha práticas mais aleatórias de machismo. Dessa forma

“O isolamento do sertão, as condições locais de povoamento, as condições ambientais de clima e a formação de uma sociedade patriarcal altamente estratificada influíram nas especificidades do sertão” (KNOX, 2010, p. 275).

Então, podemos afirmar, a partir, da leitura da historiadora Knox que a construção e a formação dos sujeitos se dão pelas práticas, signos e representações diferentes do mundo do feminino; assim podem destacar o feminino nordestino que em essência lutou e luta por seus direitos suas insurgências vão destacar muito além do que é visto por maioria das sociedades.

A primeira obra é construída com artigos mais variados, de cunho que remetem às diversas formas de feminismo na região nordeste, desde períodos mais antigos como o século XIX aos dias atuais, sejam como movimentos autônomos, em ONGs ou dentro da academia ou nas experiências extensão/movimento²².

Traço um apanhado geral que marca os principais pontos de cada escrita, e como essa articulação gerou novos moldes para pensar o feminismo para além dos eixos sulistas, mas não podemos prejudicar e nem excluir a discussão do feminismo nordestino com o resto do país e com o próprio sul; pelo contrário, como sua formação tem parcerias nacionais e internacionais e até mesmo beberam das fontes das pesquisas estrangeiras e do próprio sul.

A existência de grandes eixos de feministas no nordeste se deu sobremaneira também importante; por isso é uma pauta que não pode passar despercebida, para isso devemos desassociar e quebrar com o imagético discursivo formado sobre o nordeste²³.

O primeiro ponto através da compreensão de um nordeste não foi estagnado, pelo contrário acompanhou o desenvolvimento e o cenário de mudanças no país; sejam com embates e sociopolíticos e econômicos, a resistência principalmente contra uma herança de cunho forte do patriarcado e coronelismo por nossas feministas.

Todavia, a influência e a cultura sulista também não destacaram o protagonismo das nossas mulheres nordestinas e feministas no esquecimento do vasto campo do feminismo nordestino, a exemplo uma das primeiras pioneiras na militância na figura da Nísia Floresta um pseudônimo para Dionísia Gonçalves Pinto, que dedicou sua vida a educação e fez muita alusão à educação da mulher como ferramenta contra o desmerecimento da mulher na sociedade.

Também a primeira mulher a conseguir direito ao voto no Brasil se estabeleceu no

²² Extensão trago este termo para trazer as relações existentes entre sociedade e academia relações que correlacionam entre si e propõem unir práxis e teoria para melhorias nas questões femininas.

²³ O imagético discursivo é um termo que uso para explicar a supervalorização calcada ao Sul e os estereótipos e meios de reprodução “do atraso” por diversificadas formas de menosprezo ao nordestino e ao espaço geográfico no qual limita todo o nordeste a uma única forma de sofrimento, aridez, atraso e a pouca prática intelectual, termo discutido pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999).

nordeste brasileiro, a professora Celina Guimarães Viana do Rio Grande do Norte em 1927, no qual viu brechas nas leis que não deixavam clara a participação feminina, fez da brecha sua voz, é assim que se veem um cenário se metamorfoseando.

Instituir equidade e trazer criticidade são os objetivos que o feminismo em todas as suas vertentes tem em comum, mas que cada um se utiliza dos meios da sua realidade para a própria mudança. No Nordeste não será diferente, seja a mulher no espaço de relações de poder desiguais cada uma a busca unir teoria e prática que revolucionem as heranças desiguais baseadas no gênero.

No artigo escrito pela economista e socióloga Gema Esmeraldo (2006) sobre o feminismo no Ceará, é feita uma breve demarcação cronológica no qual o percurso de mulheres desde século XIX pelos direitos “São traços de um feminismo prático, não simbolizado como feminismo, mas já ficando em sinais que vão geminar e dar solo ao que vai se configurar, no início da década de 1980” (ESMERALDO, 2006, p. 26).

Esmeraldo escreve que a constituição de um feminismo ligado a partidos políticos são o alavanque das mulheres e as demandas desiguais desse modelo vão marcar a política e as mulheres cearenses envolvidas, no qual julga um dos fatores na criação do CCDM (conselho cearense de direitos da mulher) em 86.

Ainda que movimentos questionem a participação das mulheres ligadas diretamente ao setor público e como a autonomia de movimentos possam tomar rumos diferentes, a exemplo da UMC (União das Mulheres Cearenses), que tinham em essência um formato marxista na teoria que fora criado em 80. Movimentos ligados a lutas sindicais e rurais também se fazem base de muitas feministas cearenses na década posterior dando mais visibilidade ao feminismo “ocultado” (ESMERALDO, 2006, p. 46).

Já na região pernambucana os enfoques são dados por Patrícia Chaves e Elizabeth Severien especializadas em gestão de negócios e economia, que trazem uma história de “descontinuidades” (CHAVES; SEVERIEN, 2006, p. 84) vistas desde a metade do século XX com declarações públicas de mulheres que traçaram como deveriam ser as candidatas à Assembleia Constituinte de 1934. E ainda há outra trajetória com a criação do grupo Ação Mulher e as propostas de indicarem a inserção da mulher no cenário da cidade no qual afirma:

[...] É resultado, então, desse longo percurso, a capacidade do feminismo em Pernambuco articula-se com o feminismo no Brasil e no espaço internacional, equacionar as suas questões relacionando-as à História e à conjuntura, encaminhando-as para os campos da legislação e das políticas públicas [...] nos confrontamos com a realidade da sub-representação das mulheres nas câmaras municipais, assembleias legislativas[...] nos altos cargos executivos, enfim, em todos os espaços onde se decide a vida do povo brasileiro”.(CHAVES; SEVERIEN, 2006, p. 85/86)

A criação ao longo do tempo de ONGs feministas em Pernambuco é destaque para tentar suprir a falta do setor público e como se davam os formatos já que muitas militantes adivinham de uma classe média a própria formação seja da CMN (Casa da mulher do Nordeste) ou do CMC (Centro das Mulheres de Cabo), grupos que tiveram uma transformação ao longo do tempo entre a autonomia e as práticas de atividades tentando alcançar uma equidade de papéis entre mulheres e homens e melhores condições de vida para as mulheres.

Já, quando se trata de falar da experiência enquanto com feminismo baiano temos uma longa trajetória de especificidade na cenário universitário com a UFBA, pois foi dentro da academia que tal modo de pensar feminismo com grupos interdisciplinares trazendo a consciência crítica das mulheres enquanto movimento social. Além da atuação no cenário intelectual baiano, trazido pela professora de ciência política Ana Costa (2006), no qual evoca uma pesquisa como “algo distinto do resto do nordeste” (COSTA, 2006, p. 119).

Costa enfatizou um grupo específico criado nas paredes da academia e fez pensar outro tipo de feminismo: o acadêmico. Através da ligação de Costa com grupos feministas mais autônomos como o BM (Brasil Mulher) na capital e com a dissolução do NEM na PUC/ RJ e a formação de um novo grupo juntamente com professoras da Faculdade de Filosofia da UFBA o grupo de estudos da Neim.

Foi primordial para entender dentro da academia o feminismo acadêmico, além do BM que saía de cena, a visibilidade do núcleo de estudos viabilizou-se não só na “comunidade baiana” (COSTA, 2006, p. 129), mas que no cenário nacional se projetou e tomou a forma que teoria e práxis devem caminhar juntas no feminismo dentro e fora da academia como pautas que envolviam a violência contra a mulher e qualificação trabalhista na ótica do gênero.

Além das articulações com os movimentos sociais voltados à mulher (extensão acadêmica) e as produções que abordem as temáticas da condição feminina, nos diversos setores se deu a construção de um feminismo dentro/fora da academia, o que começou de uma forma com movimentos autônomos. O feminismo baiano tanto da academia quanto fora, para Costa, tenta trazer a conscientização e criticidade que muitas vezes é esquecida tanto dentro quanto fora da academia para tentar transformar a teoria e a prática do papel da mulher atual.

O feminismo em Sergipe tomou também uma vertente dentro da academia, mas da ótica tomando o campo das ciências sociais e de cunho educacional, por mais que se tenham interpretações diferentes e cada uma das suas “especificidades”. (CRUZ, 2006, p. 149). A socióloga e educadora Maria Helena Cruz afirma que através da ótica acadêmica é possível ter um resgate crítico sobre entender o papel da mulher dentro e fora da academia, estando de acordo com a ideia descrita por a autora sobre a mesma temática na Bahia.

Em contrapartida, Cruz também fará uma reflexão sobre como o feminismo acadêmico moverá e transformará as relações de trabalho e a posições entre todos os setores desde a saúde da docente quanto sua identidade e cultura nas relações de gênero para um campo mais transdisciplinar, já que uma única disciplina não aborde para dialogar com a produção sergipana acadêmica.

[...] Apesar das mulheres já serem cidadãs nas democracias liberais, a cidadania formal foi obtida dentro de uma estrutura de poder patriarcal na qual as tarefas e as qualidades das mulheres estão desvalorizadas. Além disso, o apelo para que as capacidades distintas das mulheres se integrem completamente dentro do mundo público da cidadania. (CRUZ, 2006, p. 158)

Com isso, todo o crescimento socioeconômico que deveria trazer e projetar melhor a mulher docente e as práticas de equidade acabam muitas vezes trazendo mais teoria do que práticas; ainda realidade na prática acadêmica de muitas docentes e no meio externo. Apesar de se falar em uma equidade, a exclusão social ainda é algo bem forte no debate do feminismo, tanto acadêmico quanto de movimentos como mecanismo de diferença e desigualdade.

Na região maranhense, a escrita sobre o feminismo ocorrerá sobre a pauta das experiências no feminismo e sua reflexão na pesquisa quantitativa de militantes que repercutem em grupos extensionistas e movimentos populares a partir do período de 80, trazido pelas professoras e socióloga Mary Ferreira e a assistente social Ieda Cutrim Batista, que possuem atuação no grupo de Mulheres da Ilha, e a Sandra Torres que atua como assistente social e vínculo a secretaria estadual das Mulheres

A diversidade de grupos feministas com vertentes diferentes ligadas ou não diretamente a política, contribui para a formação crítica e nas lutas contra formas de poder centralizada do patriarcado, transformando “relações patriarcais de gênero na sociedade e para e para criar leis que repercutem positivamente na vida das mulheres” (TORRES; FERREIRA; BATISTA, 2006 p. 171).

A principal forma vai ser o projeto das experiências extensionistas intitulado *mesa de diálogo* (TORRES; FERREIRA; BATISTA, 2006, p. 178), o qual teve participação de

dezessete mulheres de diferentes grupos feministas maranhenses e seus testemunhos de vida no período de 2006. Foi então através desses diálogos sobre o feminismo, que foi possível englobar novas oportunidades para mais mulheres, de todas as classes. A pauta de um feminismo para mulheres negras também é feita com a conscientização não somente enquanto clivagem social mais enquanto classe de mulheres e seus direitos.

A política e o feminismo também não poderiam ficar fora do diálogo no qual mostram o feminismo e a atuação de órgãos públicos, de mulheres e as estruturas que construíram para uma equidade em Alagoas. Para isso, Cristina Buarque e outras pesquisadoras evocam que as tentativas e ocupações à frente de cargos em órgãos especiais, as políticas voltadas para as mulheres a exemplo da SPM (Secretaria especial de Políticas para Mulher) que trazem ainda as dificuldades para implementação de “políticas de gênero” (BUARQUE; LOPES; MEDEIROS; WRIHT 2006, p. 195).

No que tange a temática sociopolítica é algo que não envolve somente as ocupações dos cargos de governos, mas também os problemas e soluções para uma maior possibilidade de compartilhamentos entre homens e mulheres, afirma Buarque; Lopes; Medeiros; Wriht (2006). O perfil diversificado das mulheres alagoanas, desde zona da mata, as sertanejas e a ribeirinhas, possam traçar e formarem organizações distintas, mas que compartilhem do mesmo ideário estabelecido com a criação do SEMULHER em 2002, no qual estabelecida como uma secretaria especializada para mulheres de governo de Alagoas e a primeira do Brasil que tratam tal demanda da mulher em governos municipais e estaduais.

Diferente dos outros estados, o feminismo alagoano tem como foco a pesquisa da mulher na política que ocupa cargos secretariados ou ligados a outros órgãos públicos, são cada vez mais frequentes, mas ainda são considerados baixos quando equiparado com o número de homens em projeções públicas do governo, um estado que repercute ainda uma alta taxa de desigualdade de gênero.

Ainda parece utópico falar em igualdade não somente no nordeste e seu feminismo, mas se podem notar os frutos e as novas sementes plantadas para a diminuição de uma desigualdade de herança patriarcal, no qual a mulher ainda é o sujeito muitas vezes detentora de uma jornada tripla de trabalho, casa e família.

Podemos então estabelecer que os artigos e suas mais diversificadas obras escritas de economistas a sociólogas podem ser um começo, mesmo que não evoquem área sumariamente na história, mas equivale seu feminismo insurgente para as conquistas, mudanças do papel homem/mulher no tempo e espaço o transformando.

A subordinação das mulheres no nordeste é o resultado das relações desiguais de gênero, pautada pela cultura patriarcal e escravagista. Essa cultura foi construída no nordeste a partir da exclusão das mulheres e das populações não-brancas – negras e indígenas-, de forma que a sua herança potencializa essa exclusão no interior das populações pobres [...] (CORDEIRO, 2006, p. 249)

Nesse viés de exclusões e lugar de não fala, formaram-se as mentalidades e as relações com outros grupos. Por isso, ao tentar entender estas dificuldades, Cordeiro (2006) traça o feminismo para compreender a gênese das desigualdades entre homens e mulheres. Ele serve como um destruidor de naturalização da mulher como sujeito de subordinação, dando ênfase à política que o movimento feminista ganhou, especialmente, no cenário nordestino que sofreu com bases bem destacadas de um coronelismo e patriarcado forte.

Cada região não se delimita a uma única forma de lidar e compreender feminismo; traz um eixo norteador no qual cada pesquisadora julgou como caráter de análise e centro do cunho tradicional e de pesquisas avançadas de se criar e viver nossa luta por equidade.

É importante trazer que a miscigenação e os grupos étnicos são abordados como totalidade de mulheres negras, mulheres pobres, mulheres vítimas de violência, mulheres que são mulheres empoderadas, tomam consciência da sua capacidade de reconstruir novas formas de pensar em espaço, lugar de voz e de vez; são as vertentes que moldam o Nordeste cada dia mais, e evocam o dinamismo de uma região estereotipada e muitas vezes generalizada.

4. NARRATIVAS DE SI COMO FONTES HISTÓRICAS EM DELMIRO GOUVEIA: VOZES QUE RECONTAM

4.1. Empreendedorismo(s): uma nova pauta

Mulher empreendedora é, ao mesmo tempo, singular e histórica. Ela não é determinada pelas condições sociais e históricas, mas é capaz de elaborar sua subjetividade na geração de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de relação.
(MONTEIRO; LIMA; OLIVEIRA; LOPES, 2017 in: Mulheres Empreendedoras: do anonimato à conquista plena, V.1. III JOIN)

Podemos afirmar que o feminismo teve uma grande parcela para as conquistas políticas e ampliação da mulher no mercado de trabalho, para além dos trabalhos dentro do lar e nas tarefas informais. A projeção dada também pelas mudanças socioeconômicas, o crescimento dos centros urbanos, a industrialização, além das novas formas de consumir informação, voltadas para um campo que não mais, que seja apenas o início pertencem ainda sumariamente mais aos homens.

Para a feminista Joan Scott (1994), a política não pode ser aplicada por um viés apenas, ela tem conotações e sentidos amplos que dialogam entre si, dando a nós mulheres sustentação e noção do espaço físico e espaço de poder, no qual enfatizamos os campos mais notórios desta conquista, a exemplo do próprio trabalho dentro das universidades, em cargos mais elevados, mas também das nossas mulheres de clivagens populares com conquistas no cunho empreendedor, porém, abordarei o tema da mulher empreendedora ao longo do capítulo.

O empreendedorismo que uso como conceito chave é um termo para além da história, ele perpassa pelas ciências econômicas e caminham lado a lado com os meios para além-produção, ou seja, dele advém a ideia de “inovar”²⁴ trazido na matéria escrita por Pombo (2003) .

[...] O economista austríaco Joseph A. Schumpeter, no livro “Capitalismo, socialismo e democracia”, publicado em 1942, associa o empreendedor ao desenvolvimento econômico.[...] Segundo ele, o sistema capitalista tem como característica inerente uma força denominada de processo de destruição criativa, fundamentando-se no princípio que reside no desenvolvimento de novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados; em síntese, trata-se de destruir o velho para se criar o novo. Pela definição de Schumpeter, o agente básico desse processo de destruição criativa está na figura do que ele considera como o empreendedor.[...] Em uma visão mais simplista, podemos entender como empreendedor aquele que inicia algo novo, que vê o que ninguém vê, enfim, aquele que realiza antes, aquele que sai da área do

²⁴ Utilizando-se do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) o empreendedorismo esta conceituado através de aspectos que acampanham uma gama de habilidades que interagem entre si, para que possam criar demandas possíveis ao empreendedor disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/o-que-e-ser-empreendedor,ad17080a3e107410VgnVCM1000003b74010aRCRD>

sonho, do desejo e parte para a ação. Seguindo esse raciocínio, a professora Maria Inês Felipe, em seu suplemento Empreendedorismo: buscando o sucesso empresarial, defende a ideia de que o empreendedor, em geral, é motivado pela autorrealização e pelo desejo de assumir responsabilidades e ser independente. (POMBO, 2003, p. 1-2)

Partindo do viés que o empreendedor se utiliza de inovar e tomar partido de algo do zero podemos afirmar que, o empreendedorismo feminino visa esse rompimento das desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho, questões que não irei aprofundar, mas que trago como uma das pautas como forma emancipatória do trabalho feminino e a condição das mulheres no modelo empreendedora²⁵.

Assim como o Sebrae a Endeavor traz em um de seus artigos escritos em parceria, pela redatora Priscila Cestarolli intitulado *Lugar de mulher é nos negócios* (2016) publicado em ambas as páginas, abordou o crescimento da mulher pelo mundo no mundo dos negócios²⁶. Ao ressaltar as características da liderança feminina os dados do SEBRAE e do ENDEAVOR indicam a participação mais ativas das mulheres:

Nos últimos anos, o número de mulheres que começaram a empreender cresceu muito, tanto no Brasil como em outros países. Atualmente, cerca de 30% de todos os negócios privados do mundo são operados ou têm como idealizador uma mulher. Esse dado seria promissor, se não fosse por um fato: apenas uma pequena parcela dessas organizações consegue ser considerada de alto impacto[...] Mesmo com 80% dos empreendedores reconhecendo que muito ainda deve ser feito para que as mulheres sintam-se atraídas por cargos de liderança, infelizmente apenas 13% acreditam que essas mudanças irão realmente sair do papel. Esse desencorajamento no ambiente de trabalho é responsável pelo dado de que **43%** das mulheres afirmaram que o medo de fracassar é o que faz com que elas não abram suas empresas, comparado com 34% dos homens. (CESTAROLLI, 2016, p. n.p.)

Apesar de tal crescimento mundial da atuação feminina nos negócios, ainda é muito precária trazer isto para a realidade regional, podendo então tomar vertentes mais limitadas sobre o empreendedorismo feminino em tópicos posteriores que trazem nossas empresárias sertanejas. Então partindo da visão que empreendedorismo feminino tentam o rompimento com tais desigualdades, pouco a pouco se tornam notória sua importância, mas ainda é pauta recente e menos trabalhada e problematizada quando falamos de uma história material socioeconômica, o qual nossas mulheres são inseridas de forma desigualm as que não será aprofundada para debate em nossa pesquisa.

Para tal se faz necessário antes de adentrar nos perfis aqui estudados de nossas cinco

²⁵ Baseado no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é uma entidade privada brasileira de serviço social, sem fins lucrativos, criada em 1972, que pratica a capacitação e a promoção do desenvolvimento econômico e competitividade de micro e pequenas empresas, na qual capacitam e programaram estratégias tanto homens quanto de mulheres donos/donas de seus próprios negócios a crescerem e viabilizarem também o crescimento econômico do país.

²⁶ Disponível em: <https://endeavor.org.br/tomada-de-decisao/lugar-de-mulher-e-nos-negocios/>

empresárias entrevistadas, a compreensão da teórica e metodologia das técnicas de pesquisa utilizadas, para que possamos chegar em nosso objeto de pesquisa pressuposto, o tópico seguinte contemplará os conceitos principais assim tentando facilitar a compreensão do uso de cada elemento para chegar as vozes de nossas sertanejas.

4.2. Metodologias da pesquisa: ao encontro das vozes-mulheres empreendedoras delmirenses

Ao falar da história das mulheres, logo ligamos às fontes escritas e esquecemos que as primeiras representações e resgates se deram através da oralidade. Desta maneira, este capítulo terá como escopo o encontro de nossas vozes através da história oral. As principais obras que trago para denotar a importância da temática correspondem aos escritos da historiadora Verena Alberti, com uma das obras *Ouvir e Contar textos em Historia Oral* (2004), e dos historiador/as José Carlos Sebe e Fabiola Holanda, com a obra *História Oral como fazer como pensar* (2011), além da Marconi & Lakatos, na obra *Técnicas da Pesquisa* (2011).

Minha metodologia de pesquisa acompanha a história oral como principal aporte teórico juntamente com outras técnicas de pesquisa-ação, a exemplo das entrevistas com perguntas abertas seguindo um roteiro e a análise qualitativa dos dados da *pesquisa de campo*. Desta maneira, ao trazer as vozes que não estão escritas e muito menos se fazem maciça na história, tentaremos discorrer sobre histórias apagadas não somente do cenário delmirense, mas enquanto sujeitos de toda a história.

Como afirma a historiadora Verena Alberti (1996), assim como a autobiografia, a história oral traça a história do sujeito, mas com a ação de dois sujeitos, o entrevistado e o entrevistador.

De que forma podemos incorporar essa distinção à discussão sobre a especificidade da história oral? Ora, do mesmo modo que uma autobiografia, podemos dizer que uma entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas. (ALBERTI, 1996, p. 4)

O conceito de história oral abordado por Alberti tem o mesmo valor da fonte escrita bibliográfica. Para Alberti, a história oral não coloca somente a voz do entrevistado, mas ela tem um papel de reconhecer fatos que muitas vezes passam despercebidos, não podendo delimitar a entrevista ou a história oral como algo ficcioso, pelo contrário, ela não remete ao

retorno do fato, mas é uma das possibilidades e versões históricas.

A história oral, para Alberti, pode ser caracterizada no mundo moderno como paradigmas do modo de pensar hermenêutico ²⁷. Perante isso equivale o indivíduo como valor, ou seja, as memórias resgatadas e selecionadas entre o que o entrevistado e o entrevistador criam, uma forma tênue com a história. Para Alberti, a memória é a parte que constrói as realidades, causa mudanças e traz importância da história oral.

Não se pode tomar uma única verdade nem uma história por completa, pelo contrário, há “uma visão geral das cenas” (ALBERTI, 2004, p.19). Destacando que a hermenêutica nunca produz uma certeza demonstrável, Alberti afirma que “[...] nenhuma interpretação é completa, haverá sempre espaço para novas possibilidades, que, novamente, não darão conta da totalidade e assim por diante. [...] Creio, contudo que as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem função de descobrir o que documentam” (ALBERTI, 2004, p. 19).

Alberti salienta as diversas formas da utilização da história oral. Uma delas é como essa história oral é organizada por narrativas, sendo essa que, “ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem”. (ALBERTI, 2004, p. 77). Sendo assim, destaca-se a importância da história oral nos estudos sobre a linguagem rotulada como “fontes orais” (ALBERTI, 2004, p.77), em estudos para além do campo histórico que repercutem em toda uma organização e cristalização da linguagem.

É por meio da interação do entrevistado e entrevistador que uso da autora para delimitar para a pesquisa o resgate da fala e a memória e como essa linguagem é importante para entender que a fonte oral utiliza de meios e métodos para além da própria história, ou seja, a linguagem e sua interpretação.

Em contrapartida, Meihy & Holanda fazem em sua obra o realce de aspectos do uso tanto prático quanto teórico da história oral, podendo ser comparada sua obra como parte de uma cartilha explicativa para se realizarem as entrevistas e entender ambos os papéis do entrevistador e do entrevistado. Os passos são as condições que transformam a entrevista em história oral. Para os autores:

[...] a história Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, o projeto prevê: planejamento da condução das gravações com as definições de locais, tempo e duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito autorização para uso; arquivamento e sempre que possível a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p.15)

²⁷ O que tomo como hermenêutica é o conceito abordado através de Alberti para designar o sentido dado às partes (entrevistador e entrevistado), ou seja, o ato de compreender o eu no tu, se achar no outro, isso é o ato dado através da historicidade e a categorização da vida do outro se colocar a observar as ações alheias.

Partindo então dos pressupostos de que a história oral segue não somente uma etapa, mas várias fases para chegar a seu objeto, como o resgate e a delimitação do que se pretende estudar determinadas situações, então, podemos afirmar que a história oral obedece a uma sistematização apoiada em outras técnicas.

A delimitação que trago para melhor trabalhar da metodologia escolhida será dada também pela importância técnica das etapas para chegar à história oral. Seguimos Meihy & Holanda para a parte teórica da organização documental das dadas entrevistas. Diferente de Alberti, esses dois autores trazem mais detalhadamente os meios práticos para além do entendimento da linguagem.

A explanação da Marconi & Lakatos (2011, p. 128) também complementa a discussão sobre as técnicas e seu melhor aproveitamento metodológico, que “consistem em um conjunto de procedimentos visando uma ampla compreensão do processo de investigação”, no qual *a temática* é o estilo de história oral que estaremos fazendo uso ao longo do capítulo, não abordando todas as áreas, mas articulando as mudanças “sobre um assunto em específico” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 129), neste caso, o empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas.

À medida que usamos desses principais autores citados acima para montar o aporte teórico-metodológico, é preciso enfatizar que a história oral, assim como outras linhas de pesquisa, precisa ser dividida em etapas, para ser melhor aprofundada. Por isso se fez necessário uma variedade de compreensões de cada parte que segue a pesquisa desde a sua montagem quanto aos objetos técnicos aqui inseridos.

Delmiro Gouveia

Antes de dar ênfase às questões do empreendedorismo feminino delmireense, traremos a breve história da cidade situada no sertão alagoano, Delmiro Gouveia. Situada no alto sertão alagoano, a cidade recebeu o nome do seu fundador Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, um “personagem polêmico” (CORREIA, 1998, p. 187) que comprou terras pertencentes ao município de Água Branca. Na fazenda Rio Branco, próxima ao povoado Pedra, logo foram introduzidos luz e água encanada, açude, currais e curtumes para ser destinado ao comércio de couro e peles, no início do século XX. Nos anos seguintes, com a instalação da fábrica de linhas, houve um ideário de aceleração e visão de modernidade ao se aproveitar da “linha férrea de Paulo Afonso” (CORREIA, 1998, p. 224), que era próxima às terras, utilizando-se da

ótica da organização dos polos fabris europeus, e o ideário republicano nacionalista de seu fundador Delmiro Gouveia.

Delmiro Gouveia fez da região seca e árida um polo comercial, mas existiam práticas para controle e melhor organização dos empregados que ali residiam “dentro do arame” e fora dele conhecida como “Pedra Velha ou Cidade livre” (CORREIA, 1998, p. 204), entre a coerção e a vigilância de suas vidas, a implantação do projeto fabril no cotidiano e a impessoalidade dos lares, além do controle de quem entrava e saía da cidade e de quem poderia habita-lá.

Delmiro Gouveia utilizou-se de mão de obra mista, ou seja, homens e mulheres, no qual eram notório os homens na maioria dos setores ²⁸. Para o crescimento do referido povoado como “Fazenda Rio Branco, Fazenda da Pedra, Vila operária da Fazenda Rio Branco ou apenas como “Pedra” (CORREIA, 1998, p. 204). A formação socioeconômica em volta da povoação que ali residia consistia em imigrantes italianos como sócios do núcleo fabril e engenheiros do projeto, mas a mão de obra proletária contava toda brasileira. O assassinato de Delmiro, em 1917, aos seus 54 anos, fez com que os ares comerciais mudassem do polo fabril transformando-se em uma fábrica de tecidos a Fábrica da Pedra S/A, fechada em 2016.

Contudo, a emancipação só foi possível muitos anos depois: “a denominação da vila para Delmiro Gouveia, foi definitivamente criada pela Lei 1.623, de 16 de junho de 1952, desmembrado de Água Branca”, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Apesar de Alagoas se destacar pelo comércio “têxtil e sucroalcooleiro” (PERICLES, 2016, p. 308) durante décadas, nas regiões como a cidade de Delmiro Gouveia se destacaram o comércio e o setor de serviços após a queda dos setores têxteis na região.

Em contrapartida, nas muitas obras que relatam a cidade de Delmiro Gouveia e sua construção, é notória a invisibilidade das mulheres. Mesmo que a fábrica tenha sido construída em cima de uma mão de obra mista, pouco se é dado à história das mulheres delmirenses, mas o que se sabe é que os cargos muitas vezes ocupados por nossas mulheres são de posições inferiores e pouco remuneradas apesar da fábrica ter possuído 1500 operários nos primeiros anos de Pedra no qual dessa mão de obra “ 700 eram mulheres, 400 eram homens, e 400 crianças” (CORREIA apud MELO, 1998, p. 231) mulheres que aparecem na condição de operárias e em profissões quase que raras como professora, em Pedra.

Não podemos dar relevância apenas às obras sobre Delmiro Augusto da Cruz Gouveia,

²⁸ Pouco foi referenciado das mulheres no início da povoação, o que traz uma escrita muito precária sobre nossas posições calcadas em registros e os cargos o quais ocupavam detalhadamente no texto da Telma de Barros Correia (1998), desta maneira se fica quase que uma incógnita sua história na formação da cidade e dos postos posteriores ocupados uma invisibilidade social que se manteve por muito tempo.

pois, quando se trata da cidade, não é necessário produzir obras que enfatizem somente o homem Delmiro Gouveia. É importante dar espaço para outros sujeitos, neste caso, nós ‘mulheres’, que também fizemos e ainda fazemos parte da história, ainda que silenciadas. Esses sujeitos englobam um crescimento cada vez mais expressivo no cenário não só econômico, mas no empreendedorismo em uma parte que passa muitas vezes despercebida no sertão.

4.3. O feminino em questão

Traremos, através de entrevistas semiestruturadas, o perfil de cinco mulheres denominadas como empreendedoras, o qual foi construído a partir da história oral em pesquisa de campo para a formulação dos dados aqui apresentados, com o objetivo de traçar os perfis de cada empreendedora. Levando em conta esses métodos e técnicas, obtivemos os resultados que analisam o empreendedorismo delmireense.

Perrot (2007, p. 35) em relação a uma das vertentes históricas que se popularizou, a história oral, descreve:

A essas fontes clássicas convém acrescentar aquelas produzidas pela história dita "oral", "autobiografia daqueles que não escrevem", gravadas em fita. Esse procedimento se difundiu bastante, tendo mesmo despertado um entusiasmo exagerado nos anos 1970, na esteira de um certo populismo cultural que queria fazer falar os mudos, os ausentes da história: os operários, as mulheres. Essas últimas despertavam um duplo interesse: como testemunhas da vida privada (num casal de militantes, o marido fala de sua ação e a mulher, da vida em família: divisão imemorial dos papéis) e testemunhas de si mesmas.

Tomando como base da história oral que se utiliza da *entrevista*, podemos complementar também, segundo Marconi e Lakatos (2011), que a medida que se utilizam dessa técnica tem que ocorrer um planejamento e se preparar para substituir contrários ²⁹, mas ela pode oferecer: “obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 83)

As nossas mulheres empreendedoras entrevistadas também foram identificadas por seus nomes, já que todas as participantes assinaram as devidas Cartas de Cessão sobre o uso dos dados. O perfil pessoal das empreendedoras entrevistadas é o de mulheres (entre 40 e 74 anos); maioria menos escolarizada (Ens. Fundamental), casadas com filhos (entre dois e sete filhos) e ativamente ocupada com a condução de seus empreendimentos, aos quais dedicam cerca de 10 horas diárias (carga horária extensiva, que mal utilizam duas horas de almoço).

Apesar de contemplar uma grande diversidade, os empreendimentos com fins lucrativos

²⁹ (caso da pouca participação do entrevistado, não relevância da pesquisa ou até mesmo não compreensão da temática por meio dos entrevistados)

comandados por mulheres tendem a se constituir como microempresas, com menos de 06 funcionários (maioria). A presença mais marcante encontra-se no setor de serviços voltados à feira e, secundariamente, no setor de comércio (papeleria, restaurantes, armarinhos, e no ramo de pisos entre outros).

Outro dado analisado está no ato do empreender, ou seja, pode ou não está inteiramente ligado às paredes de uma empresa, assim como ramos informais ou alternativos (feira, por exemplo), que esboçam técnicas e relações gerenciais, obedecendo às linhas estratégicas e metas a serem alcançadas.

No intuito de compreender como o empreendedorismo feminino lida com seu espaço e lugar de fala, tivemos como *corpus* do trabalho entrevistas com cinco mulheres de diferentes setores. Isso não se deu com o objetivo de confrontar e nem delimitar o perfil de mulheres empreendedoras no sertão delmireense, mas com a intenção de trazer sua voz enquanto espaço e resistência do feminino e de feminismos concebidos ou não.

O primeiro perfil é da empreendedora Maria de Lourdes de Andrade Cavalcanti de 74 anos, atua no ramo de horti fruti na feira livre, trabalha há mais de 30 anos no ramo, mãe de 07 filhas e filhos, casada. A pernambucana encontrou no interior de Alagoas uma das portas para a sobrevivência e ajudar dentro de casa com o trabalho exercido na feira livre.

A segunda entrevistada também é da feira livre e tem 45 anos de idade, mãe solteira, Helia Beserra Cavalcanti, começou a trabalhar após ver a árdua luta da sua mãe, trabalhar na feira desde os nove anos de idade, traz em si poucas palavras, mas, todas as motivações e forças como mulher independente, que visa no trabalho a essência da vida.

A terceira entrevistada é a empresária Jacira Carvalho da Silva Bezerra, a alagoana ganhadora de diversos prêmios, a exemplo do título de Cidadão Delmireense em 2018, entre outros voltados ao ramo dos negócios, apesar dos 68 anos atua em diversos empreendimentos restaurante e eventos. A gestora é viúva, mas traz em si uma postura da família como centralidade.

A quarta entrevistada Maria Vânia Araújo Silva Oliveira, de 45 anos atua na área de papeleria como gestora financeira, casada, mãe de dois filhos, formada inicialmente em Licenciatura em Pedagogia e pós-graduada em Educação, trabalhou muitos anos na área da educação, mas se viu desafiada a estabelecer outros voos para o comércio gráfico, ao lado do esposo.

A quinta entrevistada é a Estelaine Crisóstomo Patrício de 46 anos, mãe, recém separada, com três filhos, atua como gestora da área de pisos e revestimentos cerâmicos. Ester, como é popularmente conhecida, ganhou prêmios com sua empresa, em 2018, de

destaque em negócios, um dos mais importantes do Estado para o ramo empresarial. A empresária que veio do Espírito Santo encontrou em Delmiro Gouveia algo que impulsionou sua vida e carreira.

Como afirma Pinsky (2013, p. 169), as mulheres :

Desde sempre [...] têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho; mas migram também sozinhas, não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminação e violências.

Vale destacar também que, de todas as entrevistadas, somente Helia e Jacira são naturais de Delmiro Gouveia, as demais não. Maria de Lourdes é pernambucana, Maria Vânia é natural de Água Branca- AL, Estelaine Crisóstomo é do Espírito Santo. Tal dado implica adoção de lugares e uma história de mulheres que migram por melhorias de vida vindo ou não com seus companheiros. A migração feminina para o interior visa um êxodo contrário, mas cheio de oportunidades .

As empresárias adotaram Delmiro Gouveia como seu lar e lá residem e praticam suas atividades empresariais. No empreendedorismo dessas mulheres também se destacam imponentes e englobam uma grande categoria de negócios que movimentam a economia da cidade e da região. É necessário enfatizar que cada uma das entrevistadas trouxe diferentes formas e compreensão de seu espaço, gênero, feminismo e empreendedorismo;

Desta maneira, não faremos uma análise criteriosa de todos os pontos que a pesquisa possa oferecer, mas analisaremos os principais tópicos que foram delimitados as práticas empreendedoras relacionadas com o feminismo em Delmiro Gouveia.

4.4. Pensamentos da diferença: “Eu não sou Feminista”

Esse lado do feminismo também vendo que peso ele tem, como ele é, eu não tenho esse estudo sobre o feminismo, mas tem muita coisa que eu já ouvi, que eu discordo totalmente, tipo como assim? Aí eu tenho três filhos, eles tem que se virar, e eu... entendeu? Eu... eu percebo a minha importância como mãe, como educadora, eu [...] Escolhendo as coisas do jeito que eu gosto, gosto de ser a dona da minha casa, eu acho complicado você ser feminista. (ESTELAINE, 2019)

Ao falar de lutas, resistências e tentativas durante muitos séculos para uma equidade de papéis e menos opressão, nossas mulheres lutaram e resistiram tomando ou não como emprego o uso da palavra *feminismo* para designar resistência, dignidade e identidade. De tal modo que ao destacarmos inicialmente a visão diferente e bem definida da empresária

Estelaine, ao se opor a ser uma feminista, não delimitando somente as questões de pertencimento e grupo, mas toda a construção e fala sobre questões feministas³⁰.

A importância do pensamento diferente sobre sermos ou não feministas traz uma relevância, pois é através dela que podemos enxergar que nem todas se veem como feministas, mas trazem como conceito principal o empoderamento diante do campo do trabalho, mesmo que se deem em pautas pouco debatidas em nossos ambientes públicos. Desta maneira, é importante para analisar as posições muitas vezes tomadas não somente na fala isolada da entrevistada, mas de muitas outras descobrir o porquê. Em um tópico que explica o feminismo no livro da Michelle Perrot (2007) ela destaca que:

O feminismo nem sempre goza de boa reputação. Muitas mulheres se defendem, como se esse fosse uma ruga no rosto: "Eu não sou feminista, mas...", dizem algumas, conscientes, apesar de tudo, do que elas devem a esse movimento. A esses movimentos, deveria eu dizer, de tanto que o feminismo é plural e variado. Por muito tempo era o primo pobre da historiografia, e mesmo da memória, porque deixa poucos vestígios, em razão da fragilidade de sua organização. (PERROT, 2007, p. 153-154)

Na tentativa de analisar a posição tomada pela empresária, é possível identificar através do aporte teórico já debatido sobre mulheres e postura assumida, que a opressão e os lugares de fala ainda são invisíveis e bem diferenciados, por mais que, ao discutirem os espaços, e se faça presente ao assumir o machismo e a inferioridade dos papéis.

Deste modo, ao recuperarmos algumas discussões teóricas para entender a postura assumida pela fala da entrevistada, como afirma Soihet (2002), o modo exercido e de negação de muitas mulheres ao identificar-se com os anseios feministas se dá pelo termo sobrecarregado de abandono e radicalidade das mulheres que o portassem, desta maneira:

A violência, porém, não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente de uma normalização na cultura, da discriminação e da submissão feminina. As teorias construídas e instauradas por homens, estabelecendo um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, configuram uma forma de violência e, nesse caso, insere-se também a violência simbólica. Importa ressaltar que, o fato de se reconhecer nesse particular a incidência da violência simbólica sobre as mulheres - o que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal. (SOIHET, 2002, p. 11)

Ao delimitar como natural a submissão da mulher ao sexo masculino e trazer esse poder simbólico como força motriz. O percurso inicial lançado é a fala destacada de Estelaine em

³⁰ Este tópico visa trazer uma visão de diferença sobre entender o feminismo, pensar diferente e não se contempla enquanto feminista, no qual enfocam nem todos precisamos pensar igual, mas que é através das diferenças que podemos se construir ou desconstruir sobre o que se acredita, isso não é alheio a Estelaine mais uma forma de empoderamento e liberdade de expressão.

entrevista. Apesar de colocar e dar voz a mulher, sua fala em alguns momentos destacam um feminismo distorcido, das ações feministas irem contrariamente ao real sentido da mulher, que se evoca como empreendedora e parte familiar. Utilizando-se de termos como ‘abandono familiar’ por meio dessas práticas, ou até mesmo do ‘abandono do lar para lutar pelas causas feministas’.

Ao lançar tal proposta, a fala de Estelaine não se faz estranha como de muitas mulheres da década de 1980 no Brasil que enxergou o feminismo como algo que torna mulheres rebeldes e radicais, assim como na fala da entrevistada a historiadora Joana Maria Pedro constatou esses dados e os citou como uma parte discursiva criada e sustentada em muitas mulheres pela cultura patriarcal, no qual poucas utilizavam o “rótulo de feminista” (PEDRO, 2013, p. 238).

Estelaine traz em sua fala que:

Eu sou dona de casa, mas eu tenho meu lado profissional brigar e perceber que é importante sim o nosso valor sabe? Até porque dentro da igreja eles dizem se as mulheres tive(...) tomassem conta das políticas, das coisas ainda que a gente fala muito da política, na questão de corrupção né? Então se fossem as mulheres que fizessem parte da administração das coisas, tudo seria diferente até as guerras, não aconteceriam! Porque as mulheres iam pensar nos seus filhos, ela tem uma visão completamente diferente do mundo então ela ia procurar uma forma que fosse para o lado da Paz, sabe? Então a visão feminina ela é muito diferente do homem, e muitas vezes ele não permite, ele às vezes, ele não permite que se desenvolva mais, porque ele sabe do nosso valor tá entendendo? Para ele que é às vezes como é que diz... dominar, não é verdade? Que é o que é o domínio já quantos séculos? Que acontece isso dominam a mulher porque ele sabe do valor que a gente tem, né? (ESTELAINE, 2019)

Apesar de Estelaine ter uma visão que levem em todos os sentidos a compreensão para um feminismo na teoria, sua posição adotada é de não querer a titularidade e também das diferenças sociais e hierárquicas entre homens e mulheres. Adotando tal postura é possível constatar outra fala de efeito:

Eu não acredito que eu seja a feminista, feminista é você não... Quer ser eu acredito que... É você não querer mais o seu papel como mãe, seu papel como sabe... Como dona de casa, eu me preocupo! Administro minha casa, eu administro minha... a minha função como mãe entendeu? Eu não larguei nada... de parar e brigar só pelos direitos das mulheres... não... não eu faço a minha diferença, onde eu estou que é aqui Delmiro Gouveia. (ESTELAINE, 2019)

Tomando como base a pesquisa de Pedro sobre questões feministas já abordadas no segundo capítulo para a relação da negação no termo “eu não sou feminista” ela cita que:

“Muitas das integrantes desses grupos não se diziam feministas, preferindo afirmar que faziam parte do movimento de libertação da mulher. As autointituladas ‘liberadas’ eram as que adotavam explicitamente a postura de enfrentar o domínio dos homens nas relações sociais e nos relacionamentos particulares.” (PEDRO, 2013, p. 241).

Apesar da citação se tratar de mulheres que tomavam atitudes de negação da postura identitária para grupos rechaçados e limitados aos extremos em um período de mudanças tanto políticas quanto sociais sobre a consciência e a reflexão feminina na segunda onda do feminismo no Brasil, é possível notar que nos dias atuais isso ainda é presente. Como afirma Perrot (2007, p. 157), “A simples presença de mulheres na rua, agindo em causa própria, é subversiva e sentida como uma violência”.

A empresária, mesmo em partes, se propõe a si mesma como um “pouco machista” (ESTELAINE, 2019), assim como seu ex-marido, que tinha um comportamento de semelhança machista, e ao evocar seu ligeiro desconforto com a posição que ela tomar a diante do seu empreendimento, e as lojas até então administradas por Estelaine.

A empresária demonstra que, apesar de ser uma empreendedora, o principal preconceito fora dentro do lar, e mesmo que ela não tenha abandonado as tarefas diárias dentro do lar, as desigualdades das tarefas e nos meios empresariais enquanto cargo elevado ao do seu esposo trouxe o desconforto masculino com a posição galgada pela empresária.

Em contrapartida, teremos que analisar fatos que se fazem presentes em sua fala, um deles é sobre a mulher sertaneja que deve empoderar-se, ser dona de si. Falas que se tornam um pouco parte da perspectiva ainda de muitas mulheres donas dos seus negócios, ela tomou para si um meio que por muito fora ligado e ainda é por muitos homens.

Mas como reivindicar e ascender voos maiores sem falar (negação) do feminismo? Ao analisar que é de difícil compreensão e muito nova essa temática aqui no Sertão de Alagoas, percebemos que as informações muitas vezes são passadas e avaliadas de formas desconexas (salientando trechos da fala da entrevistada sobre o que já ouviu falar a respeito de atos que seriam ações de feminismo).

A radicalidade, e ao pegar outros sujeitos que perpetuam verdades e formações discursivas (ordem do discurso / de quem para quem) sobre o que é ser feminista, e das posições que o feminismo abrange enquanto os extremos dos papéis exercidos pelas mulheres: ‘ideias de ser superiores aos homens’ fora comprovado ao final fala da Estelaine. Subentendendo que o que ela entende por feminismo é diferente de ser uma empreendedora e andar juntamente nas extremidades das temáticas Mulheres empreendedoras e o feminismo.

Para complementares tais dados, podemos citar outra historiadora, Maria Izilda Matos (2013), que afirma:

Apesar de um aumento de contribuição feminina para o orçamento da família e da constatação da chefia de domicílios encabeçada por mulheres, nos núcleos familiares, os cuidados dos filhos e encargos domésticos continuam majoritariamente sobre a responsabilidade das mulheres, sobrecarregando seu cotidiano envolto numa “dupla jornada”. (MATOS, 2013, p. 146)

A desigualdade dos papéis de gênero ainda se faz comum e bem destacada nos lares delmirenses. Apesar da situação das mulheres empreendedoras (de classe social elevada) não divergir da das mulheres mais pobres, a mulher empresária está envolta em uma sociedade que a nega, previsivelmente obedecendo aos moldes; o homem ainda colocado como principal provedor (por mais que não esteja presente); a mulher torna ainda a negar-se a si mesma, ou a delimitar as ações feministas, que são tratadas de forma isolada.

Para um propósito da potência feminina no sertão de Alagoas é notório, e não se fez diferente para Ester e nem para as demais entrevistadas, por mais que muitas neguem o preconceito (mesmo que sofrido, negam-se a assumir tal atitude do gênero oposto), também não se posicionam para a negação de um *feminismo* enquanto mulheres que trabalham e exercem posições elevadas.

À medida que o empoderamento e o feminismo são semelhantes, é lançada de forma empírica a estigmatização no sentido de autointitular-se feministas. Portanto, cada uma das empresárias que falam em empoderamento desconhecem sua importância junto às lutas feministas para traçar as caminhadas alcançadas.

4.5. Agora que são elas!

Eu já nasci empreendedora [risos], eu já nasci empreendedora! Porque empreender para mim, uma pessoa empreendedora é aquela que ela não encontra obstáculo pela frente não... Se ela encontrar ela vai “galgar”, ela vai fazer o possível para passar por eles... e assim, uma pessoa empreendedora: é aquela que nunca perde a coragem, é aquela que nunca perde o foco, ela tem fé, ela é inovadora, ela é criativa... (VÂNIA, 2019)

O empreendedorismo feminino em Alagoas ainda é uma temática que pouco foi abordada, até então. Assim como na fala de Lourdes destaco essa impessoalidade ao seu trabalho como a denominação empreendedora: “Minha ‘fia’ eu nem sei te responder essa palavra... se sou empreendedora, se sou só trabalhadora, só isso que eu sei lhe dizer...” (LOURDES, 2019)

O estranhamento do termo empreendedorismo ainda é bem presente, poderíamos afirmar pelas condições geradas e a falta de estrutura da mesma. Faz pensar o porquê destacar uma mulher que não se vê como empreendedora. Afirmamos que a identidade e a ideia de pertencimento não equivalem apenas pela profissão exercida por Lourdes, já que uma das entrevistadas que difere da resposta da primeira entrevistada que exerce o mesmo ramo, no qual Hélia se considera como empreendedora: “Trabalhar no comércio [...] Viajo, trabalho todos os dias, viajei... Acabei de chegar, que eu fui fazer as compras para vender.” (HELIA, 2019)

A psicóloga Eva Gertrudes Jonathan (2011), que possui vários trabalhos sobre a temática do empreendedorismo feminino e as relações de poder, aponta que a importância das mulheres em tal meio promovem uma inovação das organizações brasileiras, tanto econômicas, quanto para a participação cultural da mulher enquanto sujeito social:

A crescente participação das mulheres no empreendedorismo brasileiro indica o grande potencial econômico e a significativa contribuição do empreendedorismo feminino para o desenvolvimento do país. [...] Por outro lado às mulheres deixam seus empregos formais para criar suas empresas devido a três fatores, ordenados pelo seu grau de importância: 1) autodeterminação, autonomia e liberdade; 2) desafios e atrações do empreendedorismo, envolvendo aspectos como reconhecimento e oportunidade de estar no controle do seu destino; 3) obstáculos ao desenvolvimento dentro de corporações, envolvendo descompasso com a cultura corporativa, discriminação e barreiras de desenvolvimento profissional [...] flexibilidade do horário bem como familiares [...] que impulsionam mulheres empreendedoras a desejarem ser seus próprios patrões. (JONATHAN, 2011, p. 67)

Assim como explicita Eva Jonathan, podemos comparar tais perfis e atitudes às mulheres empreendedoras entrevistadas, é o caso da própria Jacira que estima o papel prestado por cada mulher que se comprometa ao que faz. Destaco em trechos da sua fala:

Desde muito jovem com 17 anos eu já tinha interesse para entrar no âmbito comercial que hoje se realizou, agora com 50 anos de luta. [...] ser uma mulher empreendedora é acreditar no seu potencial e estar sempre presente na atividade e saber discernir o momento, né? (JACIRA, 2019)

Discernir para Jacira é o *modus operandi*, ou seja, não perder as oportunidades que lhe são dadas, é desta maneira que ao colocar e destacar sua forma de resistência, apesar dos desdobramentos, e o que ela mesmo destaca os momentos de crise; não perdendo o ânimo sobre seu papel em sociedade de gestora comercial além de assumir-se como uma mulher que desenvolve suas atividades de modo que contribuam para o bem maior (social).

Contudo, vale salientar que o bem maior pode equivaler também as honrarias dedicadas para uma maior atuação das mulheres nos campos dos negócios, a exemplo em específico é a entrega do prêmio nacional para categoria, Sebrae Mulher de Negócios:

O prêmio é uma parceria entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (BPW), com apoio técnico da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ). (Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, acessado fevereiro de 2019).

Apesar de ser um dos prêmios que começam a visibilizar as microempresas de mulheres e também para empresárias individuais, ainda é notório que empreendedoras de ramos informais e sem cadastro no órgão responsável se fazem excluídas desse prêmio. Por mais que existam categorias individuais, pois o despreparo e a falta da informação ainda são dados por uma grande parcela da categoria as próprias notas lançadas pelo Sebrae explicitam através das

pesquisas e das inscrições realizadas, o SEBRAE de Alagoas afirma em reportagem que:

Em 2009, mais de 3 mil mulheres se inscreveram no prêmio em todo o Brasil. Em Alagoas foram 55 inscritas, sendo 24 da capital e 31 do interior. Para concorrer, cada candidata relatou sua história e sua experiência empreendedora, contando seus desafios, medos, preconceitos enfrentados e tudo aquilo que foi relevante para o seu sucesso empresarial [...] De acordo com a pesquisa realizada pela Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2007), as mulheres representam 52% dos empreendedores do país, atuando em diversos setores e atividades. O prêmio, promovido pelo Sebrae, em parceria com a Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (BPW – Brasil), a Fundação Nacional da Qualidade (FNQ) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), tem o objetivo de reconhecer e valorizar essa força de trabalho tão importante para a economia do país. (SEBRAE- ALAGOAS, acesso em fevereiro de 2019)

Alagoas ainda tem uma quantidade baixa de mulheres nos ramos formais, mas que, a cada dia aumenta o número de inscritas e que se motivam a serem donas dos seus próprios negócios a se capacitarem cada dia mais. Assim como as nossas empresárias que tomam novos passos dentro do cenário sertanejo de Delmiro Gouveia, a dada participação ativa de mulheres empreendedoras do interior ainda é tímida, lançando a soma das 101 cidades, retirando Maceió, capital do estado, no qual esta possui centros de capacitações a longo prazo.

Tais fenômenos estão por se intensificar cada dia mais nas realidades das nossas mulheres, por isso vale destacar que, entre todas as entrevistadas, apenas duas tiveram acesso a capacitações, frisando a Jacira, que participa de diversas palestras para empoderamento de mulheres empreendedoras. Mas cabe destacar o curso oferecido pela SEBRAE, o EMPRETEC³¹; foi feito pela Estelaine e Maria Vânia abordado nas entrevistas.

Apesar de tantas conquistas, é de suma importância destacar que mesmo que o empreendedorismo feminino cresça de forma importante, tanto no cenário do Nordeste quanto no Brasil inteiro, a desigualdade no mercado ainda se faz presente, e é uma triste realidade, mas aos poucos se tornaram constantes o predomínio de mulheres assim como traz a comerciante Hélia (2019) “hoje a mulher está mais no mercado do que o homem”.

Como explicitou Saffioti (1981) em sua obra *Do artesanal ao industrial- A exploração da mulher: um estudo de caso de operárias têxteis e de confecções no Brasil e Estados Unidos*, apesar de ser uma obra voltada para um teor mais proletário as divisões desiguais e os papéis entre homens e mulheres se fazem alarmantes, por mais que a mão de obra feminino tenha mais preparação, querendo expor esses dados é possível ver essa desigualdade no ramo dos negócios e como o feminino ainda enfrentam difíceis e cíclicas repetições de preconceito.

³¹ **Empretec** segundo o SEBRAE é um seminário muito disseminado em todo o país, com alto índice de sucesso em suas aplicações. Considerado uma das mais destacadas ferramentas de capacitação empresarial disponíveis no Brasil. Tem por objetivo formar e desenvolver capacidades empreendedoras em seus participantes.

É interessante verificar que a discriminação salarial não é função direta de uma eventual menor qualificação profissional da mulher, nem de um mais fraco grau de escolaridade. Nem o Brasil, nem os Estados Unidos observa-se semelhante correlação. [...] Neste sentido, passa a ser muito importante de dados sobre sociedade altamente industrializadas, no que tange à discriminação da mulher, a fim de cortjá-los com os dados nacionais e, desta forma, verificar a falsidade de pensamento que deposita no desenvolvimento suas esperanças de resolver problemas desta natureza (SAFFIOTI, 1981, p. 35 e 37)

Apesar do dado livro da Saffioti ser uma obra da década de 1980 sobre a economia e a mulher no mercado de trabalho, é possível correlacionar com os dias atuais às desigualdades ainda sofridas pelas nossas mulheres no campo do trabalho. Podendo levantar questões que toquem para mais profundas discussões e levantado para políticas públicas da mulher no Brasil, enquanto assalariadas ou empreendedoras, devem se posicionar. Pois, é um viés de mão dupla, seja por sua capacitação, ou até mesmo, o inexistente/pouco respaldo acrescido enquanto mulheres de negócios para a pauta que está muito recente e debatida mundialmente.

Assim como a fala que faz jus a abertura deste tópico, Maria Vânia levanta uma compreensão multifacetada sobre empreendedorismo feminino; além dos caminhos que percorrem para diferenciar de um empreendedorismo tradicional e colocar para a categoria de gênero, no qual continua afirmando que:

Olha ser uma mulher empreendedora é... aquela mulher que... que tem coragem para tudo. Empreendedorismo não é somente você está inserido no mercado de trabalho. Na área de produção, na área de comércio... não é? Empreendedorismo para mim é você ter coragem para enfrentar todas as batalhas na sua vida, é você ter coragem para acompanhar o mercado de trabalho, é você ter coragem para assumir a sua função com a sua família, é você ter coragem para se colocar à frente das... das... dificuldades e encontrar as soluções para os seus problemas. Ser uma mulher empreendedora é isso... nunca baixar a cabeça, nunca se sentir superior, muito menos inferior a ninguém. (VÂNIA, 2019)

Para complemento e melhor compreensão da fala de Vânia destaco ações reais da Estelaine, tais ações realizadas pela empresária ancoram as práticas sobre a superação e se reinventar em meio as dificuldades tanto empresariais quanto familiares, exemplo este é o dado fato de conseguir resgatar uma empresa do vermelho, gerando um capital positivo acima do seu valor quando foi comprada:

[...] Houve uma situação de uma loja de Petrolândia, que era de um cunhado meu, era da minha cunhada anteriormente, ela deixou uma dívida muito grande [...] com 4 anos a empresa estava 'quebradíssima'... Estava com uma dívida horrível. [...] meus olhos brilharam e esse brilho eu tenho certeza que é do empreendedor [...] eu tinha essa vontade de... de pegar essa empresa, como eu tive, aí eu disse: quem vai tomar conta dessa loja sou eu. [...]eu peguei o que tinha de positivo, que que tinha de negativo e 800.000,00 mil menos o que tinha lá (empresa) de coisas, eu abati e deu - 578.000 negativo[...] fiz uma nova estrutura, mudei a frente da loja, a gente pegou um terreno baldio, que tinha lá atrás, falou com dono fizemos uma coberta e um depósito lá, para fazer e descarregamento por outra rua, e não mais pela rua principal[...]. Hoje em dia empresa vale R\$ 800.000,00. Aí era uma coisa que era lá

no começo... né? Então agora, quem foi que fez isso? Fui eu não, foi um trabalho coletivo, foi um pensamento, meu pensamento como empreendedora. (ESTELAINE, 2019)

Ao partirmos dessa fala de superação da entrevistada, vemos que a capacidade de se inovar e reinventar-se em meio as dificuldades é a característica das empreendedoras quando comparado com a fala que abrimos tal discussão, tomamos isso como uma das vertentes empreendedoras de duas empresárias tanto Maria Vânia quanto a Estelaine.

Eu acredito que é não só focar somente no trabalho é justamente o que eu disse a você sobre família, e a gente conseguir gerenciar, gerir o nosso tempo, nós temos que ser gestores do nosso tempo. Tempo para família, tempo para igreja, tempo para o trabalho, e tudo no equilíbrio... eu acredito que ser empreendedora é esse... essa gestão do tempo e uma visão do Futuro. (ESTELAINE, 2019)

As dadas falas se tornam semelhantes e lançam a parte da concordância dos papéis femininos em meios aos empreendimentos, tomam para si, chamado de reerguer-se, que confiro aqui na interpretação de buscar novas alternativas e usá-las com sabedoria, a visão real do que se designa um dos perfis das empreendedoras, como destaca Estelaine.

As duas empresárias também nutrem o formato de empresa familiar, no qual muitas vezes é uma estratégia que deslocam e intencionam os papéis dos gênero mulheres em liderança e outros familiares do sexo oposto como destaca Grzybovski:

Dado que os homens historicamente assumem cargos de executivos em empresas familiares, é tentador conhecer o estilo de gestão das mulheres que venceram as adversidades, superaram barreiras de gênero, a falta de eficácia na persuasão de outros acionistas poderosos e ressentidos com a sua posição, a resistência de irmãos e parentes à sua ascensão, a lentidão na decolagem inicial ou insegurança em áreas operacionais, isto é, nas atividades-fins, devido ao despreparo pessoal, às relações patronais ou institucionais, lobbying, por exemplo, prejudicadas pelo preconceito quanto ao papel empresarial da mulher. (GRZYBOVSKI, 2002, p. 191)

A economista Grzybovski traz que apesar das mulheres tomarem posições de destaque em suas empresas o preconceito e a capacidades são sempre postas à prova, ao comparar síntese da afirmação da autora com a nossa empresária Estelaine, evocamos as disparidades ainda que passam ignoradas em muitos setores de tal discriminação:

[...] é uma empresa familiar, e assim, existe uma competitividade entre... uma competição que não tinha necessidade de existir, porque eu sou muito boa em umas coisas e ele é excelente em outras, e juntando os dois se completa e se forma, tá entendendo? O tanto que são 20 pessoas que trabalham comigo, mas eu meus dois filhos e mais outras pessoas. Então quando soma, cada um vem com uma ideia diferente, tem uma função diferente, e um não... não fica, no setor e não sobrevivem sem o outro. Todos os setores são interligados 'né' verdade? É tipo uma família, a gente precisa um do outro sempre.

Consequentemente, ao trazer o empreendedorismo em pauta, não podemos apenas nos limitar a ele como isolado e dos problemas enfrentados, existe uma interação do feminino.

Desse modo as questões também ligadas ao feminismo, já que ao falar de trabalho é quase que impossível excluir tais questões ou negá-las por completo, à medida que tais pressupostos históricos influenciaram nos empreendimentos femininos, mesmo que indiretamente, à medida que a luta no mercado de trabalho ainda existe.

Assim foram correlacionadas perguntas que também buscassem compreender e destacar como o feminismo interagem com o empoderamento ou não de cada uma das nossas mulheres, quando abordado sobre o feminismo se importante para carreira feminina nos negócios.

Jacira responde que:

Sim, a gente acredita que a mulher como mulher ela não vai tomar o espaço do homem, mas ela tem que agregar valores, né? Deixar um legado como... Como mulher e fazer com que as outras mulheres tenham a mesma referência, né? Porque unindo é que faz a força, né? Quer dizer o legado é importante, o...o... disponível é importante, e terminar, sendo uma soma para o auto estima, para todas as mulheres serem independentes financeiramente. (JACIRA, 2019)

O feminismo é entendido de diversas maneiras, mas uma das formulações dadas pela empresária Jacira é sobre as igualdades dos espaços. No trecho “tem que respeitar o espaço do homem”, enfatiza o entendimento de como a mulher deve ser independente e traz modos que contribuam socialmente. Assim, é encarado um feminismo de igualdade e os negócios são a extensão da garra e luta da empresária, para que possa inspirar mais mulheres a lutar e ter garra no que se pretende fazer para melhor estar consigo mesma.

Apesar de que muita gente deturpa essa questão do feminismo, para mim o feminismo, para mim não, né? o... a... o significado de feminismo é você... é você ter consciência do seu papel de atuação no mundo; Então assim... o feminismo ele é um movimento importante para que a gente conheça os nossos deveres, busque pelos nossos direitos, né? Essa deturpação que as pessoas fazem no feminismo é muito negativa, porém, a gente quando busca procurar saber o que é, que é a gente se encontra, por que a gente precisa se empoderar, né? Do nosso papel no mundo, que ele é importantíssimo, que ele é necessário, né? Então eu acho que esse movimento do feminismo ele é importante sim, e aí né? Quando nós nos conscientizarmos do nosso papel no mundo que nós não somos inferiores a ninguém, que nós podemos tudo; E nós podemos chegar onde nós quisermos; em qualquer campo então assim... com certeza a nossa atuação no mercado de trabalho vai ser diferenciado do que ela é hoje. (VÂNIA, 2019)

O empoderamento e o feminismo na fala da entrevistada marca uma dada perspectiva que destaco a influência positiva de assumir seu lugar de fala e espaço, aperfeiçoado por estudos e pesquisas da consciência de si enquanto mulher e feminista no qual não está apenas presente nos negócios, mas em sua vida no dia a dia. E como a influência do dado momento e perspectiva ganham força para uma mulher mais decidida e que enfrentam os desafios:

Apesar que a gente já... já tem, e alcançou um grande patamar, mas eu acho que a gente pode ir muito longe porque ainda tem... infelizmente eu fico chocada ainda. Muita mulher que ela se coloca no papel inferior, né? Ela se coloca então quando a gente tomar posse desse movimento do feminismo “né” quando a gente quando a

gente realmente conhece o que vem a ser realmente o feminismo... Então a gente jamais “né” se colocar em posição inferior; (VANIA, 2019)

A fala de Vânia é uma consciência de classe, enquanto mulher e empresária, tomando para si o lugar de lutar e que motivam todas as mulheres que mesmos que possuam suas famílias não esquecem, nem se menosprezam enquanto sujeitos da sua história abandonando a invisibilidade que muito contribuiu para os estigmatizar e oprimir. Mas ao busca a força citada Vânia mudaremos cada vez mais as realidades duras de ser mulher em um espaço patriarcal.

Assim na fala da historiadora Perrot (2005, p. 273):

Em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exerceram, entretanto, todo poder possível. As mulheres do século 19 - e provavelmente em todos os tempos - não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes.

Quando adequamos a nossa realidade com a prática teórica abordada por Perrot no contexto das entrevistas das nossas empreendedoras, podemos enxergar que o lugar de fala, mesmo que inconsciente existe, independente do marco temporal, sempre se fez presente por mais que o neguem o seu poder conquista ou como chama Perrot, “Contrapoder” um modelo que os meios em que se faz preciso a atuação deliberativas de nossas mulheres. (PERROT, 2005)

Há também compreensões que se tornam quase que nulas, mas ao mesmo tempo que encabeçam a garra de quem se fala, à medida que se utilizem de aspectos e palavras que remontem ao masculino como lugar de fala “o caba” que repercute como um termo para designar homem, mas que se fez presentes no aspectos carregado na fala de Lourdes enquanto a temática “Considero, acho muito importante se o ‘caba’ conseguir... Se o ‘caba’ correr atrás e conseguir para mim é uma boa... uma boa parte.” (LOURDES, 2019)

O lugar de fala do homem enquanto sujeito, por mais que as perguntas se direcionem para explanação de um feminismo e se há importância para independência financeira do feminino, a fala feminina estão arraigadas ao espaço por muito creditado ao homem. Como elemento principal da fala citado, mas destacam sua expressão para a dedicação e empenho exemplificado pela comerciante.

Quando perguntado a Hélia sobre questões do feminismo, suas respostas se deram de forma curta e sem muito aprofundamento. Desta maneira, é cabível que os meios da pesquisa podem trazer relevância e responder a perguntas que, com outro meio, não seria possível devido a suas limitações, já que, de acordo com Marconi e Lakatos (2011), nem sempre há um diálogo com as informações necessárias.

Observa-se através das nossas mulheres, garra de vencer os obstáculos, mesmo que, seja prematura as discursões sobre empreendedorismo, relações trabalho e feminismos, para algumas das entrevistadas se veem como resistência nos meios que atuam. Suas vozes mesmo que não entrevistas sejam rápidas isso tem muita simbologia, pois é nesse silêncio que tem muito a dizer e expressar mesmo que seja em gestos e não consiga transmitir em palavras .

Apesar de terem classes sociais diferentes, ramos de trabalhos distintos, escolaridades diferentes, a maioria serem casadas, todas tem em comum a “dupla jornada” são empresárias, mães, esposas, cuidam dos afazeres domésticos, mais ainda carregam como mulheres a duplicidade dos afazeres. Focalizando na duplicidade de afazeres, não se vêem muito a separação e igualitarismo em tais práticas tornando-se infelizmente o trabalho x lar claro e pouco trabalhado até então .

Assim como trazido na fala de Rose Muraro (1992), com o livro “*Mulher do Terceiro Milênio*”, que enfatiza as posições conflituosas entre homens e mulheres no setor público e privado:

Diabolicamente o sistema nos carimbou a todos até o mais íntimo do nosso ser, até a própria identificação como seres sexuados; e isto através do processo durará milênios. Agora, contudo, entramos em um mundo masculino e termos a dupla jornada de trabalho (doméstico e produtivo) justamente por esse caráter ‘egoísta’ do homem e ‘altruísta’ da mulher[...]a posição de ambos os gêneros dentro do domínio privado. Nos primeiros tempos em que a mulher entrou no domínio público. (MURARO, 1992, p. 189)

Quando comparamos as variáveis categorias e as divisões de uma escrita de 27 anos atrás de autora Muraro, nos deparamos com a forma que tais processos são lentos, mas não impossíveis, a exemplo de nossas empreendedoras sertanejas, apesar das tarefas desiguais no privado, ainda fazem parte de uma realidade desigual quando cruzamos o campo teórico com nossos dados em campo.

As histórias das nossas empreendedoras ainda são recentes, que merecem uma atenção redobrada enquanto análise do empreendedorismo feminino delmireense, à medida que se tratam de ramos diferentes, que em comum são áreas de prestação de serviços, podemos direcionar a uma pesquisa de campo para analisar como se dão as práticas das nossas empreendedoras e sua compressão geral da temática, além de correlacionar com o feminismo

Portanto podemos afirmar que poucas não desvinculam o homem como um sujeito principal e tomando sempre nós, ou seja, o plural, porém aos poucos o sertão alagoano tem mais mulheres que estão à frente de empreendimentos e buscam mais capacitações, tem incentivo de outras mulheres, tomam conta de múltiplos negócios.

Por isso é possível afirmar que a perspectiva de empoderamento e feminismo ainda são pouco trabalhadas em nossas mulheres, mas que, para além de categorias, somos humanas e trabalhamos em coletividade para enxergar o crescimento enquanto pessoas. Sejam por diferentes áreas das ciências sociais, que abordam sobre mulheres e seus negócios e a busca de igualdade, se fazem cada vez mais presentes na parte teórica para a prática do empoderar-se.

5. Considerações finais

A partir da discussão realizada neste trabalho, compreendemos que houve um silenciamento/apagamento das mulheres, seja na voz, na escrita, no corpo, no mercado trabalho. Nós mulheres em um longo período temporal fomos marcadas pela invisibilidade, seja em seus discursos e suas vidas foram reprimidas, doutrinadas a se sentirem inferiores.

Aproximando nosso recorte temporal ao nosso objeto de pesquisa, observo o empreendedorismo na cidade de Delmiro Gouveia. No contexto histórico, em que vemos a figura do homem, de nome igual à cidade, como símbolo do empreendedorismo. Nessa questão, ao problematizarmos o espaço construído por nossas mulheres que empreendem nesse município. A partir de tal contexto problematizando o trabalho de nossas mulheres de negócios, consideramos importante a abordagem reflexiva para a análise de tal espaço, para análise dos perfis das entrevistadas aqui traçados, mesmo que, não seja perceptível, a primeiro modo vê tais fatos as desigualdades recorrentes e a acumulação de tarefas, e que por si só não compreendidos tão facilmente. Suas falas são os primeiros efeitos de uma nova linha tênue e complexa das relações de trabalho, lar e lugar discursivo. Portanto são as formas as quais nos projetam socialmente com aversão ao papel de vitimismo imposto.

Podemos enxergar profundamente práticas para um empreendedorismo feminino qualificado em Delmiro Gouveia, quando se compara com o cenário geral brasileiro, mas muitas foram às conquistas de nossas mulheres sertanejas. Talvez, a grosso modo foi o que motivou não somente nossas mulheres a serem donas de seus negócios, mas teve parcela enorme quando tentam equiparar melhores condições de vidas, participação na divisão das contas, conforto familiar e a independência financeira complementam as principais pautas das motivações de ser dona do seu próprio negócio.

Em contrapartida por mais que nem todas as entrevistadas percebam a sua importância enquanto trabalhadoras empresárias, o feminismo tem como equivalentes às práticas empresarias das mulheres delmirenses, no entanto, a demanda na temática, evocam simbologias que evocam as próprias correntes e forças empoderadas e cheias de si mesmo que hajam pensamentos de diferença, ou seja medo de rotular-se obstinada, à frente do seu problema reaja como uma afronta aos homens ao seu redor.

Somos mulheres que não tivemos, muitas vezes não tivemos apoio dos outros, mas que vencemos e continuamos a driblar obstáculos (com base nas falas das entrevistadas), dessa maneira ergueu-se o chamado empreendedorismo feminino baseado, nas dificuldades de se tornar algo para além das incertezas. Portanto nossas empreendedoras delmirenses construíram

de forma ainda equivalente seus perfis de empresárias, o perfil das empreendedoras se pode classificar como arrojadas, criativa, conhecem os seus direitos, enérgica em meio as dificuldades são veementemente capazes de se reconstruírem e de levantarem-se novamente.

Ao trazer o empreendedorismo feminino no sertão alagoano, estamos trazendo a importância de uma camada que por muitas vezes foram excluídas da história, ou seja, estamos contribuindo para que se possam ser possíveis novas vertentes de potências femininas e também traçar novas metas para diminuir cada vez mais o disparate sócio cultural das nossas mulheres alagoanas no meio do trabalho.

As vozes nossas mulheres tiveram resultados que poderão indicar às futuras gerações tal arrojo e resistência, para serem determinantes contra o desigual diante do machismo este ímpeto é presente e transformam tal modo tido como uma “fragilidade” em consciência, do valor enquanto sujeita, no sentido oposto de objeto (segundo plano). Então é plausível que tais narrativas de si mesmas como potências delmirenses são o retorno de um feminismo moderno inconsciente, mas arraigados, mesmo que em seus lugares de fala enquanto empresárias ainda sejam destoantes para poucas, a consciência em sua maioria, são as ênfases do seu perfil empresarial.

Portanto, nos reinventamos acima de cada demanda que nos categorizam e lançamos mão dos estereótipos e tentamos subir degraus para além da invisibilidade, somos mulheres, não somente uma classe, que parecem homogêneas. Possuímos identidades, faces e tomamos para nós como nordestinas, empresárias, mães, esposas ou solteiras, classe média, alta, tomamos para cada uma de nós fazer o que quisermos e ser o que escolhemos ser, sejamos empresárias ou não, que driblamos a misoginia através da negação do mesmo, a partir, do momento em que o privado não era o único espaço de liderança de nossas vidas assim se formou e empreendedorismo feminino em Delmiro Gouveia.

6. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. FGV Editora, 2004.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de; RAGO, Margareth. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- BARROS, José. D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BUARQUE, Cristina; WRIGHT, Sonia; LOPES, Fábila (coord.) **Cadernos feministas De economia & política**. Recife: Casa da Mulher do Nordeste, n. 3, 2006 – Semestral. ISSN – 1809-2977
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A revolução Francesa da historiografia/ Peter Burke; tradução Nilo Odalia**. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CAMPOS, Adriana Pereira, **As correntes historiográficas do século XIX e seus procedimentos metodológicos/ DIMENSÕES REVISTA DE HISTÓRIA DA Ufes N.6 ISSN:21798869 1998**. [ACESSO: ABRIL 2018]
- CARNEIRO, Sueli. "Mulheres Negras e Poder: um ensaio sobre a ausência.". **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: , n. 1ª impressão., p. 1-15, (2009).
- CESTAROLLI, Priscila. Lugar de mulher é nos negócios. **ENDEAVOR**, 2016. Disponível em: <https://endeavor.org.br/tomada-de-decisao/lugar-de-mulher-e-nos-negocios/>. Acessado em setembro de 2019
- CHARTIER, Roges; **O homem de letras. o homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.
- DA SILVA SOUZA, F. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, p. 19-39, 2017. ISSN 20.
- DAS NEVES MONTEIRO, Isaque; DE SOUZA LIMA, Stivensam Luiz; OLIVEIRA, Lucas Alexandre. Mulheres empreendedoras: do anonimato à conquista plena. In: **Anais eletrônicos do III JOIN - Jovens Investidores / edição Brasil**, V. 1, 2017, ISSN 2594-8318, 2017
- DIAS, Júlio César Tavares. Erotismo de Gilka Machado: marco da liberação da mulher na literatura. In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. p. 369-382. ISSN: 2176-9060. Disponível: <http://www.unicap.br/coloiodehistoria/http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.369-382.pdf>. Acesso em [10/05/2018].
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DIAS, J. C. T. “Aos caprichos do amor” – poesia e erotismo de Gilka. **Dossiê: literatura infantil e alteridade no mundo lusófono**, Porto Alegre, 9, janeiro- junho 2013. 1-13.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo- SP: Edições Loyola, 1996.

GRZYBOVSKI, Denize; BOSCARIN, Roberta; MIGOTT, Ana Maria Bellani. Estilo feminino de gestão em empresas familiares gaúchas. **Revista de administração Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 185-207, 2002.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

LE GOFF, Jacques; **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

MACHADO, Gilka da Costa de Melo. **Cristais partidos**. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. 1915.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, J. C. S. B. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

KNOX, Miridan. Mulheres no sertão Nordeste In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, Eva. Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: atlas s.a, 2011.

Moreira, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo** 1 Núbia Regina Moreira. - - Campinas, SP : [s. n.], 2007.Orientador: Maria Lygia Quartim de Moraes. Tese (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

MURARO, Rose Marie. **A mulher do terceiro Milênio: uma história da mulher através dos tempos e a perspectiva do futuro** / Rose Marie Muraro. – Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 1992.

NEPOMUCENO, Bebel. “Mulheres Negras Protagonismo Ignorado” In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PEDRO, Joana Maria. “Corpo, prazer e trabalho” In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). In: **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle.; DUBY, Georges. **História das mulheres: o século XIX**. Lisboa: Afrontamento, 1991.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História Operários. Mulheres e Prisioneiros**. [S.l.]: [s.n.], v. 2, 1988.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela MS Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. tradução: Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, v. 2, , p. 3-15, n. 3, 1989. ISSN 3. Acesso em: 21 Abr. 2018.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. **O que é ser empreendedor**. SEBRAE, 2003. Disponível:[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/\\$File/NT00001D9A.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf). (Balcão Sebrae – Distrito Federal). Acessado: 20 de Dezembro de 2018 p. 1-3

PRADO, Maria Ligia. “ Participação feminina no debate público brasileiro” In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth; **Gênero, Patriarcado, Violência/** 2 ed.. – São Paulo : Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMARA, Eni de Mesquita. Mulheres chefes de domicílio: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. **Anuario IEHS: Instituto de Estudios histórico sociales**, n. 7, p. 167-179, 1992. Acesso em [10/05/2018]

SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SOIHET, Rachel; “História das Mulheres” In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/**. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____ “A Conquistas do Espaço Público” In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PÉRICLES, Cicero. **Formação histórica de Alagoas /** - 4 ed. – Maceió: EDUFAL, 2016.

PRIORE, Mary del; *et al*; **História das mulheres no Brasil /** Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

CORREIA, Telma de Barros. **PEDRA: Plano cotidiano operário no sertão/** Telma de Barros Correia. – Campinas, SP: 1998.

VAQUINHAS, Irene. " Miserável e gloriosa": a imagem ambivalente da mulher no século XIX. **Actas do Colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos e pela Casa-Museu de Camilo** em Vila Nova de Famalicão, de 19 a 21 de outubro de 1995, p. 35-52, 1997.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tordesilhas, 1928

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro, Criola, 2010.

REFERÊNCIAL ORAL

CAVALCANTI, Maria de Lourdes Andrade. **In: Acervo Pessoal - Entrevista realizada 13/02/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

CAVALCANTI, Helia Bezerra. **In: Acervo Pessoal - Entrevista Realizada 13/02/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

BEZERRA, Jacira Carvalho da Silva. **In: Acervo Pessoal- Entrevista realizada 13/02/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

OLIVEIRA , Maria Vânia Araújo Silva. **In: Acervo Pessoal – Entrevista realizada 15/02/2019**; Delmiro Gouveia - Alagoas.

PATRÍCIO ,Estelaine Crisostomo. **In: Acervo Pessoal – Entrevista realizada – 09/03/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

ANEXOS

CARTA DE CESSÃO

Convidamos a senhora a participar da pesquisa **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano – Delmiro Gouveia**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, que tem por objetivo compreender o cenário do empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas através da pesquisa de Campo em Delmiro Gouveia.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados nos meios científicos, de forma que a identidade foi cedida publicamente para os devidos fins.

Eu, **Maria de Lourdes Andrade Cavalcanti**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 13/02/2019 para **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando dos direitos dos meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Assinatura da depoente

Assinatura da Pesquisadora responsável

Delmiro Gouveia – AL, 25 de Março de 2019

ENTREVISTADA: MARIA DE LOURDES ANDRADE CAVALCANTI

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA- AL

ESCOLARIDADE: SEMIANALFABETA

DATA DA ENTREVISTA: 13/02/2019

Maele: Idade?

Maria de Lourdes: 74 anos

Maele: Qual é a sua atividade profissional?

Maria de Lourdes: Trabalhar e lutando na vida, na feira trabalhando batalhando.

Maele: “Falar um pouco” de você?

Maria de Lourdes: O que tenho que falar de mim minha “fia”, é meu trabalho que é forçado, a minha idade também já está se completando, e é isso... o que é mais ?

Maele: Descreva sua atividade econômica?

Maria de Lourdes: Minha atividade econômica é [...] Trabalhar mesmo, trabalho na feira, trabalho em casa... é isso.

Maele: Com quantos anos começou a trabalhar?

Maria de Lourdes: comecei a trabalhar na enxada com oito anos de idade, no cabo da enxada trabalhando!

Maele: Você enxerga alguma dificuldade para a inserção da mulher no mercado de trabalho?

Maria de Lourdes: Não, que a mulher tem que enfrentar a vida dela tem que enfrentar de todo jeito. Tem que enfrentar que hoje em dia tem que o trabalho é para o homem e para mulher.

Maele: Quais dificuldades enfrentadas na sua profissão. Já se sentiu discriminada?

Maria de Lourdes: Não, graças a Deus até hoje não. Minha fia é com muita luta, é com muita barreira, não é fácil não, é lutando mesmo... é lutando que se...que se chega lá... não é só assim não

Maele: Você se considera uma empreendedora?

Maria de Lourdes: Minha 'fia' eu nem sei te responder essa palavra... se sou empreendedora se sou só trabalhadora só isso que eu sei lhe dizer...

Maele: Para você o que é ser uma mulher empreendedora?

Maria de Lourdes: Lutar pelos objetivos que ela quer conseguir, correr atrás.

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Maria de Lourdes: Trabalhar e lutar e batalhar só isso que eu sei

Maele: Você considera o feminismo importante para que as mulheres alcancem uma maior atuação no mercado de trabalho e a independência financeira?

Maria de Lourdes: Considero, acho muito importante se o 'caba' conseguir... Se o 'caba' correr atrás e conseguir para mim é uma boa... uma boa parte .

CARTA DE CESSÃO

Convidamos a senhora a participar da pesquisa **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano – Delmiro Gouveia**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, que tem por objetivo compreender o cenário do empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas através da pesquisa de Campo em Delmiro Gouveia.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados nos meios científicos, de forma que a identidade foi cedida publicamente para os devidos fins.

Eu, **Helia Bezerra Cavalcanti**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 13/02/2019 para **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando dos direitos dos meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Helia Bezerra Cavalcanti
Assinatura da depoente

Maele Moreira Sandes Cavalcanti
Assinatura da Pesquisadora responsável

Delmiro Gouveia – AL, 25 de Março de 2019

ENTREVISTADA: HELIA BEZERRA CAVALCANTI

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA- AL

ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO

DATA DA ENTREVISTA: 13/02/2019

Maele: Idade?

Hélia: 49 anos, vou fazer dia 19 do cinco de 2019.

Maele: Qual é a sua atividade profissional?

Hélia: Trabalhar no comércio

Maele: “Falar um pouco” de você?

Hélia: Eu amo trabalhar, só quero que o Senhor me dê duas coisas: saúde e paz.

Maele: Descreva sua atividade econômica?

Hélia: Viajo trabalho todos os dias, viajei... Acabei de chegar, que eu fui fazer as compras para vender, pronto...

Maele: Com quantos anos começou a trabalhar?

Hélia: 10 anos, por que que a minha mãe começou a trabalhar, e eu fui junto dela, porque eu gosto muito de trabalhar, me faz bem.

Maele: Você enxerga alguma dificuldade para a inserção da mulher no mercado de trabalho?

Hélia: Não, hoje a mulher está mais no mercado do que o homem.

Maele: Quais dificuldades enfrentadas na sua profissão. Já se sentiu discriminada?

Hélia: Viajar toda semana, 400 km para fazer compras para trabalhar.

Maele: Você se considera uma empreendedora?

Hélia: Considero.

Maele: Para você o que é ser uma mulher empreendedora?

Hélia: Gostar de trabalhar, com amor.

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Hélia: Trabalhar com tudo, fazer tudo...

Maele: Você considera o feminismo importante para que as mulheres alcancem uma maior atuação no mercado de trabalho e a independência financeira?

Hélia: Considero... Os dois, considero.

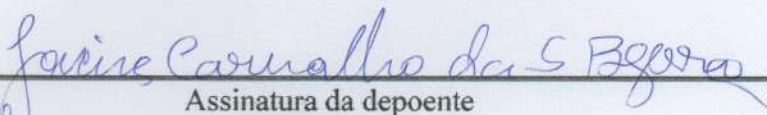
CARTA DE CESSÃO

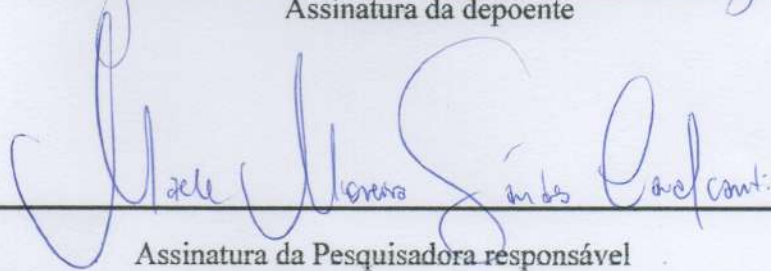
Convidamos a senhora a participar da pesquisa **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano – Delmiro Gouveia**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, que tem por objetivo compreender o cenário do empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas através da pesquisa de Campo em Delmiro Gouveia.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados nos meios científicos, de forma que a identidade foi cedida publicamente para os devidos fins.

Eu, **Jacira Carvalho da Silva Bezerra**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 13/02/2019 para **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando dos direitos dos meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.


Assinatura da depoente


Assinatura da Pesquisadora responsável

Delmiro Gouveia – AL, 25 de Março de 2019

ENTREVISTADA: JACIRA CARVALHO DA SILVA BEZERRA

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA, AL

ESCOLARIDADE: FUNDAMENTAL COMPLETO

DATA DA ENTREVISTA: 13/02/2019

Maele: Idade?

Jacira: 68 anos.

Maele: Qual é a sua atividade profissional?

Jacira: É gestora no ramo de comércio como proprietária.

Maele: “Falar um pouco” de você?

Jacira: Eu sou uma pessoa que faça tudo que gosto tenho o cuidado de fazer com precisão para melhor ‘o autoestima’ e enfrentar as dificuldades que a própria razão oferece.

Maele: Descreva sua atividade econômica?

Jacira: É relativa ou de qualquer outra pessoa no segmento de comércio nós estamos numa situação meio complicada mas a gente acredita que tudo é possível e da melhoria do passo-a-passo, né?

Maele: Com quantos anos começou a trabalhar?

Jacira: Desde muito jovem com 17 anos eu já tinha interesse para entrar no âmbito comercial que hoje se realizou, agora com 50 anos de luta.

Maele: Você enxerga alguma dificuldade para a inserção da mulher no mercado de trabalho?

Jacira: Não, desde que ela se proponha a acreditar no seu potencial e fazer com que a demanda circule nessas dificuldades hoje no comércio.

Maele: Quais dificuldades enfrentadas na sua profissão. Já se sentiu discriminada?

Jacira: Não, graças a Deus nunca senti nunca fui... Nunca fui nem elogiada de má fé, eu sempre fui um potencial com muita responsabilidade e disponibilidade porque eu acredito em tudo que eu faço que é para um relacionamento dinâmico com todas as gerações. As dificuldades são as que qualquer pessoa criatura como ser humano passa né... a dificuldade de Atingir essa meta de lidar com funcionários e impostos governo essa dimensão que está aqui no dia a dia de hoje.

Maele: Você se considera uma empreendedora?

Jacira: Sim, e como né... Porque se tenho 50 anos ramo de comércio, que deitou todos os meus talentos né hoje sinto a dificuldade conforme está relacionado, mas nem por isso eu vou perder meu auto-estima, né?.

Maele: Para você o que é ser uma mulher empreendedora?

Jacira: Ser uma mulher empreendedora é acreditar no seu potencial e está sempre presente na atividade e saber discernir o momento né?

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Jacira: Ele (o papel) é muito extenso né? como... como pessoa, como mãe, como esposa como empreendedora, como colega, para a gente ter uma auto-estima que a coisa não venha a distorcer, ela venha sempre favorecer e ainda acreditar que a mulher importante tudo que faz.

Maele: Você considera o feminismo importante para que as mulheres alcancem uma maior atuação no mercado de trabalho e a independência financeira?

Jacira: Sim, a gente acredita que a mulher como mulher ela não vai tomar o espaço do homem, mas ela tem que agregar valores, né? Deixar um legado como... Como mulher e fazer com que as outras mulheres tenham a mesma referência, né? Porque unindo é que faz a força, né? Quer dizer o legado é importante, o...o... disponível é importante, e terminar, sendo uma soma para o auto estima, para todas as mulheres serem independente financeiramente .

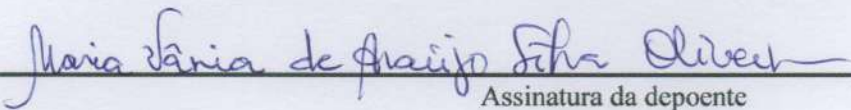
CARTA DE CESSÃO

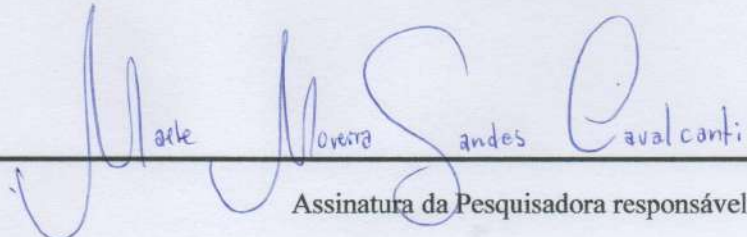
Convidamos a senhora a participar da pesquisa **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano - Delmiro Gouveia**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, que tem por objetivo compreender o cenário do empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas através da pesquisa de Campo em Delmiro Gouveia.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados nos meios científicos, de forma que a identidade foi cedida publicamente para os devidos fins.

Eu, **Maria Vânia Araújo Silva Oliveira**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 15/02/2019 para **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando dos direitos dos meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.


Assinatura da depoente


Assinatura da Pesquisadora responsável

Delmiro Gouveia – AL, 25 de Março de 2019

ENTREVISTADA: MARIA VÂNIA ARAÚJO SILVA OLIVEIRA

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA, AL

ESCOLARIDADE: SUPERIOR COMPLETO COM PÓS-GRADUAÇÃO;

DATA DA ENTREVISTA: 15/02/2019

Maele: Idade?

Maria Vânia: 45 anos

Maele: Qual é a sua atividade profissional?

Maria Vânia: Hoje, é... Exerço o papel de digamos assim... Administradora no comércio de papelaria, porque hoje? Porque já passei por muitos ramos de atividade.

Maele: “Falar um pouco” de você?

Maria Vânia: Meu nome é Maria Vânia, né? Sou do Sertão alagoano da região de Água Branca e crescendo uma família de classe média posso dizer que baixa né, então assim passei por muita dificuldade, mas, é nunca, nunca me entristeci por isso, e nem me sentir inferiorizada né? Muito pelo contrário e foi o impulso que eu precisava para buscar algo melhor para minha vida e também trazer minha família junto comigo né? Então assim é... Isso foi o impulso para que eu precisava... Para me inserir no mercado de trabalho, mas antes né? Me aprimorando, através dos estudos, e então eu cresci meu pai ouvindo...que não... cresci ouvindo meu pai dizer que: - Não tinha bens materiais, mas fazia questão de que a gente tivesse uma educação de qualidade. Mesmo que na escola pública, mas ele fez tudo que ele pode... E aí é... Iniciei meus estudos lá na zona rural mesmo, depois em cima de caminhão, de carro de lixo, de caçamba. É... Terminei fui até o ensino médio, depois sem nem ter conhecimento de faculdades na minha região, né? meti a cara no estado da Bahia e fui por conta própria fazer vestibular, né? E fiz vestibular para pedagogia porque eu também já tinha começado a dar aula, por ter feito ensino médio na área do magistério né? E de lá para cá não parei mais [...]

Maele: Descreva sua atividade econômica?

Maria Vânia: Hoje, né? Hoje eu 'tô' no ramo de papelaria né? O meu marido iniciou com papelaria pequena, e eu fazia parte de outro ramo. Como eu disse antes me formei para pedagogia, e aí comecei a ajudá-lo, e percebi que, por ele ter menos estudo que eu... percebi que ele precisava de ajuda. E aí trabalha nesse outro ramo na área da educação, mas o tempinho que sobrava eu ajudava nessa área de papelaria. E aí a gente foi crescendo... né? Hoje a gente é em uma papelaria bem maior, né? Bem Maior mesmo! Graças a Deus! E a nossa cidade foi um campo... Foi não, é! Um campo rico, né? E nós e nós acompanhando o tempo né, a modernidade, as pessoas que vão surgindo os estudantes, os professores, as necessidades a gente foi crescendo junto.

Maele: Com quantos anos começou a trabalhar?

Maria Vânia: Olha (risos) é... trabalhar, trabalhar com contrato com carteira assinada com 18, mas eu trabalho desde muito cedo, muito antes disso eu já ganhava meus trocados (risos) já ganhava meus trocados no ramo da vendas, né! No ramo das vendas e desde os 13 anos, já foi o que eu tenho lembrança... a partir dos 13 anos já comecei a comprar minhas, minhas próprias coisas, ajudando a minha mãe e... Mas com 18 anos eu entrei como eu já disse você no ramo de... no ramo da educação e já comecei a dar aula numa sala 'multisseriada' tinha 18 anos. Com 19 firme primeiro concurso, depois vai fazer uns concursos da vida e aí fui recenseadora, eu dei aula para todas as séries, eu fui coordenadora pedagógica, dirigir escola... e aí né... Quando comecei... quando eu vim pra cá... Aí eu comecei a perceber, né? Demorou um tempo claro, para a transição, mas eu percebi que eu gostava de ficar aqui, e aqui 'tô' até hoje.

Maele: Você enxerga alguma dificuldade para a inserção da mulher no mercado de trabalho?

Maria Vânia: Olhe, eu enxergo! Eu enxergo, porque infelizmente nós somos nós estamos inseridos no país machista, né! no país machista onde a mulher ainda é vista de uma forma inferior...né? Como... como a pessoa sensível, o sexo frágil, né? Mas eu também acho que... eu também acho que... Depende muito da gente, depende muito das mulheres, depende de cada uma, depende da posição que... Em que ela se coloca na sociedade.... E... E para mim, né? Para mim eu nunca tive dificuldade, sempre bati de frente com qualquer um... Homem/mulher e o concurso que eu me atrevi a fazer eu passei, né? A colocação em que eu consegui, consegui passar fui inserida nas vagas que existiam e nunca nunca senti dificuldade não, mas para a maioria, acredito que sim, inclusive né... Algumas profissões ainda existem algumas profissões

em que... Em que a mulher ela não ela não é bem vista não... né? ela não é aceita não... Porém o mundo está mudando, né? O mundo está se modernizando e eu acredito que a gente pode chegar onde quiser. A questão assim é muito colocado essa questão da força para alguns trabalhos, né?

No caso da construção civil, né! Eu acho é o ramo que foi muito e sempre foi muito masculinizado, mas hoje nós já temos muitas mulheres inseridas nesse... nesse mercado de trabalho ,eu acho que tem mais ou menos força física não impede nada não. Então eu acho que a gente chega onde quiser a mulher ela pode chegar onde ela quiser.

Maele: Quais dificuldades enfrentadas na sua profissão. Já se sentiu discriminada?

Maria Vânia: ‘Olhe’... Dificuldades é como eu falei anteriormente... Dificuldades elas sempre vão existir, mas para mim nunca teve nenhuma não. De jeito nenhum, eu sempre me senti no mesmo grau de... De...no mesmo grau de colocação e discriminada não, porque assim mesmo, mesmo se isso fosse acontecer eu rebateria, não deixaria me discriminar de jeito nenhum, e também, eu nunca me senti discriminada não...

Maele: Você se considera uma empreendedora?

Maria Vânia: Eu sim! Eu já nasci empreendedora [risos], eu já nasci empreendedora! Porque empreender para mim, uma pessoa empreendedora é aquela que ela não encontra obstáculo pela frente não... Se ela encontrar ela vai “galgar”, ela vai fazer o possível para passar por eles... e assim, uma pessoa empreendedora: é aquela que nunca perde a coragem, é aquela que nunca perde o foco, ela tem fé, ela é inovadora, ela é criativa...

Maele: Para você o que é ser uma mulher empreendedora?

Maria Vânia: Olha ser uma mulher empreendedora é... aquela mulher que... que tem coragem para tudo, né! Empreendedorismo não é somente você está inserido no mercado de trabalho, né! Na área de produção, na área de comércio... não é! Empreendedorismo para mim é você ter coragem para enfrentar todas as batalhas na sua vida, é você ter coragem para acompanhar o mercado de trabalho é você ter coragem para assumir a sua função com a sua família, é você ter coragem para se colocar à frente das... das... dificuldades, e encontrar as soluções para os seus problemas, ser uma mulher empreendedora é isso... nunca baixar a cabeça, nunca se sentir superior, muito menos inferior a ninguém.

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Maria Vânia: O papel da mulher no mercado de trabalho para mim é igual ao do homem... nós somos importantes, né? Para o crescimento do país e assim... eu percebo, né? algo a mais... inclusive né, na questão da mulher inserida no mercado de trabalho; porque não é por eu ser mulher que eu estou falando isso não... mas acho, que a mulher ela tem a questão da sensibilidade, né! Tem a questão da organização, do olhar refinado, né? É sim! [afirmação do que fala] tem a questão também, né? Da... do sentimento, ela é mais delicada, né?

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Maria Vânia: Então eu acho que ela pode... eu acho não eu tenho certeza! a mulher no mercado de trabalho é o diferencial que o nosso país precisa; Eu acredito que ... ela deveria ... não, nós, né? Ir mais além, deveríamos entrar em todos os âmbitos, inclusive no da política, que a 'danação' do nosso país, a desgraça é essa política 'aí' e corrupta, e então assim ... eu sinto muita falta das mulheres nesse papel, porque se as mulheres ... apesar que uma chegou lá no topo, né? a presidente mas que, mas que foi boicotada, né?, mas eu acredito que a gente pode ir muito longe, a gente chegando no topo, galgando os topos muita coisa se modifica...

Maele: Você considera o feminismo importante para que as mulheres alcancem uma maior atuação no mercado de trabalho e a independência financeira?

Maria Vânia: Eu considero sim! né? Apesar de que muita gente deturpar essa questão do feminismo, para mim o feminismo, para mim não, né? o... a... o significado de feminismo é você... é você ter consciência do seu papel de atuação no mundo; Então assim... o feminismo ele é um movimento importante para que a gente conheça os nossos deveres, busque pelos nossos direitos, né? Essa deturpação que as pessoas fazem no feminismo é muito negativa ,porém, a gente quando busca procurar saber o que é, que é a gente se encontra, por que a gente precisa se empoderar, né? do nosso papel no mundo, que ele é importantíssimo, que ele é necessário, né?

Então eu acho que esse movimento do feminismo ele é importante sim, e aí né? quando nós nos conscientizarmos do nosso papel no mundo que nós não somos inferiores a ninguém, que nós podemos tudo ; E nós podemos chegar um de nós quisermos; Em qualquer campo então assim... com certeza a nossa atuação no mercado de trabalho vai ser diferenciado do que ela é hoje.

Apesar que a gente já... já... já tem, alcançou né? Um grande um grande patamar, mas eu acho que a gente pode muito longe porque ainda tem Infelizmente... eu fico chocada ainda tem Infelizmente.. Muita mulher que... que ela se coloca no papel inferior, né? Ela se coloca; então quando a gente tomar posse desse movimento do feminismo “né” quando a gente quando a gente realmente conhece o que vem a ser realmente o feminismo... Então a gente jamais “né” se colocar em posição inferior; E aí consequentemente claro né a nossa independência financeira, então assim eu nunca fui dependente financeiramente, né? já cresci independente financeiramente ajudando a minha mãe, ajudando meu pai nunca me submeter a esperar por homem nenhum [risos] [Interrupções]

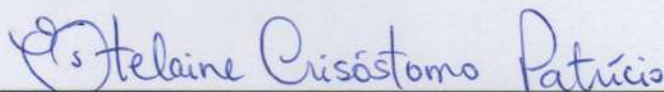
CARTA DE CESSÃO

Convidamos a senhora a participar da pesquisa **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano - Delmiro Gouveia**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, que tem por objetivo compreender o cenário do empreendedorismo feminino no sertão de Alagoas através da pesquisa de Campo em Delmiro Gouveia.

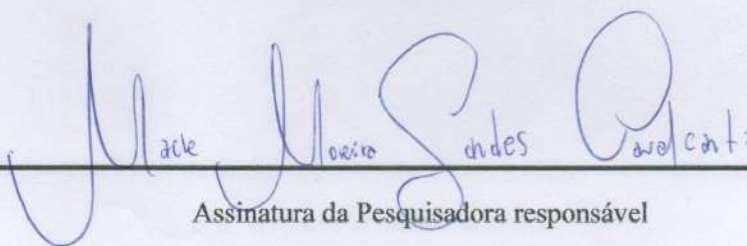
Os resultados dessa pesquisa serão publicados nos meios científicos, de forma que a identidade foi cedida publicamente para os devidos fins.

Eu, **Estelaine Crisóstomo Patricio**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 09/03/2019 para **Maele Moreira Sandes Cavalcanti**, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando dos direitos dos meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Assinatura da depoente



Assinatura da Pesquisadora responsável

Delmiro Gouveia – AL, 25 de Março de 2019

ENTREVISTADA: ESTELAINE CRISOSTOMO PATRÍCIO

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA, AL

ESCOLARIDADE: MÉDIO TÉCNICO COM ESPECIALIZAÇÃO EM CAUCULOS ESTRUTURAIS

DATA DA ENTREVISTA: 09/03/2019

Maele: Idade?

Estelaine: Eu tenho 46 anos

Maele: Qual é a sua atividade profissional?

Estelaine: Trabalho com material de construção, especializado em piso e Revestimento.

Maele: “Falar um pouco” de você?

Estelaine: Assim eu vou contar a história da empresa aqui em Delmiro, porque ela tem muita coisa a ver com o lado pessoal também entendeu ? Aí assim... eu sou, eu vim de Belém do Pará me para me casar, morei 3 anos em Paulo Afonso, e o relacionamento não deu certo, e eu vim e é..., colocar um negócio para mim, eu sou,eu trabalho na área de construção civil, eu sou técnica em edificações, tenho nível técnico segundo grau, e aí eu trabalhei 10 anos com isso, né? trabalhei muito tempo nessa área que geralmente é dos homens, né? mas Trabalhei muitos anos com essa área de projeto, projeto estrutural e aí quando cheguei em Paulo Afonso coloquei meu currículo e trabalhei um tempo para Chesf. Como o relacionamento não deu certo, meu lado pessoal, e a gente ‘estava’ colocando a primeira empresa em Paulo Afonso, eu vi que, tinha como colocar outra aqui em Delmiro, entendeu? Aí como o relacionamento ficou nesse estado, eu disse: eu vou ter que ficar à disposição da empresa, para eu estar viajando, entendeu? na função que eu tava. E aí eu percebi que seria melhor colocar uma loja para mim, como eu disse na época para o Marcelo, que você deve conhecer também eu disse: - Olha o Marcelo é melhor você me ajudar a botar uma loja, porque eu fico Independente de você, e aí eu tenho como dar assistência para o meus filhos, se eu voltar para Belém do Pará, e ia colocar os meus filhos com a minha mãe e eles iam ficar longe do pai, e eu ia até que ter que estar à disposição das empresas viajando, eu não ia dar aquela assistência toda. E foi quando eu vim para Delmiro no ano 2000 tava com menino de 2 anos e outro grávida, né? Porque eu percebi que na segunda gravidez não

ia dar certo igual como foi a primeira, mas já percebi logo que o relacionamento não tinha como. Aí vim embora quando eu vim, para Delmiro eu pensei só tinha uma opção, essa empresa tinha que dá certo, então todos os dias o que eu pensava era tudo que eu pudesse fazer para empresa crescer, 'tava' bem focada nisso, ninguém me via na cidade, não sei se era algum tipo de depressão, alguma coisa assim não sei, mas, ninguém me via igreja, ninguém me via em festa, nada, nada, nada, a única coisa que eu fazia era trabalhar, fazer amizade com os clientes e dava assistência para o meus filhos né. E aí foi passou-se três anos, foi três anos e meio mais ou menos eu fiz um retiro, esse rapaz com que eu tive meus filhos em Paulo Afonso ele fez O Retiro comigo, e aí ele finalmente falou em casamento e aí ele veio para Delmiro a gente morou aqui né, ele veio morar aqui e aí pronto nós juntos somou, porque ele tinha muita ousadia numa área, eu tenho eu gostava de controle de qualidade, organização de outras coisas, então eram duas cabeças que se completavam entendeu. Porém uma das perguntas que você falou aqui né falando sobre os empecilhos que a gente encara dentro de uma profissão justamente foi o machismo 'né?' Então como meu esposo ele como homem tinha que aquela mentalidade que eu digo que é muito do Nordeste, eu não vejo muito isso aonde é a minha cidade Belém do Pará não, eu vejo muito incentivo, eu vejo muita igualdade, eu vejo muitas mulheres brigando por isso pelo seu espaço sabe? E vejo reconhecimento. Quando eu cheguei para morar aqui na região eu percebi que... existe um atraso muito grande na mentalidade até das próprias mulheres, perceber o seu lugar seu lugar no mundo, sabe? Eu percebi muito isso a nova geração, essa geração que está estudando para fazer essa diferença na no mundo eu 'tô' percebendo agora chegando faculdades aqui na região, são outras cabeças, são pessoas totalmente diferente é o desenvolvimento é outro. Então isso vai fazer com que a que a região desenvolva cresça floresça né? Eu acho assim vai aparecer muitas oportunidades a mais passamos a empresa no ano 2000, Ela tem 19 anos hoje ela tem torno de 20 funcionários graças a Deus. Mas foi tudo muito difícil, a gente começou acho que os primeiros seis anos, sete anos; a gente tinha entrega faz entrega em carroça de burro de essa mercadoria que eu trabalho que era que é piso e revestimento, tudo era entregue com as carroças de burro, e eu vinha pagando um consórcio investindo aos poucos para receber um caminhão mais na frente, comecei conseguir, e eu me sinto empreendedora sim!

Por causa desses planos que a gente faz dentro da empresa porque eu sempre fui de colocar meta eu botava uma meta e corria atrás dela, então sempre desde o começo eu lembro da primeira vez que eu entrei em Delmiro eu dizia: meu pai se eu ganho R\$ 350 na época e 99 mais ou menos 98 eu ganhava mais ou menos esse salário eu sozinha solteira dava para mim

então eu e mais um filho para mim ficaria tranquilo e receber esse valor, eu não sei em questão de salários mínimos. Quanto era aí quando eu cheguei aqui eu disse se eu vender 350 m de piso eu vou conseguir cumprir com todas as despesas do meu mês, e comecei a fazer panfleto, espalhar pela cidade, andar pela cidade, chamei umas mocinhas para me ajudar. A distribuir. E meu filho... E tinha um filho pequeno ainda, o outro ainda não tinha nascido né? E a gente foi espalhar, esse essas coisas pela cidade, antes de eu ir na inaugurar loja estava com tudo arrumado, sim mas não tinha papelada não tinha CNPJ, e veio um rapaz comprar, já começou a comprar com as portas fechadas ainda, e eu já comecei a vender, quando eu fechei o primeiro mês eu vendi 800 m, quer dizer coloquei uma meta de 350 metros e vendi mais do que o dobro, então eu achei maravilhoso. Porque tinha muito investimento para fazer, e a meta faz parte da vida da gente né? São os sonhos que a gente divide ele, como a gente faz um plano para realizar esse sonho, porque não adianta a gente só sonhar; e não ter data, não ter nada, não tem número, não tem nenhum... nada para a gente se orientar. Então eu coloquei essa meta e vence o primeiro mês, e assim foi devagarzinho mensalmente a gente foi crescendo, crescendo e devagarzinho eu ia montando a empresa procurando um lugar melhor, ter uma empresa bem pequenininha, me mudei três vezes, morando de aluguel. Quando chego em 2007 teve uma diferença muito grande na empresa, quando comecei a conhecer o SEBRAE, a gente fez... Eu fiz um curso no Sebrae de é o EMPRETEC e saí de lá como diz assim ‘ Pegando Fogo’. E lembro de uns dois dias antes de terminar meu esposo falava: “Pronto agora mulher ‘endoidou’ não cuida mais dos filhos, não quer saber da casa, não quer saber de comida, não quer saber mais da empresa, não trabalha mais, só quer estar nesse curso. Então algum dia que eu ouvi isso fui dormir até chorando, porque eu sabia que eu estava cheio de tarefa para fazer naquele dia, para apresentar de manhã cedo 8 horas da manhã. Então a gente encara muita dificuldade, porque você ser mulher, eu acredito que, em qualquer área, tem que ter buscar muita força mesmo, para lutar, por que não é brincadeira, pessoas para dizer que você é só para fazer coisa de casa ou só cuidar de filho, e eu que você encontra, e na maioria das famílias. Então assim você tem que mesmo encarar e dizer eu tenho meu lado profissional! Eu sou mulher sou mãe, sou, né? Eu sou dona de casa, mas eu tenho meu lado profissional brigar e perceber que é importante sim o nosso valor sabe? até porque dentro da igreja eles dizem se as mulheres tive tomassem conta das políticas, das coisas ainda que a gente fala muito da política, na questão de corrupção né? Então se fossem as mulheres que fizessem parte da administração das coisas, tudo seria diferente até as guerras, não aconteceriam! porque as mulheres iam pensar nos seus filhos, ela tem uma visão completamente diferente do mundo então ela ia procurar uma forma que fosse para o lado da Paz, sabe? Então a visão feminina ela é muito diferente do homem, e muitas vezes ele não

permite, ele as vezes, ele não permite que se desenvolva mais, porque ele sabe do nosso valor tá entendendo? a ele que é às vezes como é que diz... dominar, não é verdade? Que é o que é o domínio já quantos séculos? que acontece isso, dominam a mulher porque ele sabe do valor que a gente tem, né?

Maele: Descreva sua atividade econômica?

Estelaine: Trabalho com material de construção é somente especializado em piso e Revestimento né de residência penso às vezes chega tem alguns estudos que falam que aqui tem algumas áreas em aberto em Delmiro a gente pensa nisso e botar o lustre alguma coisa diferenciada hoje a gente não tem o espaço dentro da empresa dentro da loja mas a gente pensa em colocar coisa diferenciada lá sim pessoal pergunta

Maele: Com quantos anos começou a trabalhar?

Estelaine: Eu comecei a trabalhar com 14 anos fiz o segundo grau dentro da Escola Técnica, não é o segundo grau normal que prepara você para fazer um vestibular, nada, nada de matéria Matemática, Português não existia, era cortar madeira para fazer emenda de telhado, era levantar parede entendeu? Então tinha muita coisa técnica e mão de obra como é que fala... era mais mão na massa, né? Eu fazia projeto eu mexia no topografia naquele... 'naqueles' aparelho, era apaixonante. O curso eu gostei muito e lá dentro da escola tinha várias coisas tinha bolsistas, você se inscreva e consegui a bolsa para trabalhar 3 horas por dia e ganhar 1/4 do salário mínimo para mim já era maravilhoso para quem não tinha nenhuma mesada, então já era um trabalho, já comprava alguma coisinha né? quando eu fiz 18 anos que terminei a Escola Técnica eu fiz estágio, era meio salário mínimo também foi não lembro... se foi seis meses ou um ano, aí eu fiz esse estágio logo depois, como fiz em uma área bem complicada que era de cálculo estrutural, que é cálculo de prédio essas coisas... tinham muito pouco os técnicos para essa área então não faltava emprego graças a Deus. Me chamavam o primeiro... o primeiro Shopping de Belém Pará eu trabalhei no projeto por dois anos então quando foi o segundo shopping já sabia me chamaram novamente, então na época que era para eu passar para obra foi a época que eu namorava e eu tinha que decidir entre o trabalho ou vim embora para o Nordeste porque era uma obra de dois anos, mas e o namorado não queria esperar, e aí eu tive que vir, mas é isso.

Maele: Você enxerga alguma dificuldade para a inserção da mulher no mercado de trabalho?

Estelaine: É... Eu acredito que a mulher ela pode estar em qualquer lugar hoje. Qualquer lugar ela cabe entendeu? Você não conhece muito lá empresa, mas se você for conhecer lá tem três mulheres, as três mulheres que estão dos quase vinte (funcionários), três é mulher, a gente pergunta: só três? A mulher, porque... porque é um trabalho muito pesado na verdade né? É um trabalho dos vendedores... que pegam peso, todo mundo meus filhos que trabalham ajudando também, tem as áreas administrativa, já estão trabalhando, pega um peso também, todo mundo pega em peso... menos as mulheres. Então, mas as três mulheres que estão elas estão em três funções de liderança um líder no depósito, outra é líder dentro da loja, outra é líder ela é na parte financeira, então elas são líderes, eu confio nelas como líder está vendo poderia ser os homens também, mas só que, elas são assim uma um pensamento muito completo, não é só uma coisa. O homem é de um jeito a mulher muito completa, elas têm um pensamento... assim, bem aberto. Eu acho isso muito importante e soma muito, na empresa, qualquer lugar eu acredito que ela 'caiba'.

Maele: Quais dificuldades enfrentadas na sua profissão. Já se sentiu discriminada?

Estelaine: Sim, já senti discriminada ... deixa eu ver... pronto justamente é meu esposo, era um relacionamento é uma empresa familiar, e assim, existe uma competitividade entre... uma competição que não tinha necessidade de existir, porque eu sou muito boa em umas coisas, e ele é excelente em outras, e juntando os dois se completa e se forma, tá entendendo? O tanto que são 20 pessoas que trabalham comigo, mas eu meus dois filhos e mais outras pessoas. Então quando soma, cada um vem com uma ideia diferente, tem uma função diferente, e um não... não fica, no setor e não sobrevivem sem o outro. Todos os setores são interligados 'né' verdade? É tipo uma família, a gente precisa um do outro sempre. Então, mas ele não ver o relacionamento do casal, se o homem não der valor a mulher, quer dizer, uma empresa que 'tá' o marido e a mulher dele, não der valor a ela, da forma que ela dá, aí sim, isso eu acredito que foi discriminação que eu passei lá dentro. Infelizmente foi 'logo' com marido né? Mas assim, acontece... Acontece isso, acontece com colegas de trabalho, eu... Eu como eu falava para ele: - Olha Marcelo eu já trabalhei muito empresa e sempre fui respeitada, todo lugar que eu trabalhei, sempre fui respeitada e quando chegar na minha própria empresa, não ter o respeito de quem era para ser meu companheiro dentro, para a gente pensar junto, nas soluções de tudo, na administração, nas decisões, aí você não dá valor, entendeu? e eu dou valor a você porque não dá mim? Qual é a diferença de nós? - Não porque as mulheres de hoje em dia, são feministas.

Eu não acredito que eu seja a feminista, feminista é você não... Quer ser eu acredito que... É você não querer mais o seu papel como mãe, seu papel como sabe... Como dona de casa, eu me preocupo! Administro minha casa, eu administro minha... a minha função como mãe entendeu? Eu não larguei nada.. de parar e brigar só pelos direitos das mulheres... Não... Não eu faço a minha diferença, onde eu estou que é aqui Delmiro Gouveia.

Maele: Você se considera uma empreendedora?

Estelaine: Sim, sim... Como eu já falei alguns pontos né? Por exemplo, é... Houve uma situação de uma loja de Petrolândia, que era de um cunhado meu era da minha cunhada anteriormente ela deixou uma dívida muito grande para o meu cunhado, ela foi embora para São Paulo e pediu para ele ficar só depositando o valor dela. E aí ela deixou a dívida para ele, e ele e a esposa não tinha conhecimento de administração. E eles pegaram começaram a negociar as dívidas com mais juros, e mais juros renegociação de novo, aí... Muitos juros, então com 4 anos a empresa estava 'quebradíssima'... Estava com uma dívida horrível.

Eles não conseguiam, nem mais fazer o principal que era INSS e FGTS de funcionário, sem isso (INSS E FGTS) está em dia, eles não podiam nem demitir os funcionários. Chegou o momento da empresa que alguém tinha que ajudar e da família, então meu esposo tinha passado por uma depressão, não tinha condição psicológica, a irmã dele que já tinha sido dona antes, não tinha crédito em nenhum lugar, esse irmão dele também não tinha condição, mas era ele que estava tomando conta e quebrou mesmo... não tinha mais... não tinha mais o que ser feito. Então alguém tinha que ter crédito e pulso para tomar conta, entendeu? E quando chegou na hora, eu disse: quem vai tomar conta... meus olhos brilharam e esse brilho eu tenho certeza que é do empreendedor, porque quando eu vi aquela empresa; ela tinha um bom produto; as pessoas na cidade querem aquele produto, mas não tem dinheiro para comprar, você tem como manter... Então como eu tinha crédito, e tinha vontade, aí... eu tinha essa vontade de... de pegar essa empresa, como eu tive, aí eu disse: quem vai tomar conta dessa loja sou eu. Novamente meu esposo disse: - Pronto agora tá doida, vai abandonar tudo por tudo por causa dessa loja. Eu disse: não se preocupe que eu vou dia e volto no outro, e a gente tem internet hoje em dia, a gente tem telefone, vou estar com meu programa aqui trabalhando na minha casa e fazendo as coisas, não é verdade? Pronto... então eu peguei uma empresa com uma dívida de R\$ 800.000,00. Tá doida? -Não (pergunta a si mesmo), eu acreditava naquela empresa, senão não tinha feito. Eu... eu peguei o que tinha de positivo, que que tinha de negativo e 800.000,00 mil

menos o que tinha lá (empresa) de coisas, eu abati e deu -578.000 negativo. Então o que eu fiz? eu fiz uma meta para 3 anos, isso quem faz é um empreendedor, que tem visão. Então eu dizia: Em três anos eu pago essa dívida, meu pró-labore vai ser bem 'pequenino', porque eu já recebia nessa loja (em Delmiro Gouveia), eu vou receber só um valorzinho' R\$ 2.000,00 (dois mil reais) é o valor que eu vou pegar como pró-labore de lá... E vou está plantando para colher, colher lá na frente, eu disse: esses três anos eu vou estar pagando dívidas... fiz uma nova estrutura, mudei a frente da loja, a gente pegou um terreno baldio, que tinha lá atrás, falou com dono fizemos uma coberta e um depósito lá, para fazer e descarregamento por outra rua, e não mais pela rua principal. Então, isso foi perfeito, aí dobrou tamanho do depósito, foi em três anos eu consegui pagar essa dívida, no quarto ano meu a minha meta era capitalizar empresa, ou seja, ela ter começar a ter dinheiro para respirar e fazer outras coisas, no quinto ano eu disse que ia vender a empresa, por que eu ia vender com 5 anos, meu esposo disse: - 'oxi' vai vender como tá boa? Eu disse: eu vou vender ela quebrada? Eu quero vender enquanto ela vale algo... Hoje em dia empresa vale R\$ 800.000,00. Aí era uma coisa que era lá no começo... né? Então agora, quem foi que fez isso? Fui eu não, foi um trabalho coletivo, foi um pensamento, meu pensamento como empreendedora, ela entrou na parte de administrar, mas tudo, uma equipe pensando em quê? O crescimento né? E os clientes satisfeitos, fazem com que a empresa cresça... e aí pronto a empresa tá lá! Na hora de vender meu esposo não deixou... [risos] aí ele quis ficar com a empresa.

Maele: Para você o que é ser uma mulher empreendedora?

Estelaine: O que é? Eu acredito que é não só focar somente no trabalho é justamente o que eu disse a você sobre família, e a gente conseguir gerenciar, gerir o nosso tempo, nós temos que ser gestores do nosso tempo. Tempo para família, tempo para igreja, tempo para o trabalho, e tudo no equilíbrio... Eu acredito que ser empreendedora é esse... Essa gestão do tempo e uma visão do Futuro.

Maele: Qual o papel da mulher no mercado de trabalho?

Estelaine: Muito importante! Muito importante... Todas as mulheres... Eu agora tenho umas noras, né? Eu tenho minhas amigas, e, eu vejo o quanto é importante uma mulher dentro de qualquer lugar, em qualquer ambiente, tem que ter uma mulher, quando não tem mulher o

negócio é bagunçado... Então a diferença é grande, a visão, a delicadeza, a forma de ver, o carinho com que a mulher vê as situações... É completamente diferente do homem, empresas que só tem homem você percebe logo... Você ver a diferença que é muito grande mesmo.

Maele: Você considera o feminismo importante para que as mulheres alcancem uma maior atuação no mercado de trabalho e a independência financeira?

Estelaine: Às vezes eu me acho machista, Por quê? Porque, eu acredito que a gente como mulher de tem que se preocupar sim, com o nosso marido, com os nossos filhos, sabe? Aquelas... Vezes a gente diz assim: - não, não quero mais ser mulher, quer ser o homem... Deus fez o homem fez a mulher o homem caçava, pescava e trazia a provisão para dentro de casa, o que que a mulher fazia? cuidava de filho, cuidava da comida, cuidava da casa, esperava o marido chegar para fazer o alimento, né? Então o que acontece hoje em dia, a mulher não quer fazer mais nada disso (tarefas domésticas) ... e quer fazer o que o homem faz. Só que a mulher, não é homem! Ela nunca vai ser o homem ... Então a gente, já procurou abraçar o lado profissional além de tudo, que a gente já fazia... eu acho ruim, você pensar 'num' lado ... tem que estudar ... Você que vai fazer um trabalho para esse lado do feminismo também vendo que peso ele tem como ele é eu não tenho esse estudo sobre o feminismo, mas tem muita coisa que eu já ouvi, que eu discordo totalmente, tipo como assim? Aí eu tenho três filhos, eles tem que se virar, e eu... entendeu? eu... eu percebo a minha importância como mãe, como educadora, eu percebo minha importância... quando a dona da casa, que quer as coisas feitas da forma que agrade a minha família, tá entendendo? Escolhendo as coisas do jeito que eu gosto, gosto de ser a dona da minha casa, eu acho complicado você ser feminista, e...e, é uma uma visão que você tem que está fazendo esse trabalho, tem que estudar um pouco 'a fundo' realmente, sobre o feminismo para saber sobre isso, porque tem coisas que eu não concordo de jeito nenhum! Eu acredito sim que a mulher tem que ter o seu lado profissional, mas feminismo tem que vê onde ele se encaixa ...